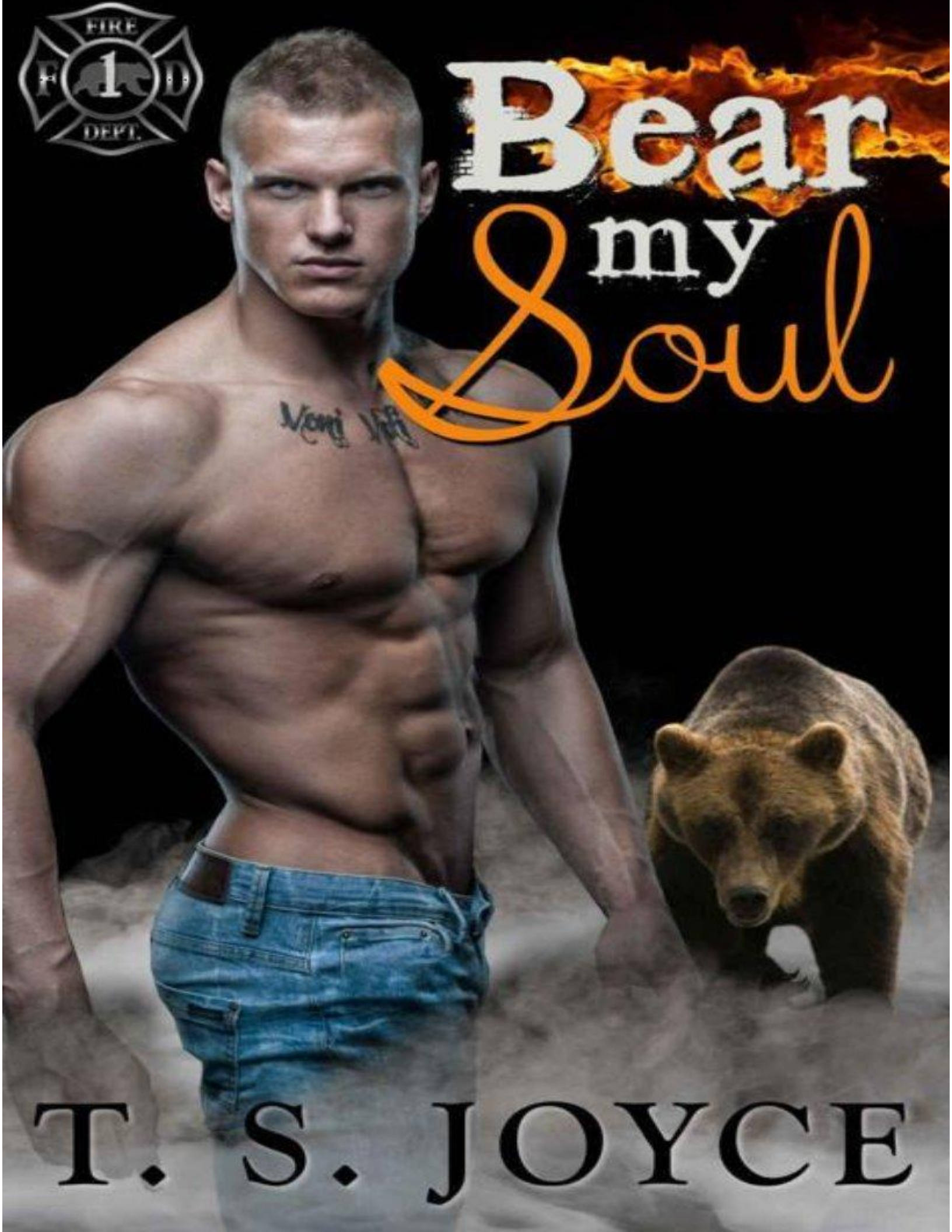

FIRE
F 1 D
DEPT.
Bear my Soul
T. S. JOYCE

Portal E-book's Exclusive




#Série Fire Bears

TRADUÇÃO: Elza

REVISÃO INICIAL: Ingrid;

REVISÃO FINAL: Lina Kayala

LEITURA FINAL: Patycris

FORMATAÇÃO: Elza Volkova

# Damon's Mountains

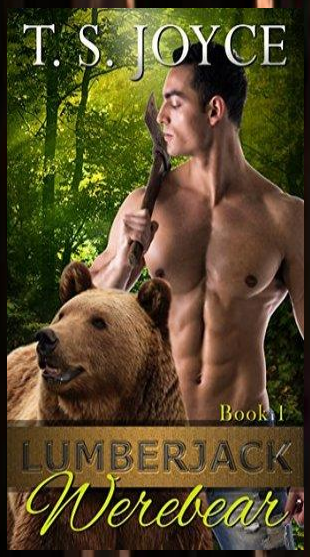
T. S. JOYCE

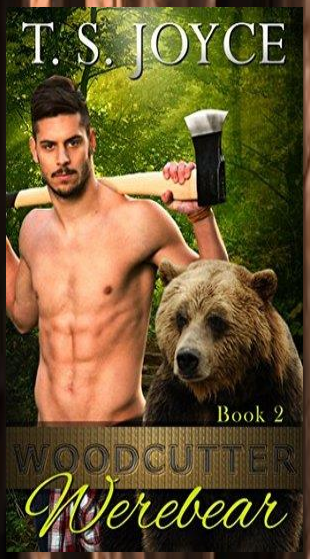
SÉRIE FIRE BEARS

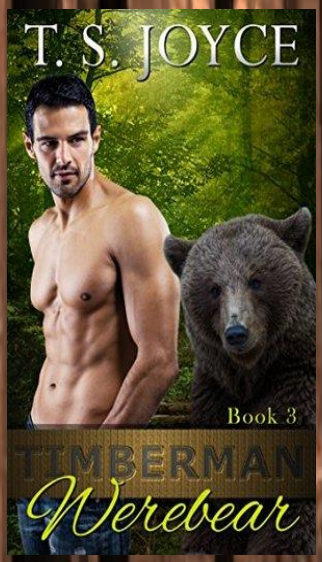
# Damon's Mountains

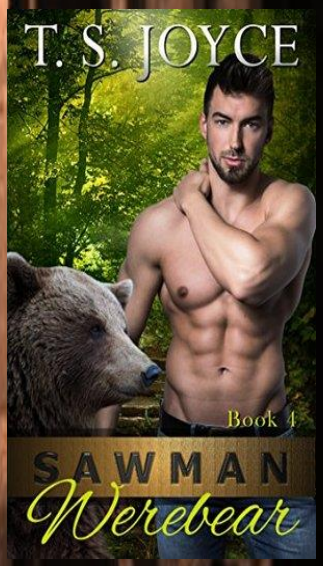
## T. S. JOYCE

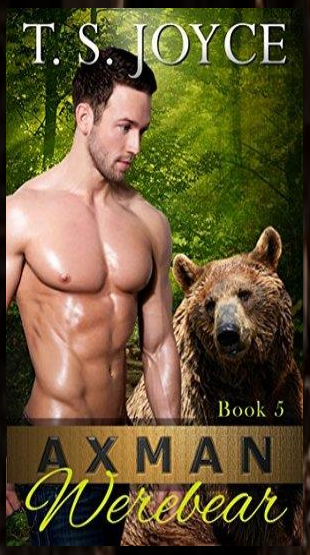
## SÉRIE FIRE BEARS

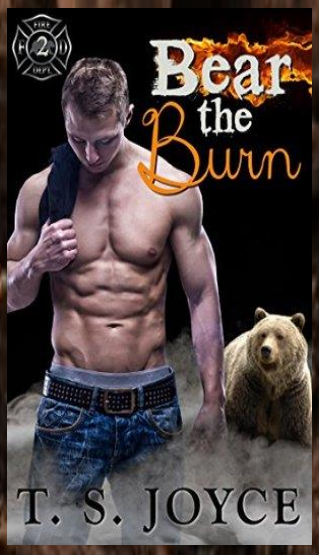


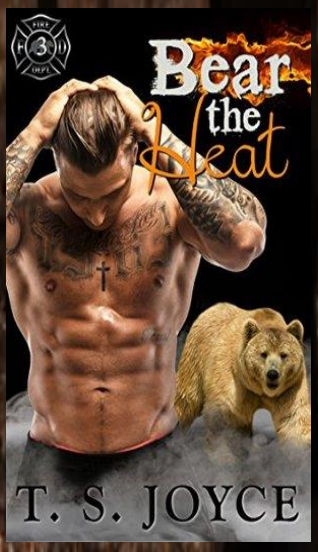



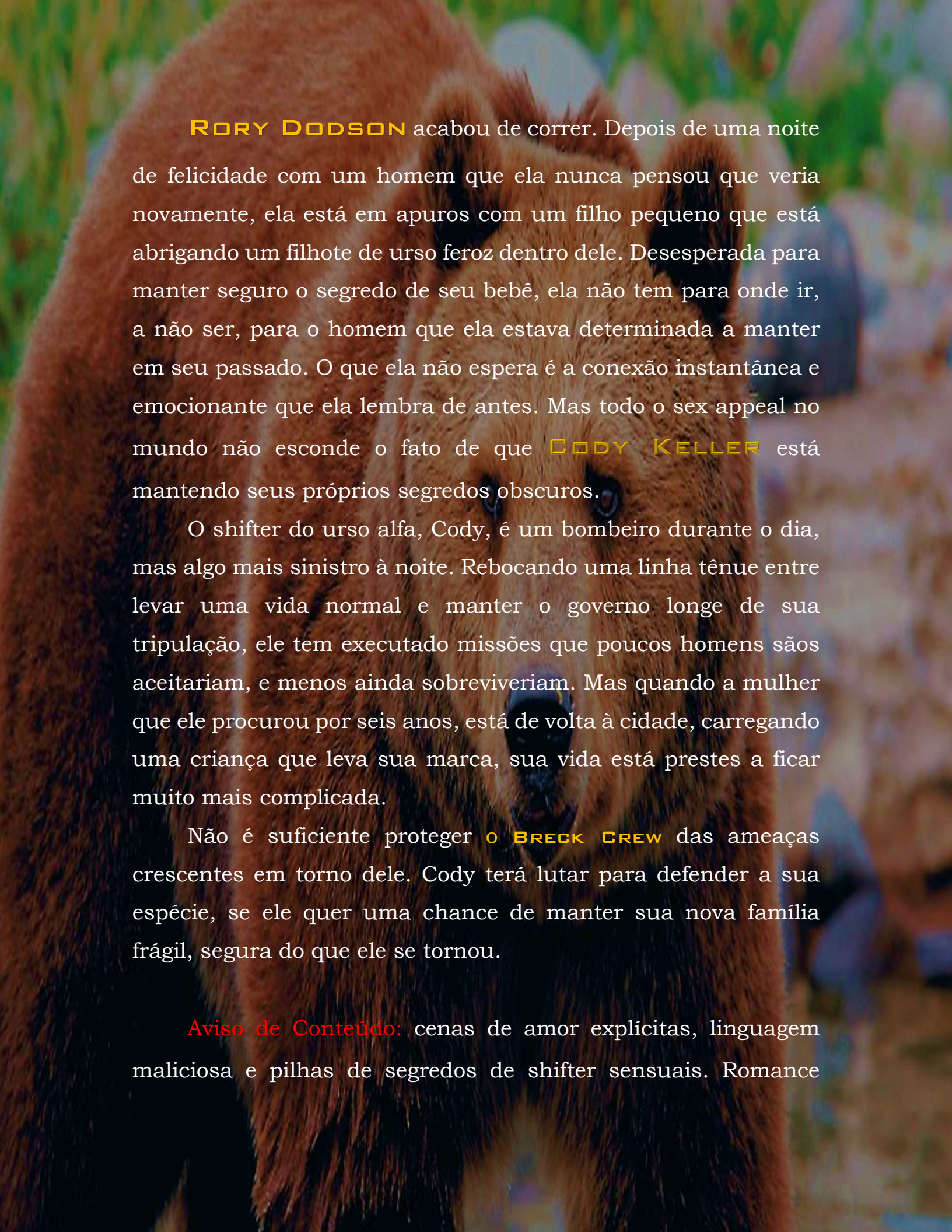





**Rory Dodson** acabou de correr. Depois de uma noite de felicidade com um homem que ela nunca pensou que veria novamente, ela está em apuros com um filho pequeno que está abrigando um filhote de urso feroz dentro dele. Desesperada para manter seguro o segredo de seu bebê, ela não tem para onde ir, a não ser, para o homem que ela estava determinada a manter em seu passado. O que ela não espera é a conexão instantânea e emocionante que ela lembra de antes. Mas todo o sex appeal no mundo não esconde o fato de que **Cody Keller** está mantendo seus próprios segredos obscuros.

O shifter do urso alfa, Cody, é um bombeiro durante o dia, mas algo mais sinistro à noite. Rebocando uma linha tênue entre levar uma vida normal e manter o governo longe de sua tripulação, ele tem executado missões que poucos homens sãos aceitariam, e menos ainda sobreviveriam. Mas quando a mulher que ele procurou por seis anos, está de volta à cidade, carregando uma criança que leva sua marca, sua vida está prestes a ficar muito mais complicada.

Não é suficiente proteger o **Breck Crew** das ameaças crescentes em torno dele. Cody terá lutar para defender a sua espécie, se ele quer uma chance de manter sua nova família frágil, segura do que ele se tornou.

Aviso de Conteúdo: cenas de amor explícitas, linguagem maliciosa e pilhas de segredos de shifter sensuais. Romance

# Capitulo Um

As mãos de Rory Dodson tremeram quando ela empilhou os papéis cuidadosamente. Desta vez ia ser diferente. Ela não ia permitir que o Sr. Farris a obrigasse a ficar até tarde. Já anulou completamente as pausas para o almoço. De toda a empresa, ela era a única que não podia levar meia hora para comer.

Ela não podia dizer se o tremor nas mãos era por falta de comida ou preocupação. Ela absolutamente não poderia estar atrasada pegando Aaron. De novo não.

Ela se levantou, alisou as rugas de sua saia preta simples, lembrou-se de não enrolar os tornozelos nos saltos altos do céu e caminhou em volta da mesa em direção à sala de conferências. Farris exigiu uma reunião tardia hoje, que nunca foi boa para ela sair a tempo.

Mas estava muito perto da lua cheia, e Aaron vinha apresentando novos sintomas ultimamente. Se ele mudou em uma sala cheia de crianças de cinco anos... *Pare com isso*. Tudo ficaria bem. Rory ia marcar a reunião para que os homens não precisassem mais dela, e então ela escaparia, pegaria as estradas secundárias pela cidade de Oklahoma e entraria no estacionamento bem na hora das outras mães. Ela estava se preparando para uma reunião tranquila o dia todo. Isso ia funcionar.

— Senhora. Dodson. Mr. Farris cumprimentou-a através de um sorriso sem graça. — Tão bom de você se juntar a nós. — Ele fez uma demonstração de olhar para o relógio, uma peça que provavelmente custava mais do que seu salário anual.

Ela estava um minuto adiantada, mas já, todos os lugares ao redor da mesa de reuniões foram ocupados por homens e mulheres de alta potência em trajes de negócios. Determinada a não deixar seu chefe ver o quanto ela odiava o jeito que ele falava com ela na frente de todos, Rory combinou com o sorriso vazio dele, então colocou pilhas de papéis ordenadamente recortados na frente de cada pessoa. Mathew o contador,

inclinou-se de volta à sua cadeira e abertamente olhou para sua bunda quando ela se inclinou para resolver sua pilha de notas na frente dele. Ela odiava o jeito que ele sempre a observava, como se ela não fosse nada além de uma fatia de carne para julgar ou memorizar. Ela reprimiu um calafrio quando ele sorriu sem remorso para ela - o idiota.

Depois de uma rápida retirada para a barra lateral quando a reunião começou, ela equilibrou os pratos de bebida nos braços e colocou-os no centro da enorme mesa ovalada. Ela podia sentir os olhos de Mathew seguindo cada movimento dela, mas ela ignorou. Envolvê-lo apenas deu-lhe uma língua ousada e encorajou-o a dizer coisas que fizeram sua pele arrepiar.

Ele não era nada parecido com o pai de Aaron.

Só de pensar no estranho trouxe calor ardente para suas bochechas. Deu as costas para o quarto, pousou a mão no cabo da cafeteira e fechou os olhos. Cody Keller, ela não o via desde a sua única noite juntos. Nenhum telefonema, nenhuma carta - sua escolha. Aquele homem tinha conseguido destruir seu coração e dar a melhor coisa que já havia acontecido com ela

em um momento ofuscante. Ela o odiava porque ele era um estranho que lhe causara dor. Ela o amava porque ele lhe dera Aaron. E, como em qualquer outra ocasião, pensou em Cody, em seu sorriso fácil, em seus olhos quentes e no modo como suas mãos se tornavam gentis com um toque, ela estava abalada por emoções que não compreendia. Perda e alegria, tudo de uma vez.

Se cuidar de um homem ferido desse jeito, ela nunca iria dar seu coração a ninguém.

— Senhora. Dodson! O Sr. Farris gritou.

Rory saltou, jogando café quente nas costas da mão dela. A dor explodiu em suas terminações nervosas enquanto ela corria para se secar com um guardanapo e parar a queima.

— Estamos esperando, — o Sr. Farris rosnou.

— Desculpe, senhor, — ela saiu correndo. Ela precisava desse trabalho. Se ela não ganhasse dinheiro, ela e Aaron não comiam.

Com um suspiro firme, ela se virou e encarou seu olhar furioso. O rosto flácido de Farris estava vermelho, das rugas grossas sobre a garganta até a cúpula brilhante e sem pelos.

Seus olhos brilhavam com algo parecido com ódio. Enquanto se inclinava na cintura para encher a primeira caneca de café, o Sr. Farris disse: — Veja, é por isso que não gosto de contratar criadores.

— Criadores, senhor? — ela perguntou, odiando a palavra em sua língua.

— Sim. Mulheres que não têm impulso, mas que produzem filhos necessitados, e depois voltam ao mercado de trabalho sem tempo para se dedicar ao trabalho real. E então são dias de doença, consultas médicas e os horários de creche. É um imposto total em todo o nosso tempo.

Rory baixou o olhar para as duas mulheres do outro lado da mesa. Uma olhou para ela com desprezo cruel, como se ela não pudesse concordar mais com o vil ódio que o Sr. Farris vomitou. A outra parecia decididamente desconfortável, mas ainda não falou em defesa de Rory. Em defesa de todas as mulheres na força de trabalho, realmente. E talvez isso fosse tão ruim quanto a concordância da outra mulher com a ideia de que as mães pertenciam à casa, criando seus filhos necessitados.

— Eu já passei das quatro horas da tarde para atendê-lo nesta reunião — Rory gritou.

— Se não fosse pelo RH na minha bunda sobre a contratação de mulheres qualificadas, eu teria ido com literalmente qualquer outro candidato. Quero dizer — ele bufou uma risada e olhou em volta, — como você tem que estar qualificado para empilhar papelada e nos servir uma xícara de café? E você não pode fazer isso direito!

Um calor raivoso subiu por seu pescoço e aterrissou na ponta de suas orelhas. Ela tremeu de raiva enquanto colocava a cafeteira na mesa perto de Mathew. Ela esperava queimar um anel no mogno para que eles se lembrassem dela porque era um lençol e ela estava pronta.

Aaron provavelmente já estava procurando por ela entre as outras mães, e ela não estava lá por ele. Em vez disso, ela estava aqui, sendo repreendida por esse idiota.

*Aaron, Aaron, Aaron.* Se ele mudou antes que ela chegasse a ele...

Rory puxou o fone de ouvido sem fio que ela usa para pegar todos telefonemas do Sr. Farris

Balança a cabeça e coloca ao lado do bule de café. — Algum dia, — ela disse baixinho, erguendo o olhar para as duas mulheres do outro lado da mesa, — se vocês decidirem ter filhos, vão olhar para trás neste dia e se sentir um lixo absoluto. E você, Sr. Farris. Você é uma foda de uísque velho, conivente, mulherengo e desrespeitoso! — Ela caminhou até ele e despejou sua caneca fumegante sobre suas anotações. — Será um prazer nunca mais atendê-lo novamente. Tenha, uma vida horrível tentando tornar a sua existência mais insignificante suportável ao menosprezar as pessoas ao seu redor. Talvez funcione para você um dia. Ela atirou nos dois dedos e saiu do escritório. — Eu parei, — ela gritou por cima do ombro, assim que a porta se fechou.

Bufando uma rajada de ar, ela pegou sua bolsa e uma foto de Aaron que estava em sua mesa, em seguida, correu para o elevador tão rápido quanto seus saltos deixavam. Ela já estava atrasada. E agora ela estava sem emprego. O peso total do que ela fez a atingiu como um furacão. Ela tinha um pouco de poupança. Com sorte, seria o suficiente até que ela pudesse encontrar outra coisa. Talvez ela pudesse pegar um emprego

servindo mesas ou algo assim enquanto fazia entrevistas para completar as economias. Merda. Rory não podia acreditar que acabara de fazer isso.

Assim que as portas do elevador se fecharam, as lágrimas iradas que ela tinha mordido de volta choveram por suas bochechas. Ela não podia ser irresponsável assim. Não foi só ela quem foi afetada por suas decisões. Aaron dependia dela para tudo. Ele já tinha tão poucas coisas tão que ele precisava para tornar as coisas tão fáceis quanto possível em todas as áreas de sua vida que ela podia controlar.

Na garagem, era dolorosamente óbvio que carro era o dela. O antigo hatchback da Honda estava arranhado e gasto, o paralamas tortos. O trabalho de pintura verde-limão começou a rachar em torno das maçanetas da porta, expondo manchas de ferrugem. Ainda estava correndo como um sonho, e isso era bom o suficiente para ela. Seus saltos ecoando contra o concreto, Rory se apressou nas filas de carros de luxo de cor escura - um mar grosso de mesmice.

Ela teve que tentar três vezes para pegar a chave na fechadura, porque seus dedos tremiam tanto. Com um soluço,

ela abriu a porta e virou a chave, em seguida explodiu fora do local de estacionamento, guinchando seus pneus. Sua épica tempestade foi anticlímax, pois ela precisava ziguezaguear até a saída, apenas queimando borracha nas paredes. Ela gritou e engasgou o volante.

Quando ela olhou para baixo na hora, o pânico explodiu em seu peito. Ela deveria pegar Aaron dos cuidados posteriores às 4:10, e já eram cinco minutos depois disso.

Aaron costumava mudar apenas em luas cheias, mas nos últimos meses, ele estava mostrando sinais de que seu filhote de urso interior estava inquieto, mesmo quando a lua não estava inchada e alta no céu. A condição de Aaron estava mudando, ou mudando, ou algo científico que ela não tinha como adivinhar, porque ela não era cientista, e ela tinha certeza de que não ia confiar em ninguém, dizendo-lhes o que estava acontecendo com ele. Aquele garotinho era dela. Desde o dia em que ele nasceu, foram apenas os dois contra o mundo.

Ela iria protegê-lo, não importa o quê.

Rory pisou no acelerador e saiu da estrada assim que viu que o tráfego já estava parado. Ela não podia se dar ao luxo de

sentar ali, movendo-se em centímetros, sem saber o que estava acontecendo com Aaron.

Ela empurrou o único número de discagem rápida que ela salvou, e Anna respondeu. — Rory? Onde está voce?

— Estou a caminho. Diga a ele que a mamãe está chegando e ele não precisa se preocupar com nada.

— Ele é... — Estática soou sobre o alto-falante, e a voz de Anna baixou. — Seus olhos, Rory. Eu não sei o que há de errado com ele, e você sabe que eu tentei respeitar sua privacidade, mas não posso mais esconder isso dos outros professores. É óbvio que algo está errado.

— Nada está errado com ele!

— Só isso, — disse Anna, voz ainda mais baixa, — Eu não acho que você pode fazer isso sozinho mais. Você precisa descobrir ou colocá-lo em um programa especial, ou... alguma coisa. Anna respirou profundamente. — Você entende o que estou dizendo para você?

Derrotada, os ombros de Rory caíram quando ela parou no sinal vermelho. — Você não acha que ele deveria ir para a escola lá mais.

— Podemos conversar mais sobre isso quando você chegar aqui. Apenas... depressa.

Rory terminou a ligação e jogou o celular no banco do passageiro. Lágrimas borraram seus olhos enquanto ela olhava para ele e agarrava o volante. Uma buzina soou atrás dela. Ela enxugou os olhos e acelerou através da luz verde.

A pré-escola era pequena e presa à parte de trás de uma igreja. A turma de Aaron tinha quinze crianças fortes. Apenas um par de minivans pertencentes a Anna e um dos outros professores ainda permaneciam no estacionamento enquanto ela entrava.

Sentindo-se como um grão absoluto, ela correu para a porta, quase torcendo o tornozelo em um passo mal colocado.

Aaron correu para seus braços assim que ela abriu a porta.

— Hey, baby, — ela cantou, caindo para trás. Ela provavelmente parecia ridícula sentada no tapete em uma saia com uma de suas barras balançando na ponta dos pés, mas agora, ela só precisava abraçar seu filho. Hoje foi um inferno.

Um pequeno grunhido retumbou no peito de Aaron, e ela acariciou seu cabelo loiro platinado, um presente de seu pai. O

rosnado se assentou, e ela recuou e segurou suas bochechas. Seus olhos eram febris brilhantes e uma cor estranha - uma mistura antinatural de verde e dourado e certamente não de seu azul claro normal.

Anna estava encostada na parede do corredor, de braços cruzados, mas o rosto dela não parecia combativo. Anna parecia triste. Rory engoliu em seco e abraçou Aaron com força, depois deu a Anna um sorriso compreensivo. Adeus eram sempre difíceis.

— Obrigado por estar bem em proteger o segredo dele, — sussurrou Rory. Anna sacudiu a cabeça devagar. — Você nunca me deixa entrar em seus segredos. Tudo que eu sei, é que ele é um bom garoto. Um doce. Mas esse mundo vai ficar feio nele rapidamente se você não conseguir ajuda.

— Que tipo de ajuda? — Rory perguntou com uma careta. Instintivamente, ela abraçou seu homenzinho com mais força contra o peito.

Anna suspirou e entregou-lhe um pedaço de papel. Era um desenho feito em tintas brilhantes com três figuras de

palitos na frente de uma casa. No canto inferior, Aaron assinou seu nome. Metades das cartas foram escritas de costas.

— Você desenhou isso? — ela perguntou.

Aaron se afastou e sorriu para a foto, depois assentiu.

— E quem é esse? — ela perguntou, apontando para a menor figura.

— Sou eu, — ele disse em sua pequena voz insignificante.

— E este?

— É você, mamãe. Você não vê os cílios? — Eu amo, baby. Mas quem é esse aqui? — Esse é o papai Cody.

Rory franziu os lábios quando seu coração se partiu. Ela lhe dera uma foto que ela e Cody tinham tirado na noite em que passaram juntos. Era a única que ela tinha, e agora, era dolorosamente claro que era a única coisa que Aaron teria de seu pai.

Anna abaixou o queixo e deu a Rory um olhar significativo. — Tudo o que ele está passando, eu não acho que você pode fazer isso por conta própria.

— Mas o pai dele... — Ela encolheu os ombros impotente. — Nós não nos conhecemos e não sei se ele entenderia a condição de Aaron. Envolvê-lo é um grande risco.

Anna se ajoelhou na frente dela, o cabelo escuro balançando com o movimento. — Rory, eu considero você uma amiga. Nós conversamos com frequência suficiente, e eu sei que você não tem muito apoio. Esse é o meu conselho.

— Vá buscar sua mochila, — Rory sussurrou, fazendo cócegas nas costelas de Aaron.

Ele riu e saltou para longe, segurando a imagem pintada de uma família que nunca poderia ser.

— E se o pai dele descobrir o que está acontecendo com Aaron e expor-nos?

— E se ele é como Aaron?

A ideia a atraiu rapidamente. Por um tempo, ela pensou que talvez o pequeno urso dentro de seu filho poderia ser genético, mas ela pesquisou e não conseguiu encontrar nada nas famílias. Toda a sabedoria que ela rastreou disse que shifters foram criados com uma mordida de outro, então isso tinha que ser algum tipo de mutação evolucionária. Certo?

Anna estendeu a mão e ajudou Rory a se levantar, depois abraçou os ombros. Contra seu ouvido, ela sussurrou: — Não é mais seguro para Aaron aqui. É preciso uma aldeia para criar uma criança, especialmente uma tão especial quanto ele. Você precisa encontrar sua aldeia. Mais um aperto, e a professora o soltou.

Depois que Aaron se despediu de sua professora e Rory o colocou na traseira de seu vagão, ela hesitou em ligar o motor.

Aviso sonoro. Tudo o que Anna havia dito tocou com essa sensação de clareza. E se houvesse mais shifters urso como Aaron? E se não foi algum erro em sua composição celular ou salto na evolução?

Mas se ela encontrasse Cody novamente, e dissesse a ele, significava trazer alguém que ela não confiava em seu círculo íntimo. E no centro daquele círculo estava seu bebê necessitado de sua proteção. Esta decisão coloca-o em perigo. Mas…

Rory encostou a cabeça no encosto de cabeça e olhou pelo espelho retrovisor para o filho, com um sorriso nos lábios vermelhos-cereja enquanto cantava uma música para si e brincava com um carrinho de brinquedo que ele deixara na

cadeirinha naquela manhã. Seus olhos ainda eram a cor lamacenta de algo sobrenatural que morava dentro dele.

Ela não podia mais mantê-lo seguro assim.

Não sozinha.

Cody Keller estava prestes a ter algumas perguntas muito grandes para responder.

# Capítulo dois

— Já estamos lá? — Aaron perguntou do banco de trás.

Rory lançou um sorriso por cima do ombro, aliviada que desta vez, ao contrário das outras oitocentas vezes que ele havia perguntado, ela poderia finalmente dar a ele a resposta que ele queria ouvir. — Você está pronto para conhecer a tia Leona?

— Sim! — disse ele, apertando as mãos em torno de dois clipes de papel que encontrou no chão do último posto de gasolina em que tinham ido ao banheiro.

Seu sorriso de megawatt provocou seus nervos que a estavam assaltando desde que os pneus da frente haviam passado pela linha estatal do Colorado. Ela ainda podia voltar atrás. Ela poderia se proteger, e Cody nunca saberia que eles estavam na cidade. Esse pensamento assentou seu estômago revirando quando ela virou na Harris Street.

A casa de tia Leona não mudara nem um pouco desde a última vez que Rory a vira seis anos antes. Ainda era a mesma cor de azul pervinca com acabamento branco. Isso sempre a lembrou da casa de boneca que seu pai construiu quando ela era criança. A grama não crescia muito bem em Breckenridge por causa da altitude, mas a tia Leona tinha um polegar verde que beirava a magia, e de alguma forma ela conseguiu um quintal inteiro de flores silvestres e arbustos resistentes crescendo em seu quintal da frente.

Rory respirou profundamente, enquanto colocava o carro no estacionamento. Cody estava aqui nesta pequena cidade... em algum lugar.

— Vamos, amiguinho. Ela está ansiosa para conhecer você também, — Rory disse enquanto soltava Aaron do assento do carro.

Aaron pegou sua mochila em miniatura do assoalho, então subiu correndo o caminho de cascalho forrado com postes de cerca de cedro para manter a folhagem selvagem na baía. Rory riu apesar dos tremores nervosos que explodiram sua espinha toda vez ela pensou sobre o que estava fazendo.

Depois de puxar a mala monumentalmente pesada do carro, fechou a porta dos fundos, colocou as malas nas rodas e subiu o caminho até a casa da tia Leona.

Havia uma longa varanda na frente, com três cadeiras de balanço, onde a tia e as duas melhores amigas provavelmente observavam os corredores e os passeadores de cães que seguiam pela rua em direção aos trilhos para caminhadas na montanha. Ela ficou imaginando eles rindo e gargalhando para os homens bonitos que passavam. Leona sempre tinha histórias hilárias sobre Nina e Doris quando ela e Aaron conversavam com ela no telefone nas noites de sábado.

Tia Leona já estava lutando contra a porta de tela quando Rory bateu a bagagem nos degraus. Ela estava radiante quando se abaixou e pegou Aaron em um abraço de urso.

— Você! — ela exclamou. — Como você é tão grande? A última vez que te vi, você era um bebezinho.

Aaron deu uma risadinha, depois deu um tapinha no cabelo bufante. — Azul, — ele observou. O sorriso de tia Leona se ampliou e ela assentiu. — Rapaz esperto. Meu cabelo é azul. Você quer saber por que? — Ela ofereceu uma piscadela para

Rory por cima do ombro dele. — Uma das minhas melhores amigas disse que podia pintar meu cabelo da mesma forma que costumava ser, mas quando terminou de trabalhar, saiu dessa cor. Você acredita nisso?

Aaron sorriu timidamente e balançou a cabeça.

— Bem, eu estava louca como uma vespa e queria que ela mudasse de volta imediatamente, mas quando ela fez, ainda era essa cor exata. Para me fazer sentir melhor, minhas amigas, Doris e Nina, tingiram o cabelo da mesma cor. Quando fomos a uma reunião da cidade, alguém nos chamou de Blue-Haired Ladies, e o nome ficou preso. Byron Crosby até escreveu uma peça só para nós estrelarmos no teatro local chamado *The Land of Blue-Haired Ladies*. E agora o cabelo tem que ficar, porque as pessoas ficariam tristes se não houvesse mais senhoras de cabelos azuis por perto. Nós até conseguimos um carro alegórico no desfile do Quatro de Julho novamente este ano.

— Um carro alegórico? — Aaron disse em uma respiração desconcertada. — O que é isso?

— É um passeio com muitas cores. E nós temos que jogar fora os doces, então se você puder implorar a sua mamãe para

ficar durante a semana, eu vou me certificar de te dar mais por ser o homenzinho mais bonito que Breckenridge já viu. E isso está dizendo alguma coisa, garoto, porque esta cidade é cheia de homens bonitos. Ela ergueu o queixo e nivelou-o com seus felizes olhos azuis. — Por que você acha que eu moro aqui todos esses anos?

Aaron franziu o rosto. — Para homens bonitos?

Tia Leona enfiou o nariz e acenou com a cabeça uma vez. — Veja? Eu sabia que você era um rapaz esperto. Ei, querida, — ela disse, puxando Rory com a mão livre e apertando os dois. — Eu com certeza senti sua falta, garota.

E aqui no abraço de tia Leona, Rory finalmente admitia para si mesma o quanto tinha sentido muita falta dela também. Quando Aaron nasceu, todos pularam de navio e caíram nela. Todos, exceto a tia Leona. Fazia muito tempo desde que ela se aconchegou em um dos abraços lendários de sua tia.

Quando a estática tocou de algum lugar da casa, Rory franziu a testa. — O que é que foi isso?

— Bulldog One to Alpha Six, você copia? — Uma voz suave soou através do barulho.

— Oh! — Leona exclamou, carregando Aaron para dentro. — Isso é Doris. Ela está acompanhando... — Ela olhou para Aaron, então lançou um olhar para Rory e fez *Cody* com os lábios.

Apenas seu nome caiu outra onda de medo através dela. Tia Leona pegou um walkie-talkie da mesa de entrada e apertou o botão ao lado. — Alpha Six, este é o Bulldog One. Eu tenho Puma e Baby Cat comigo. Qual é o seu status?

— Burly Mancandy está em movimento, — veio a resposta sussurrada.

*Burly Mancandy?* Rory fez uma careta através de um sorriso.

Ela imaginou Doris sentada em seu velho Buick, a que ela havia dirigido anos atrás, curvada no banco da frente espiando Cody. Ela teve que se parar de rir em voz alta de suas imaginações.

Tia Leona parecia terrivelmente séria quando perguntou: — Onde eles estão indo? — agora?

— Parece que todo o grupo vai comer na pizzaria.

— Oh, chique, — disse tia Leona.

— Envie Puma aqui embaixo. Não sei se estão indo buscar comida ou não, e acho que Burly Mancandy está me pegando.

— Ok, ela está a caminho. — Tia Leona tocou a antena do rádio no queixo e estreitou os olhos para Rory enquanto Doris dizia: - Copie isso. Alpha Six assinando.

Rory franziu os lábios para não rir. — Por que você não usa seus celulares? Espero que você não tenha comprado esses rádios apenas para essa missão…

— Pare com a sua lógica, ou você vai tirar a diversão fora disso, — disse tia Leona, levando-a para o pequeno quarto que ela costumava ficar quando ela visitava. Ela ainda estava carregando Aaron, mas o colocou de pé quando chegou à porta. Com um floreio de sua mão, ela ligou o interruptor de luz e expôs o quarto dos sonhos de Aaron. Um beliche recondicionado cobria a maior parte da parede dos fundos, e junto à janela havia uma gigantesca cadeira de ursinho de pelúcia e uma prateleira de livros. Os carros de corrida de segunda mão, todos riscados, enferrujados e perfeitos para o seu menino indisciplinado, estavam alinhados ao lado da

cama, e uma pintura de um caminhão monstro pairava sobre a cômoda.

— Carros! — ele gritou, então correu em direção aos brinquedos. Aaron hesitou em frente aos caminhões e correu de volta para tia Leona para abraçar os joelhos, depois entregou a ela um dos dois clipes de papel. — Eu tenho guardado isso por horas. Eu também tenho um. Agora podemos combinar. Ele mostrou a ela o que ainda permanecia pressionado contra a palma da mão. Com um sorriso tímido, ele correu para brincar.

Tia Leona segurava o pequeno tesouro no peito e parecia que ia derreter em uma poça ali mesmo. Rory riu e deu-lhe um abraço de lado, descansando a bochecha no ombro dela. — Eu deveria ter trazido ele para você mais cedo. Eu simplesmente não sabia como lidar com todas as coisas extras aqui.

— Oh, Rory, não se preocupe com isso. Eu sabia que você voltaria mais cedo ou mais tarde. Eu apenas tive que ser paciente. Eu espero que você fique por um tempo, no entanto. — Eu tenho o suficiente economizado que posso visitar por

uma semana. Então precisamos voltar para que eu possa encontrar trabalho.

— Uma semana, — disse tia Leona com um aceno de cabeça. — Vamos fazer valer cada momento. Agora corra depressa antes que Burly Mancandy pegue sua pizza e desapareça nas montanhas novamente. Estamos acompanhando seus movimentos o dia todo.

Rory balançou a cabeça e soltou uma risada. Ela não deveria estar surpresa que eles estivessem perseguindo Cody. Sua tia e suas amigas eram tão loucas quanto ela.

Depois de se refrescar, ela vestiu uma camisa. Uma que *não* estava coberta com o pó de laranja do lanche que ela havia engolido em seu caminho por Denver. Rory checou Aaron mais uma vez, então saiu correndo antes que Aaron percebesse que ela tinha ido embora. Provavelmente, com a maneira como ele e tia Leona continuavam com os carrinhos de brinquedo, ela voltaria antes mesmo que ele notasse sua ausência.

A pizzaria era à direita da Main Street e a uma curta distância. Ela apertou a renda de seu tênis e correu pela calçada inclinada em direção à rua principal da cidade.

Rory franziu a testa para seus sapatos surrados. Talvez devesse ter pensado mais no que estava usando para ver Cody pela primeira vez. Mas então, novamente, ele provavelmente não a reconheceria de qualquer maneira, vendo como ele tinha estado embriagado quando eles compartilharam, aquelas seis horas juntos, todos aqueles anos atrás. Além disso, vestir-se significava que ela se importava com o que ele pensava sobre ela, e ela definitivamente não gostava. Absolutamente não.

Ela tinha perguntas.

Ele esperançosamente teria respostas.

Isso era tudo.

Mesmo que fosse verão, as noites ainda eram frias o suficiente para que ela trouxesse um casaco ou jaqueta leve. Cruzando os braços sobre o peito, ela alongou o passo e inalou um fluxo de ar fresco da montanha. Ela tinha esquecido como era lindo aqui. As casas que se alinhavam na rua, eram pequenas casas de estilo vitoriano, muitas das quais tinham sido casas de kit construídas em 1800, quando a cidade de mineração de ouro floresceu pela primeira vez. Lá embaixo, ela conseguia distinguir os topos dos prédios que se alinhavam na

Main Street e, atrás dela, havia passagens de montanhas de pinheiros, onde turistas e moradores da cidade desfrutavam de caminhadas e ciclismo. O sol já estava meio sobre as árvores. Ela adorou isso aqui quando criança. Inferno, ela amava ainda, apesar de suas decisões infelizes quando ela era uma criança selvagem de vinte anos de idade.

Rory cheirou a pizzaria de alta qualidade antes de vê-la. A cidade de esqui era um centro de refeições exclusivas, mas este lugar sempre fora um dos favoritos dela durante suas visitas de infância. Era minúsculo, com apenas vinte assentos de cada vez em aposentos apertados, mas a comida e o ambiente não podiam ser batidos.

Ela correu para dentro antes que ela pudesse mudar de idéia e olhou em volta. Estava ocupado, e havia uma espera na pequena entrada, mas ela avistou Cody imediatamente e foi balançada em seus calcanhares por quanto ele mudou e quão pouco, de uma só vez.

Ele sentou-se ao lado de uma garota, cercado por amigos. Ele riu de algo que a bela morena disse, depois tomou um gole de água enquanto ouvia o homem do outro lado da mesa. Seu

cabelo era mais curto do que antes, mas ainda obviamente loiro. Ele manteve suas ondas um pouco mais no topo, e suas sobrancelhas ainda estavam tão claras que eram azuis bebê na fraca iluminação. Seu rosto parecia o mesmo que ela lembrava. Nariz forte, mandíbula esculpida, covinhas quando ele sorria profundamente. O que ela não esperava era que ele fosse tão musculoso. Seus braços lutaram contra o tecido fino da camisa de manga comprida que ele usava, e seu pescoço parecia forte o suficiente para que ele pudesse esmagar uma noz entre o queixo e o peito. Seus dedos eram graciosos, enquanto ele traçava a condensação através da curva inferior de seu copo de água. A garota ao lado dele sussurrou algo em seu ouvido. Ele olhou vagamente à frente, com os olhos cheios de um olhar distante enquanto ela falava. Ele estava praticamente olhando para Rory, mas aparentemente viu através dela, como se sua mente estivesse no espaço sideral. Quando a morena riu contra seu pescoço, Rory ficou congelada na porta.

— Com licença, — disse um homem ao se aproximar dela, — você está na fila? — Ele apontou para o balcão ao lado dela.

— Ah não. Sim. Sim, estou na fila. Para comprar pizza. Porque é o que você faz aqui.

O homem franziu a testa e inclinou a cabeça. — Ótimo. — Ela não podia fazer isso.

Ela não podia simplesmente ir até a mesa de Cody quando ele estava obviamente com alguém. O que ela ia dizer? Todas aquelas horas e milhas no carro a caminho de Oklahoma, e ela tinha dado um único pensamento fugaz para como ela abordaria o assunto de seu filho surpresa? Não. Ela afogou suas preocupações em puffs de queijo e tocou músicas infantis em um nível ensurdecedor enquanto Aaron dormia como uma pedra a maior parte da viagem aqui.

Esta tinha sido uma ideia terrível. Pior que terrível. Cody tinha uma vida agora e não podia confiar em manter o segredo de Aaron. Não. Não, não, não.

Mas o que ela era, ela pediu uma torta e se escondeu no canto atrás de um homem em um chapéu de cowboy gigante, enquanto esperava que seu pedido estivesse pronto. E por mais que tentasse, ela não conseguia manter os olhos longe de Cody. Era estranho o quanto Aaron parecia com ele. Ela quis dizer a

ele sobre o filho dele pessoalmente depois que ela entendeu tudo. Mas então Aaron havia mudado pela primeira vez, e ela percebeu que estava realmente sozinha no mundo se quisesse manter seu bebê em segurança.

Nem mesmo tia Leona sabia o que estava dormindo dentro de seu menino. Rory levaria a pizza para casa para jantar e diria a tia Leona que ela mudou de idéia. Ela iria aproveitar a semana, evitar o pai de Aaron e passar um tempo com sua tia até a hora de voltar à realidade e encontrar trabalho. Sim, isso era o que ela faria. Bom plano.

Ou era um bom plano até que as narinas de Cody se abrissem e a cabeça dele levantasse, os olhos pousando diretamente nela antes que ela pudesse gritar e se esconder atrás do cowboy ao lado dela novamente.

Ele provavelmente não a viu. E mesmo se tivesse, ele definitivamente não a reconheceria. Se ela apenas apertasse os olhos com força suficiente, ela poderia convencer-se de que estava segura neste cantinho.

— Eu conheço você, — disse uma voz profunda.

Rory abriu os olhos para ver Cody bem na frente dela. Ele parecia ocupar muito mais espaço do que ele realmente, e ela não era a única que notou porque o Chapéu de Cowboy tinha se esquivado. — Não, tenho certeza de que não.

Cody estreitou aqueles lindos olhos azuis e acenou devagar. Seu sorriso era incerto, como se ele pensasse que ela estava jogando com ele. — Sim. Você é Rory.

— Puma! — O caixa gritou.

Rory ofereceu-lhe um sorriso muito brilhante e se abaixou ao redor dele. Nossa, ele era um gigante. Ela teve que viajar em torno de seus ombros maciços para chegar ao registro.

— Puma? — ele perguntou.

Maldito! Ela era inteligente demais para usar seu nome verdadeiro. Ela pagou pela pizza e deu um pequeno movimento de seus dedos até que Cody saiu do caminho, então entrou pela porta.

— O que você está fazendo aqui? — Ele perguntou logo atrás dela.

Fechando os olhos, ela respirou profundamente e se preparou, para girar a direção dele e encarar o homem de quem

ela estava com medo desde que percebeu que ele poderia ter uma participação permanente em sua vida.

— Eu estou visitando a família, — ela murmurou, abrindo os olhos e se virando. Ela deu de cara com seu peitoral. Levantando seu pescoço, ela olhou em seu olhar curioso. Mãe sagrada, ela se criou com um Titã.

Agarrando a pizza, ela perguntou: — Eu também queria te perguntar uma coisa.

— Sim, claro, — ele disse, suas sobrancelhas se abaixando em preocupação. — Atire.

Me pergunte qualquer coisa.

— Há algo que você... — Merda, como ela disse isso para que ela pudesse sair da conversa facilmente? — Você tem alguma coisa estranha ou talvez sobrenatural em seu histórico médico?

O rosto de Cody ficou comicamente em branco.

Uma batida na vidraça da pizzaria soou e ambos se viraram. A garota em que ele estava sentado ao lado, a linda morena com lábios cor de rosa brilhante e uma expressão

impaciente em suas sobrancelhas escuras, ergueu as mãos em um gesto que *diabos*.

— Eu vou logo, — disse ele, como se ela pudesse ouvi-lo através do vidro. Virando-se para Rory, ele se inclinou e perguntou: - Do que você está falando? Sobrenatural o que? Como fantasmas?

Ele parecia realmente confuso, e claramente, ela estava certa em primeiro lugar que ele não sabia nada sobre as pessoas mudando para ursos, mas ela tinha que saber com certeza. Ela estava no meio disso agora, então ela poderia muito bem ser meticulosa antes de voltar ao esquecimento. — Não há nada de especial em você? Sem superpoderes ou algo assim?

Ele endireitou a coluna e cruzou os braços sobre o peito. Uma postura defensiva, se ela já tivesse visto uma, mas tudo bem. Ela estava usando a caixa de pizza como um escudo para manter uma distância segura entre eles.

— Não, Rory. Eu não tenho superpoderes. Isso é algum tipo de brincadeira? — Ele olhou em volta, desconfiado. — Você está filmando isso ou algo assim? Porque eu tenho que te dizer, eu tenho sido seguido por duas velhinhas o dia todo, e

agora você volta depois, o que tem sido? Seis anos? O dia inteiro pareceu estranho.

— Claro que não estou filmando, — ela saiu correndo, completamente frustrada com o beco sem saída que encontrara. Ele obviamente não era um metamorfo de urso como Aaron, e agora ela desperdiçava o tempo deles. — Bem, foi ótimo ver você de novo, Cody, mas minha pizza está esfriando e sua namorada parece chateada. Eu te vejo por aí.

Ela se virou e foi embora, e desta vez, felizmente, Cody não a seguiu.

Tão bem. De que adianta reavivar qualquer tipo de amizade com o homem se ele fosse um risco para o segredo de Aaron?

# Capítulo Três

Lágrimas estúpidas.

Lágrimas estúpidas e emoções estúpidas.

Cody parecia muito bom. Os sentimentos de Rory estavam todos misturados. Ele era o pai de seu filho, e ela sempre se importava com ele, um completo estranho. Maldito seja por amarrar seu coração a ele. Ela não podia olhar para Aaron sem se lembrar de Cody e daquela noite. E agora, depois de vê-lo novamente, ela teria que passar pelo processo de luto de novo. Ela costumava imaginar ter essa família perfeita. Ela inventou traços de personalidade que ela admirava nele, e quando ela levou Aaron para o parque ou para o cinema, ela sempre imaginou como seria se Cody estivesse lá. O que era estúpido porque ela nem o conhecia.

Ela colocou a pizza em uma das cadeiras de balanço na varanda da tia Leona para que ela pudesse enxugar os olhos e engessar um sorriso feliz. Não faria bem a ninguém para Aaron

ficar chateado. Não até que ela tivesse a gaiola instalada em algum lugar seguro e privado.

Pensar na gaiola trouxe outra onda de pesar. Era uma ideia ridícula, mas ela esperava que Cody de alguma forma a ajudasse a descobrir uma maneira de não prender seu filho durante as Mudanças dele.

*Droga!* Ela caiu em uma cadeira de balanço quando seus ombros caíram a derrota. Ela tinha sido boba, desejando que Cody apenas magicamente entendesse o que ela precisava e viesse em seu socorro. Não foi o que aconteceu no mundo real. Os homens não faziam coisas assim. Todas as suas esperanças de Cody ser capaz de ajudá-la com Aaron - e o pequeno urso que estava sentado sob sua pele - foram destruídas no segundo em que seu rosto ficou vazio em confusão. Ele não era como Aaron. Ele não podia fazer parte disso. Ela estava de volta a estar sozinha e com medo pelo futuro da criança.

O golpe foi esmagador.

Ela soluçou o mais silenciosamente que pôde, inclinou-se sobre os joelhos com os braços ao redor do estômago. Escuro

agora, parecia mais seguro do lado de fora do que dentro com sua tia e filho para testemunhar seu colapso.

— Ela não é minha namorada, — disse Cody, quebrando o silêncio feliz da noite.

Rory levantou a cabeça e ofegou, depois enxugou os olhos furiosamente. — Não estou chorando porque você tem namorada. Isso nem é sobre você.

— Besteira. Eu posso ouvir a mentira em sua voz. A cadeira ao lado dela rangeu sob seu peso enquanto ele afundou na cadeira de balanço desgastada.

— Como você me achou? — ela perguntou.

— Segui você. Eu tenho algo a dizer. Algo que eu gostaria de ter dito há muito tempo, mas quando acordei depois que estávamos juntos, você tinha acabado de sair. Eu procurei por você, — ele admitiu baixo, cotovelos nos joelhos e mãos entrelaçadas na frente dele. — Eu pensei que seria fácil rastreá-la porque o nome Rory não é tão comum, mas eu fiquei de mãos vazias.

Com medo de que o nó na garganta fizesse sua voz soar estranha, ela assentiu e olhou de relance para o perfil rígido dele. Ele estava com raiva.

— Você sabe, você nem sempre tem que fugir, — ele gritou, balançando o olhar para ela. — Mesmo se as coisas ficarem difíceis, às vezes pode valer a pena ficar por aqui.

— Eu tinha uma razão para correr, Cody.

— Que foi?

Não parecia certo dizer-lhe tudo. Não quando ela não confiava nele, mas ela podia lhe dar alguma coisa. — Você disse o nome dela quando estávamos juntos.

Os olhos de Cody brilharam e ele se recostou na cadeira, estudando-a. — Nome de quem?

— Sarah. Você sussurrou no final. Mortificação queimava suas bochechas, e ela baixou o olhar para os dedos dos seus tênis. — Bem quando nós estávamos terminando. Eu pensei que você estivesse lá comigo. Eu sei que isso soa estúpido, mas eu gostei de você. Foi essa atração gravitacional instantânea para você, mas você realmente não esteve lá comigo. Você estava pensando nela em Sarah. Eu não queria ser a substituta

de uma mulher para a noite. Obviamente, você ainda a amava. Eu não corri, Cody. Eu desisti de uma corrida que não consegui vencer.

Cody esfregou as mãos grandes no rosto, e quando ele olhou para ela novamente, ele parecia exausto ou devastado, ou talvez ambos. — Sarah era parte da razão pela qual eu queria falar com você. Ela foi a razão pela qual eu tentei tanto te encontrar novamente. Você me salvou de um destino horrível, Rory. Eu me liguei a essa garota, Sarah, quando eu era jovem. Muito jovem, talvez, mas não estava no meu controle.

— Ligado?

— É como... é como estar apaixonado, mas mais difícil.

— Mais difícil como?

— É quase impossível cair fora desse tipo de devoção, mesmo que a pessoa com quem você tenha ligação não seja saudável para você. Tudo o que eu pude ver por mais tempo foi ela, e então você apareceu. Uma noite com você e tudo ficou claro novamente. Eu fui capaz de deixá-la ir por sua causa. Eu queria te agradecer. Dessa maneira insana que não tenho poder de explicar para você, você me salvou naquela noite. Cody

encolheu os ombros, como se a camisa térmica justa estivesse ficando desconfortável. — Então... obrigada, Rory, eu nunca imaginei o que seu último nome era.

Ela bufou uma risada suave e disse: — Dodson. Meu sobrenome é Dodson.

— Dodson, — ele repetiu em voz baixa.

A luz da varanda se acendeu, iluminando o que provavelmente era um caso sério de olhos de guaxinim e rios gêmeos de rímel escorrendo por suas bochechas. Mas acima do pânico de como ela deve parecer um zumbi foi a percepção de que a porta estava se abrindo.

— Não! — ela gritou. Muito tarde.

Os olhos de tia Leona se arregalaram quando ela olhou para Rory, depois para Cody, assim que Aaron passou correndo por suas pernas.

— Oh querida, — sua tia disse quando Aaron derrapou até parar com um sorriso em seu rosto.

— Vamos verificar o correio e procurar por lagartos e vaga-lumes. E aquela pizza?

Rory congelou sob a avalanche de choque. Ela levou Cody - Cody humano, não confiável - direito para seu filho. Ela podia senti-lo olhando por cima do ombro, e seu coração balançou com o que ele deve estar vendo agora. Cabelo loiro platinado, olhos azuis e covinhas que combinavam com os dele.

O olhar de Aaron derivou de seu rosto para logo acima do ombro dela, e seu sorriso vacilou. Ele recuou para as pernas de tia Leona, depois deu uma olhada.

— Papai Cody?

Merda

Rory ousou olhar para Cody. O sangue tinha drenado completamente de seu rosto, deixando-o pálido como um fantasma, a boca ligeiramente aberta enquanto seu peito se erguia contra o tecido apertado de seu suéter. Seus claros olhos azuis se voltaram para os dela em um olhar acusador. — Ele carrega minha marca?

Rory sacudiu a cabeça, perplexa. — Eu não sei o que isso significa.

— Isso, — disse ele com os dentes cerrados. Ele puxou a gola de sua camisa e expôs uma marca de nascença marrom-clara.

Seu coração disparou e um pequeno som chocado escapou de sua garganta.

Era maior que a de Aaron, mas exatamente da mesma forma. Parecia um morango.

— Rory, — disse ele enquanto um músculo sob os olhos se contorcia, — diga-me agora. — Seus olhos se arregalaram e suas palavras tremeram.

— Bebê, venha aqui. — Ela estendeu os braços quando Aaron caminhou em sua direção, depois o abraçou no colo. Com uma inspiração profunda, ela puxou a gola do suéter listrado azul, expondo a marca em miniatura.

O rosto de Cody ficou totalmente vazio quando ele olhou para ele. Os momentos se arrastaram e Aaron começou a se mexer.

O menino virou-se no colo e entregou a Cody o clipe que ainda segurava. — Eu dei o meu outro para a tia Leona, mas você pode ter o meu.

A vida voltou aos olhos de Cody quando ele baixou o olhar para o clipe de papel aninhado contra a pequena palma de Aaron.

— Obrigado, — disse ele em uma respiração, levando o presente. — Qual o seu nome? — Sua voz foi profunda e emocional.

— Aaron Daniel Dodson. — Ele sorriu e se aconchegou contra Rory, envolvendo seus braços esguios em volta do pescoço dela.

— Esse é um bom nome. Eu sou Cody Leland Keller.

— Leland? — Aaron perguntou, seu pequeno nariz amassado.

— É um nome de família. Meus irmãos também têm os mesmos nomes do meio. Meio estranho, né?

Aaron assentiu.

— Você está aqui para comer um pouco da nossa pizza?

Cody bufou e balançou a cabeça.

— Eu vim falar com Rory, quero dizer, com sua mãe.

Aaron olhou para a caixa de pizza, depois de volta para Cody, e encolheu os ombros até as orelhas. — Você poderia?

Cody sacudiu a cabeça e soltou um suspiro. — Amigo, eu não... Isso é com a sua mãe.

— Vai jantar com as senhoras de cabelos azuis — anunciou tia Leona enquanto descia os degraus com a bolsa na mão. — Não espere. Nós, velhinhas, ficamos loucas e loucas nas noites de sexta-feira.

Cody estreitou os olhos para as costas de tia Leona. — Vocês são as  que estão me seguindo pela cidade o dia todo?

Aparentemente, a tia Leona não o escutou ou não quis, porque nem sequer deu um passo quando desapareceu no escuro.

— Ele quer compartilhar, — explicou Rory quando Aaron abriu a caixa e olhou com os olhos arregalados para a torta de amantes de carne. — É isso que eles estão aprendendo na pré-escola. E ele é realmente muito gentil com isso. Eu acho que o que estou dizendo é que nós gostaríamos que você comesse conosco.

— Sim, parece que você pode comer uma pizza inteira sozinho, papai Cody!

— Aaron, — alertou Rory, sacudindo a cabeça. — Eu acho que você deveria apenas chamar-lhe Cody. Isso pode torná-lo mais confortável. O rosto de Aaron caiu. — Por quê?

Cody deu ao menino um olhar preocupado e esfregou a mão com força através de seu cabelo loiro cortado. — Você o tem na pré-escola? O tipo público?

— Claro. Ele tem cinco. Ele estará no jardim de infância no ano que vem, e ele precisou aprender a se importar com seus professores, se alinhar, compartilhar e trabalhar bem com as outras crianças. Além disso, tenho que trabalhar para nós dois. Ele vai para a escola enquanto eu trabalho.

Ele franziu a testa para a parte de trás da cabeça do filho quando Aaron foi até a passarela, com uma fatia de pizza na mão. — Ele não mudou ainda?

Sinais de aviso bateram contra o interior de sua cabeça quando ela congelou. — Eu não sei o que você quer dizer, — disse ela com cuidado.

— Sim, você faz, ou você não teria me perguntado sobre a minha história familiar sobrenatural.

Em vez de responder, ela cruzou os braços sobre o estômago e observou Aaron afastar tufos de arbustos, provavelmente em busca dos lagartos que tia Leona lhe contara.

— Olhe para mim, — disse Cody em uma voz suave e profunda.

Ela deslizou o olhar para ele e ofegou. Seus olhos eram do mesmo verde lamacento e dourado que Aaron virou quando estava chateado ou à beira de uma Mudança.

Ele a segurou em seu olhar feroz. — Quando?

Sua respiração tremeu quando ela lutou para atrair o ar para seus pulmões. Era isso. Este foi o momento em que ela deixou outra alma em segredo, e ele era um estranho. Ela fechou os olhos, reforçando sua bravura antes de sussurrar: — Ele mudou pela primeira vez quando ele tinha um ano.

— Merda, — Cody murmurou, cobrindo o rosto com as mãos, em seguida, arremessando-as para longe. — Rory, por que você não me contou? Por que você não veio a mim sobre ele? Eu tenho um *filho* e você me deixou fora de sua vida completamente.

— Eu quis dizer a você, — ela sussurrou, lágrimas picando os olhos para a memória. — Eu comprei passagens de avião para voltar e deixar você conhecê-lo. Ele apenas virou um, e eu estava nervosa sobre voar com um bebê, mas eu fiz toda essa pesquisa e tinha esse plano para vir aqui de qualquer maneira durante as férias de inverno. Eu ainda estava tentando terminar a faculdade então. Mas então ele mudou, e eu sabia que se você não fosse como ele, e você descobrisse, você o colocaria em perigo - contaria a alguém ou o denunciaria à polícia ou algo assim. E eu não sabia nada sobre o que estava acontecendo com ele. Eu fiz pesquisa, mas tudo que a biblioteca pública tinha era conhecimento e mito. Nada de concreto que me mostrasse como ajudar meu filho nessa coisa horrível pela qual ele estava passando.

— Não é horrível.

— É para nós! Ele chora e chora em torno de cada mudança, e parece tão doloroso. Eu ouço os ossos do meu bebê quebrar a cada mês. E quando ele ficou maior e seus caninos entraram, eu não conseguia mais consolá-lo. Ele fica selvagem.

Ela empurrou o braço para ele e rolou para expor as longas cicatrizes em seu antebraço.

Os dedos de Cody estavam quentes e firmes quando ele os deslizou pelo comprimento das marcas de garras curadas por muito tempo. Deixou cair o braço e olhou para as mãos como se não tivesse lhe dado permissão para tocá-la. Sua pele ficou fria onde seus dedos quentes estavam. Confusa com a lavagem da emoção surgindo através dela ao toque dele, ela cobriu as cicatrizes e se aconchegou em seu suéter mais profundo.

— O que você fez?

— Eu construí uma gaiola para ele. Nossas vidas são consumidas por quando sua próxima mudança será. Costumava ser apenas em torno da lua cheia, mas agora ele mostra sintomas com mais frequência e não sei o que fazer. Eu preciso de ajuda.

— É por isso que você voltou?

Ela assentiu uma vez.

— Não é suposto ser assim, — ele disse. — Ele não pode ser enjaulado, ou seu animal vai crescer agressivo e irritado. —

Cody cortou-lhe um olhar suplicante. — Você precisa dele para se transformar em um homem que pode controlar o animal dentro dele.

O rosto dela se encolheu quando a umidade que lhe cobria os olhos se espalhou. Envergonhada, ela limpou os cílios e cerrou os punhos no colo. — EU sei. Eu posso vê-lo piorando, mas não tenho ferramentas para ajudá-lo.

— Shhh, — Cody a silenciou. — Tudo ficará bem. Nós vamos descobrir isso juntos.

— Você está com raiva de mim? — ela perguntou. De repente, importava se ele a odiasse. — Sim. Eu tenho um filho e perdi toda a sua vida até agora. Essa foi a sua escolha. Estou louco pra caramba, mas deixar você para lá não vai consertar o que foi feito. Um barulho suave estrondou seu peito. Seus olhos ainda estavam ferozes, e embora ele estivesse tentando ser mais suave com ela, seus punhos estavam cerrados como os dela.

Ela fez isso.

— Eu acho que deveria ir, — disse ele em voz baixa e grave. — Isso é muito, e estou confuso. Se Aaron não pode controlar suas mudanças ainda, ele não precisa estar perto do

que está acontecendo dentro de mim. Cody se levantou e se virou para a escada da varanda. — Não corra dessa vez, Rory. Eu não vou parar até te encontrar. Ele é meu também. Seus olhos estavam duros enquanto ele descia as escadas.

Rory levantou-se e correu para o corrimão. — Eu realmente sinto muito. — Sua voz estava cheia de emoção, mas segurou. Ela tinha suas razões para manter Aaron para si mesma. Ela queria mantê-lo seguro, mas o olhar magoado no rosto de Cody era devastador.

— Não, — ele gritou. Ele hesitou por Aaron e se agachou em suas pernas, se dobraram embaixo dele. — Eu tenho algumas coisas para fazer, mas te vejo mais tarde, ok?

Aaron assentiu com a cabeça, os olhos tristes e os cantos dos pequenos lábios voltados para baixo, como se esperasse nunca mais ver Cody novamente. Talvez ele não quisesse. Rory não sabia. Talvez isso fosse demais e Cody seria o único a correr desta vez. Ela imaginou que muitos pais surpresos nessa situação fariam o mesmo.

— Obrigado pelo clipe de papel, amigo. — Cody apertou os ombros frágeis de Aaron com a mão enorme, depois se levantou e saiu sem outro olhar para ela.

Ela ganhou isso - sua raiva.

Rory estava tão focada em manter Aaron a salvo que ela nunca considerou que Cody poderia querer estar em sua vida apesar do animal dentro de seu filho. Ela deixou que todas as razões para não contar a Cody se acumulassem até parecer a única decisão que uma mãe boa e protetora poderia tomar.

Mas Cody estava certo. Ele tinha perdido todos os anos do bebê por causa da sua necessidade de esconder Aaron. E as consequências de sua mágoa e raiva estavam nela.

Rory não o culparia se ele corresse.

Ela não merecia nada menos.

# Capítulo Quatro

Cody tocou no minúsculo clipe de papel que Aaron lhe dera e tentou desligar o meteorologista na televisão acima do bar.

Cinco malditos anos, e ela acabou de voltar? E com uma criança – o seu filho. A marca em forma de morango em seu ombro era o maldito brasão de Keller. Não havia como negar que Aaron era dele.

Ele estava sentado aqui por duas horas tentando envolver a cabeça em torno das razões pelas quais ela mantinha Aaron em segredo. Humana ou não, Rory tinha sido uma mamãe protetora escrita em cima dela. Ficou claro que ela estava tentando manter seu filho a salvo no caso de Cody não ser um metamorfo como Aaron, mas ainda doía algo feroz para ser deixado de fora da vida inteira da criança. Ele perdeu tudo. Cada marco. Toda madrugada alimentando e raspando o joelho. Primeiros passos, primeiras palavras, primeiro dente...

Sua pergunta sobrenatural na pizzaria o havia jogado com força. De todas as vezes que ele imaginou de novo se encontrar com ela, ele nunca tinha fantasiado sobre ela perguntando se ele estava abrigando um maldito urso em seu intestino. Ele teria quebrado esse pequeno segredo para ela, gentilmente, se ela tivesse ficado tempo suficiente pela primeira vez.

Ele gostava dela. Mais do que gostava dela, mas agora as coisas eram diferentes. Ele mudou nos anos que passaram juntos e agora não queria fazer parte de qualquer tipo de relacionamento com uma mulher. Tirar Shayna fora tinha sido uma maneira de tirar Ma das costas sobre a mudança do vínculo com Sarah.

Ele inclinou a garrafa e tomou um longo gole. Até seus olhos em problemas de mulheres, e ele não namorou com ninguém em anos.

Um cheiro familiar atingiu seu nariz, e ele deslizou um olhar desconcertado para a porta onde seu irmão mais velho, Gage, estava. Ele pegou a altura e o cabelo loiro do lado da mãe de Ma, mas os olhos escuros de café de Gage eram todos do papai. Cody enfiou o clipe de papel no bolso. Talvez se ele

ignorasse Gage, seu irmão pegaria a dica e sairia fora. Ele não estava com vontade de falar agora. Gage ocupou o assento do bar ao lado dele. — Shayna está preocupada.

- Sim, eu poderia dizer pelas trinta e sete ligações que ignorei dela. Cai fora, Gage. Eu tenho alguma merda para resolver.

— Sim, e você também tem um turno de quarenta e oito horas começando de manhã, e você está em um bar bebendo sozinho, o que eu já vi exatamente, zero vezes antes. — Ele empurrou o queixo para a bebida de Cody e disse ao garçom — teria um desses.

Cody recostou-se na cadeira do bar, ficando mais irritado pelo momento. — O que você quer?

— Aquela era ela, não era? Na pizzaria. Isso foi Rory. — Você quer um distintivo de detetive?

— Ma me enviou. É por isso que estou aqui.

— Você disse a Ma? — Prick.

— Você não pode me culpar por isso. Boone ligou para ela antes mesmo de sairmos do restaurante. Você sabe, o timing disso é uma droga.

— Você não sabe a metade disso.

— Bem, então explique, irmão. Porque eu nunca vi você se excitar com uma mulher assim. Não desde a Sarah. E você finalmente pediu a Shayna para sair...

— Espere, agora isso não é justo. Shayna tem sido implacável há dois anos, e vocês garotos não estavam ajudando. E Ma… Olha, eu não estou interessado em outro vínculo. Eu não entendo porque você não entende isso. Boone e Dade não querem um vínculo, e ninguém dá a eles nada sobre isso. Mas comigo, você empurra e empurra até eu chamar uma garota que não estou interessado. Mesmo que fosse uma coisa de grupo, eu não gosto de ser forçado a um emparelhamento.

Gage agradeceu ao garçom quando colocou a cerveja na sua frente e tomou um longo gole de sua bebida. — Nós o pressionamos porque é diferente para você. Você é o alfa. Você deve estar emparelhado. Você tem vinte e oito agora, Cody. Eu entendo que você foi queimado por Sarah, mas o destino tirou você disso. Destino e Rory. Você tem uma segunda chance de encontrar alguém que valha o risco.

— É diferente para você, Gage. Você encontrou Leah. Seu vínculo sempre foi saudável. Vocês dois são dedicados. Às vezes não funciona assim.

— Então você passará a vida sua toda sozinho. Eu sei que você olha para baixo na minha vida. Você acha que eu venci por acasalar Leah e ter filhotes...

— Não, irmão, — disse Cody com uma risada sem graça. Ele balançou a cabeça e drenou a cerveja. — Eu sempre invejei você e Leah e os filhotes. Eu amo sua família. Eu observei você por anos, desejando que Sarah fosse metade da mulher que Leah era. Mesmo metade, e poderíamos ter trabalhado sem ela me rasgando. Não é que eu não queira uma família. Eu nunca, nunca mais quero o vínculo novamente.

— É por isso que você está dividido sobre Rory estar de volta?

Inclinando-se sobre os cotovelos contra o topo da barra pegajosa, Cody suspirou. — Eu não posso ter Rory.

Gage encolheu os ombros até as orelhas com uma expressão perplexa. — Por que não? Você poderia ter qualquer

senhora nesta cidade. Neste condado, se você quisesse. Eu não vi um anel no dedo dela esta noite. Eu sei porque olhei.

— Ela tem um filho, Gage, — Cody deixou escapar. Rangendo os dentes, ele fechou os olhos e murmurou: — Ela teve meu filho.

— Merda, — murmurou Gage.

— Merda, de fato.

— Ele está marcado?

— Sim. No mesmo lugar que eu. Se você o visse, não questionaria. Ele é meu.

— Um menino? Um filho?

A palavra *filho* soou estranhamente excitante de uma forma que confundiu a cabeça de Cody. Ele franziu a testa para a cerveja e acenou com a cabeça.

Gage segurou seu ombro e o sacudiu devagar. — Você é um pai? — Mais tremulando em seu estômago. Talvez tenha sido náusea. *Papai.*

— Espere, tudo bem. — Gage uniu os dedos atrás da cabeça e se inclinou para trás até ficar olhando para o teto com um sorriso estúpido no rosto. — OK.

— Você já disse isso.

— Cale a boca, cara. Isso está soprando minha mente agora. O que ele se parece?

Cody bufou. — Como um Keller. De cabeça para baixo. Ele parece com as minhas fotos nessa idade.

Gage *sorriu* - a bunda. Como este foi em qualquer lugar perto da maneira ideal de se tornar um pai. — Você o marcou bem, não é?

— Você está me parabenizando pelos meus quinze minutos de ajuda com ele? A sério?

— Claro que sim, eu sou. Ser pai é... Cody, sua vida está prestes a mudar da maneira mais legal.

— Sim, exceto que você esqueceu uma coisa. Eu não estou com Rory. Ela me deixou fora de sua vida completamente até hoje à noite. Ela não voltou aqui porque há muito enterrou os sentimentos por mim. Ela voltou porque precisa de ajuda com Aaron.

— Aaron, — Gage sussurrou, o sorriso mudo espalhando seu rosto como se ele não tivesse acabado de ouvir o que Cody tinha dito.

— Esqueça isso, cara, — Cody resmungou, jogando dinheiro suficiente no bar para cobrir a cerveja e uma boa gorjeta. — Eu não posso falar sobre isso com você.

— Por que não?

— Porque eu preciso de você para ter minhas costas. Eu preciso que você apenas ouça e simpatize. Eu não sou como você, Gage. Eu não sou um homem de família. Acabei de descobrir que tenho um filho. Um garoto. Uma criança inteligente, doce e de cinco anos que não precisou de nada de mim a vida toda.

— Então, você pode fazer as pazes com ele. Rory está aqui porque ela precisa de você na vida de seu filho, certo?

— *Nosso* filho. Sim.

— Eu entendo porque você sente que não pode ir atrás de Rory, e isso é uma droga. Você não pode estragar um relacionamento com a mãe do seu filho. Especialmente se ela é uma corredora. Mas Aaron tem a chance de prosperar aqui com primos da mesma idade e uma família. Este não é o fim da sua vida, Cody. É o começo disso.

— Krueger está de volta. — Só de pensar no funcionário do governo que fez de sua vida um inferno, Cody lutou contra o impulso de segurar a garrafa até que ela quebrasse em suas mãos.

— O que? — Gage perguntou, inclinando-se para frente e baixando a voz. — Quanto tempo?

— Ele está me pressionando por dois meses. Eu acho que ele está me preparando para outra missão ou talvez outra turnê. Eu não sei.

— Por que você não nos contou?

— Porque esse é o fardo do alfa às vezes, irmão. Ele ameaça a exposição, ameaça minha família e eu faço o que ele quer que eu faça.

Os olhos de Gage se fecharam e ele esfregou a testa. — Você está preocupado que ele vai descobrir sobre Aaron.

Derrotado, Cody assentiu. — Se eu busco um relacionamento com meu filho, coloco ele e a mãe em perigo. E ela é humana, Gage. Ela não é construída para sobreviver à merda em que vivemos. Ela estava com medo de me deixar saber que Aaron existia porque ela pensou que eu seria um

perigo para ele. As palavras que ele precisava dizer borbulhavam como ácido em sua garganta. — Ela está certa.

Nos últimos quatro anos, Krueger tinha sido o intermediário entre o Breck Crew e um governo empenhado em usá-los para suas habilidades únicas. Duas turnês na guerra e várias missões black ops que Cody não tinha permissão para falar, e ficou claro como cristal que o governo estava apenas começando com ele e seus irmãos. Ah, eles sabiam exatamente quem e o que eram os ursos de Breckenridge. Cada um dos membros da Breck Crew ostentava um rastreador em seu pescoço para se certificar de que eles estavam nitidamente controlados e vigiados pelo Big Brother. E agora Aaron também estaria na mira.

— Qual é a ameaça desta vez? — Gage perguntou em um tom sombrio. — Eles estão pensando em nos fazer registrar como shifters para o público.

— Eles estão saindo de nós?

— Não se eu fizer o que eles dizem. Esse é o acordo atual, de qualquer maneira.

Gage fez um único estalido atrás dos dentes e pareceu doente.

— Eles não vão parar até que você esteja morto, Cody.

Ele estalou os dedos e olhou para a caixa de vidro de uísques finos atrás do balcão. — Eu sei.

Ele aceitou isso anos atrás, mas agora ele tinha outra coisa para lutar além de sua tripulação. Além de sua família.

Ele teve um filho. E ele não suportava a idéia de que algum dia, quando fosse uma vítima do que a agência o obrigava a fazer, Krueger insistiria em Aaron da mesma maneira.

# Capítulo Cinco

Cody definitivamente se curvou.

Fazia dois dias desde que ele conheceu Aaron, e Rory não via nem cabelo dele desde então.

O menino perguntou onde ele estava e, sem saber o que dizer, ela fez o possível para mantê-lo feliz e distraído. Tia Leona ajudara preenchendo seus dias com diversão. Eles pintaram cerâmica em uma pequena loja na base da montanha, e ela estaria pronta, acionada e utilizável em outro par de dias, quando a simpática senhora que trabalhava lá puxou as tigelas de sopa que haviam pintado do forno. Eles tinham ido em algumas caminhadas e visitaram um parque de cães para que Aaron pudesse ver os filhotes brincando. E no rio, que serpenteava, pela rua principal eles observavam as costas marrons das trutas enquanto esperavam que os turistas jogassem pellets de comida neles. A tia Leona até os levara para uma excursão especial de uma mina de ouro no alto da

montanha, onde Aaron conseguiu fazer pequenos flocos. Desde que ele estava carregando o pequeno vil com um punhado de pequenos pedaços de ouro dentro. Um trio de burros em miniatura os seguiu ao redor da mina, esperando que eles compartilhassem os lanches que haviam trazido.

Rory se sentiu relaxada pela primeira vez desde que pôde se lembrar. Ela não tinha tido férias ou mesmo um dia seu desde que Aaron nasceu. Foi mais fácil aqui, mais leve. Tia Leona realmente amava seu sobrinho e ajudava a observá-lo, para que Rory pudesse relaxar e olhar em volta de vez em quando.

E Breckenridge estava deslumbrante no verão. Verdes luxuriantes cobriam tudo, e em toda floresta deserta eles caminhavam, rãs coaxavam e abelhas zumbiam. Este tinha sido o paraíso dela enquanto crescia. Visitar sua tia nas férias de verão da escola sempre foi o que ela esperava o ano todo. Ela tinha ficado atolada em sua neblina de preocupação desde que ela se tornou mãe, mas agora, ela se lembrou de quanto amava esse lugar. Pela primeira vez em muito tempo, ela podia aproveitar o espírito brincalhão de Aaron.

Suas gargalhadas eram um bálsamo para sua alma e tiraram a dor da rejeição de Cody.

Mas nos momentos de silêncio, como quando ela estava sentada em um pedregulho vendo seu filho andar nas águas rasas do rio da truta, ou quando ela reclinou em um banco enquanto ele passava pelo pátio da Main Street, ou agora, enquanto lavava os pratos do jantar - foi quando ela pensou em Cody.

Por que ele se machucou se não tinha intenção de ver seu filho de novo? Por que ele disse a ela para não sair se ele não fizesse o esforço para se conectar com Aaron? Ela teve um vislumbre de que ele se importava, mas talvez ela estivesse enganada.

O telefone tocou quando ela enxaguou um prato. Rory sorriu para si mesma porque provavelmente era Nina ou Doris, que telefonava com frequência. Aaron estava banhado e em seu pequeno pijama de alce xadrez, batendo dois caminhões juntos no chão de madeira ao lado dela enquanto ela limpava o jantar caseiro de lasanha que ela fizera para os três.

— Ei, — tia Leona disse baixo. — Esta ligação é para você.

Franzindo a testa, Rory enxaguou a espuma das mãos dela e secou-as, depois pegou o telefone fixo sem fio de sua tia. — Olá?

— Ei, sou eu. — Oh, o que a voz de Cody fez para ela, toda profunda e rouca assim.

Ela deu um tapinha na cabeça de Aaron, então entrou no outro quarto. — Eu pensei que você se esqueceu de nós.

— Não, não. Vocês são tudo o que posso pensar, na verdade. Me desculpe, demorou tanto para eu falar com você. Eu deveria ter dito a você. Estou num turno de quarenta e oito horas na estação.

— Estação?

— Sim, eu sou bombeiro. Eu faço dois dias, três dias de folga. Ouça, eu queria saber se eu poderia passar depois que eu sair de manhã. Quão cedo você acorda?

Rory afundou no beliche de baixo do quarto de Aaron e olhou para os trilhos acima dela. — A que horas eu gostaria de acordar? Meio-dia, mas Aaron acorda com os pássaros.

Cody riu e disse: — Ele é uma pessoa da manhã?

— Sim. Você deve ouvi-lo quando ele acordar também. Não há fase mal-humorada com ele. Ele fala sobre qualquer coisa. Seus bons humores são insolentes e antipáticos tão cedo, — brincou ela. — Então, um bombeiro, né? Isso soa como uma profissão perigosa.

— Você está preocupada comigo?

Ela inalou bruscamente no turno que a conversa havia tomado.

— Desculpe, — ele murmurou. — Este é um território desconhecido para mim. Então... eu estive pensando.

— Isso soa mau presságio.

— Acho que deveríamos criar algumas regras básicas. Juntos. Nós não nos conhecemos muito bem e agora que temos um filho juntos. Ou sempre tivemos um filho juntos, mas agora tenho que descobrir onde eu pertenço nessa família, sabe?

— Família? — ela sussurrou.

— Sim, Rory. Não estou pedindo para você se apaixonar por mim, mas acho que temos que formar algum tipo de amizade para que isso funcione, para que possamos ter um

relacionamento com Aaron e ser o mais fácil possível para todos.

— Então, você quer ser meu amigo?

— Sim. Apenas Amigos. Você pode namorar com, quem você quiser e eu farei o mesmo. Vai tirar a pressão de nós.

*Namorar outras pessoas.* Sua mente não estava absolutamente namorando agora, mas se ela estava sendo honesta, ela não gostava do pensamento de Cody com mais ninguém. Espere o que? De onde veio esse pensamento perturbador?

— Ok, você vai continuar a namorar a mulher que você estava na pizzaria. — Ela poderia fazer isso - amadurecer em ter uma amizade com o pai de Aaron.

— Ok, agora você vai, — disse ele.

— Hmm?

— Quais são as suas regras? Eu sei que você os tem com o Aaron. Diga para mim.

— Oh, certo. Ok, sem visitas durante a noite ou visitas sozinhas até que eu esteja confortável.

— Você quer dizer até você confiar em mim, — disse ele em uma voz plana.

— Sim. E só um tempo, só fico o resto da semana, então talvez eu não chegue a viajar.

A outra extremidade ficou em silêncio.

— Cody? Você ainda está aí?

— Sim. — Sua voz falhou e ele limpou a garganta. — Eu apenas não percebi que você estaria levando-o embora tão cedo. Ok, mas você vai visitar. Com que frequência?

— Sempre que eu puder, ajudará Aaron. E se você quiser o relacionamento. Com ele - acrescentou ela. — Eu acabei de sair do meu trabalho e preciso encontrar trabalho depois dessa semana, então não sei quanto tempo vai demorar entre essa visita e a próxima. Eu não sei quanto tempo de férias eu vou ter permissão e moramos longe. Fica caro e, bem, eu não tenho muito dinheiro. Não que eu esteja pedindo por algum. Nós fazemos bem, mas tem sido Aaron e eu há muito tempo.

— Onde você mora?

— Oklahoma.

— Jesus, — ele murmurou, soando muito menos feliz do que ele tinha alguns minutos atrás. — Se é dinheiro que é o problema para mantê-lo aqui, por favor, me diga. Eu cuidarei disso.

— Eu não me sinto bem sobre isso.

— Você não precisa se sentir bem sobre isso, Rory. Aaron também é meu filho e eu não paguei nada por toda a vida. Se você precisar de ajuda, diga-me e eu cuido de você. Quero dizer... você, como em você. Puxa, eu estive pensando sobre essa conversa por dois dias, e eu pretendia ser mais suave sobre isso.

Suas sobrancelhas se curvaram quando ela franziu os lábios. Cody tinha cerca de sete níveis fora de sua liga, e ele estava nervoso sobre falar com ela? — Eu acho que você está sendo muito bom.

— Você está me provocando.

— Somos amigos, certo? A provocação vem junto com o território.

Ele respirou profundamente através da linha. — Eu saio às sete da manhã. Posso levar você e Aaron para o café da

manhã? Há este lugar de donut na faixa principal que serve panquecas gigantes. Eu não quero colocar muito em você muito rápido, mas minha família quer conhecer você e Aaron.

— Sua família? — Estrondos nervosos encheram seu estômago, e ela rolou para o lado na cama. — Amanhã?

- Se eu não deixar que eles encontrem você, minha mãe estará na casa da sua tia, implorando uma visita com o neto. Ela é como um cachorro com um osso desde que você chegou na cidade.

— Whoa, acabei de perceber que Aaron tem uma avó. Isso é louco.

— Seus pais não estão na foto?

— Umm. — De nenhuma maneira ela queria ter essa conversa agora, ou nunca, realmente.

— Tudo bem se você não quiser falar sobre isso.

— Eu não. Ainda não, — ela disse suavemente, grata que ele estava dando a ela um fora. Uma mudança de assunto foi melhor. — Então, você está no posto de bombeiros agora?

— Sim. Nós temos nossos próprios quartos aqui em cima. Nada extravagante, apenas uma pequena sala com uma cama,

armário e uma tomada para carregar meu telefone. O que me lembra. Na maioria das vezes, ficamos bastante ocupados aqui, mas se você precisar de mim, tente ligar para o meu celular. Se eu não atender imediatamente, ligarei de volta assim que puder. Quer dizer, se Aaron está mudando e você precisa de ajuda, ou se você só quer conversar. Sobre o Aaron. Ou nada. Apenas ligue. — Ele limpou a garganta novamente. — O menino ainda está acordado?

— Sim. Seu tempo de banho é em torno das oito a cada noite. A tia Leona comprou-lhe aquele pijama xadrez vermelho e preto que diz *Moose Caboose* na pequena bunda. Eles são tão fofos, é ridículo. Deus, quanto mais ela falava com Cody, mais fácil isso parecia. Foi bom compartilhar essas coisas com alguém que não apenas tem que *ooh* e *aah* fora de polidez, mas com uma pessoa que realmente teve uma participação na vida de seu filho.

— Você se importaria se eu falasse com ele por um minuto?

Cody parecia tão tímido fazendo essa pergunta, que derreteu seu coração em uma pequena poça. — Sim, — ela disse, um pouco engasgada. — Deixe-me ir buscá-lo.

De volta à cozinha, ela deu a Aaron o telefone, e seus olhos brilharam como fogos de artifício quando ela disse que era Cody. Ela não podia ouvir o outro lado da conversa, mas o minuto que Cody pedira se transformou em muitos minutos enquanto Aaron lhe contava tudo sobre as aventuras que eles tinham tido nos últimos dois dias. Foi fofo ouvir sua opinião sobre isso. Suas histórias tendiam a circular de volta para um sapo que ele quase pegou, e ela riu com frequência enquanto o levava para o quarto e o colocava na cama, enquanto ele tagarelava.

— Você pode me cantar uma canção de ninar? Mamãe está me colocando na cama, e ela sempre canta. Mas ontem, tia Leona cantou sobre pequenas cavalariças, e quando eu perguntei se você gostava de cantar, ela disse que apostava que você tinha uma voz sutil.

Os olhos de Rory saltaram de sua cabeça, e ela cobriu o sorriso acidental com as costas da mão e tentou não morrer de

rir. Cody falou por mais um minuto enquanto Rory beijou a testa de Aaron e apagou a luz. E quando o menino ficou quieto e os olhos pesados, ela foi na ponta dos pés até o beliche de baixo e pressionou o ouvido perto do telefone.

Cody estava cantando — Enter Sandman— do Metallica com uma voz suave e profunda. Oh, meu Deus, isso não era apropriado como uma canção de ninar, mas estava colocando Aaron para dormir. E enquanto ela ouvia com a cabeça apoiada no travesseiro perto do filho, pareceu-lhe que a escolha da música parecia tão... Cody. Ele era novo nessa coisa de pai, mas era sexy como o inferno que ele não se recusava a cantar uma canção de ninar para seu filho. Ele era um bombeiro violento, na estação, e provavelmente em uma sala ao lado dos outros homens e mulheres que trabalhavam lá, mas ele era totalmente legal em cantar ao telefone.

— Aaron? — Cody perguntou em uma voz suave como uma brisa.

— Ele está dormindo, — sussurrou Rory, arrancando o telefone do pequeno. — Ooh, — Cody gemeu. — Você ouviu isso?

Ela beijou Aaron na ponta do nariz minúsculo e saiu do quarto. — A tia Leona estava certa. Você tem uma voz sexy.

— Cale-a, — disse ele, um sorriso em seu tom. — Eu pensei que estava cantando para uma audiência de cinco anos de idade. Não diga a ninguém que fiz isso, ou negarei para sempre.

— Ah, você é apenas um ursinho de pelúcia mole no corpo de um rato de academia.

Cody riu um som profundo e estrondoso, e ela o imaginou olhando para o teto de sua minúscula sala. Ela entrou na varanda da frente e afundou em uma cadeira de balanço.

— Você quer nos pegar amanhã de manhã, ou você quer que nos encontremos com você no restaurante?

— Se você está bem em lidar com a grande reunião familiar, eu te devo uma carona. São sete cedo demais? Eu posso dizer a eles para se encontrarem mais tarde, se você quiser.

— Não está bem. — Ela engoliu em seco enquanto olhava para as estrelas que pontilhavam o céu claro. — Eu estou nervosa.

— Por quê?

— Eu não quero estragar tudo. O que você disse sobre sermos uma família mais cedo - isso soou legal. Quero dizer, sei que não é uma família de verdade, porque não estamos juntos assim, mas gosto que vamos tentar ser amigos, para o Aaron. É um alívio não me sentir tão sozinha em tudo isso. Desculpa. Eu deixei isso ficar pesado demais.

— Eu não me importo com trabalho pesado, Rory. Eu gosto quando você é honesta. E estou feliz que você veio aqui e me contou sobre ele. Deve ter sido muito difícil criá-lo sozinho, especialmente se o seu pequeno urso está fora de controle.

— Você acha que pode ajudá-lo?

— Eu sei que posso. Tudo ficará bem. Eu prometo.

Cody parecia tão certo de seu juramento que um peso enorme se ergueu de seu peito.

Finalmente, ela podia respirar com facilidade e não temer o futuro. Se o que ele disse era verdade,

Aaron poderia ficar bem. Ele poderia levar uma vida normal, como Cody parecia estar fazendo.

— Eu vou te ver de manhã, Rory, — disse ele em voz baixa dele. — OK. Noite, Cody.

Quando ela desligou o telefone, ela tocou os lábios como se tivesse acabado de ser beijada. Ele cantou para o filho dormir e a fez se sentir segura pela primeira vez em muito tempo.

Mas eles eram apenas amigos e nada mais. Foi assim que esse arranjo funcionou.

Apenas amigos, certo, mas isso não iria impedi-la de nutrir uma paixão secreta por Cody o Sex Bombeiro Keller[1].

[1] O sexy homem de fogo (ou bombeiro) Keller

# Capítulo Seis

Rory puxou as mechas ruivas atrás dos ombros e considerou cobrir as sardas no nariz com base. Ela já tinha feito seus olhos verdes com sombra e rímel e cobriu seus lábios com brilho rosa, mas desde que Aaron brotou sardas como as dela em suas bochechas, ela começou a abandonar a maquiagem para cobrir a sua próprio. Parecia a única coisa que ele herdou dela.

Ela vestiu a calça jeans por baixo da blusa verde e esperou que este fosse um traje apropriado para conhecer a família de Cody. Não, por conhecer a família de Aaron. Ela tinha que causar uma boa impressão para os dois homens em sua vida.

Com um suspiro profundo e firme, ela alisou as rugas do tecido jeans apertado que se estendia sobre as coxas, depois vestiu um par de sandálias de tiras. Ela até pintou as unhas de vermelho esta manhã.

— Ele está aqui! — Aaron ligou da frente da casa onde estivera empoleirado no sofá em frente à janela panorâmica pela última meia hora, olhando para fora e esperando por Cody. Tia Leona acordou com o nascer do sol em uma reunião das Senhoras de Cabelos Azuis, para que seu homenzinho assumisse a responsabilidade de ficar de guarda.

Um pequeno guincho saiu por seus lábios enquanto ela tentava expulsar os nervos. Correndo, ela agarrou a pequena mochila de Aaron e um milk-shake de morango, em seguida, abriu a porta para seu filho saltitante.

Suas pequenas pernas se moviam em dobro enquanto ele batia na calçada em direção a Cody. O olhar de surpresa no rosto de Cody veio e se foi quando ele se abaixou e arrancou o menino do chão. Estabelecendo-o em seu quadril, Cody sorriu e cumprimentou Aaron. Oh Deus, Cody parecia bem - usando chapéu para traz, camiseta do corpo de bombeiros cinza, de ombros largos, cintura afunilada, musculosa, sexy gigante. Ela podia ver o contorno de seus peitorais por trás do material fino de sua camisa. E quando seus ovários acabaram explodindo como fogos de artifício de Quatro de Julho, ela deu uma

gargalhada do caminhão monstro preto atrás dele com os aros de blecaute e os trilhos laterais. Claro, ele dirigia um carro gigante. Suas longas e poderosas pernas nem se dobravam o suficiente para caber em seu hatchback. E agora ela estava olhando para seu bíceps enquanto ele flexionava ao redor das costas das pernas de Aaron, expondo uma mecha de tinta de tatuagem ao longo da manga de sua camisa.

*Amigos, amigos, amigos.*

— Hei, — ele cumprimentou-a, aproximando-se com passos largos. Seus olhos pareciam exaustos, mas seu sorriso era caloroso e genuíno, e havia aquelas covinhas que combinavam com as de Aaron. Inclinando-se, ele a beijou na bochecha no mais sexy olá que ela já tinha feito parte. Ela queria se agarrar à perna dele como uma craca, mas se manteve firme e recebeu o beijo da bochecha com dignidade. Ou ela pensou que sim até que um de seus joelhos se trancou e ela tropeçou para trás.

A mão forte dele envolveu o seu braço, envolvendo-o completamente, e ele a puxou-a para a frente antes que ela

colocasse o cóccix em sua garganta na varanda da frente. Abençoe aquele homem e seus muitos músculos.

— Você está bem? — Ele perguntou, suas sobrancelhas se abaixando em preocupação.

— Fantástica. Estou bem. Ótima. Mas talvez você não deva mais me beijar. Na bochecha, quero dizer. Isso faz minhas pernas não funcionarem. Merda. — Ela cobriu a boca e guinchou. — Eu quero dizer nave. Eu disse navio.

Seu olhar de preocupação se transformou em divertimento quando Cody testemunhou sua rápida descida à mortificação.

— Mamãe diz navio muito, — explicou Aaron. — É a sua palavra favorita.

— Sim, obrigada, — ela sussurrou em horror. — Isso está indo muito melhor do que eu imaginei.

Cody estava rindo agora enquanto ele passava o braço em volta do pescoço dela. — Você não precisa ficar nervosa. Eles vão te amar.

Ele cheirava divino. Não muito forte como, uma colônia, mas um aroma sutil e crocante. Talvez o desodorante dele?

— Você está cheirando minha axila?

— Não, — ela zombou. — Absolutamente não.

— Eu posso ouvir uma mentira, — disse ele, seu sorriso crescendo pelo segundo. — Todos os shifters de urso podem.

Ótimo. — Eu provavelmente não sou, mas se eu estivesse cheirando você, eu diria que você cheira bem.

O peito do imbecil estava tremendo de tanto rir quando ele a levou em direção ao caminhão, ainda segurando Aaron. — Você é engraçada.

Não, ela ficou horrorizada. Ela não tinha se despedaçado por um homem assim desde... bem, nunca. Ela se sentiu como uma adolescente se divertindo com sua primeira paixão. O que foi estúpido, porque ela tinha vinte e cinco anos de equilíbrio e maturidade. Não é essa boca de motor trepidante e fedorenta.

— O que é isso? — Cody perguntou, apontando para o tremor em sua mão. — Um shake de proteína para Aaron. Ele tem que beber duas vezes por dia, por pedido do médico.

— Um shake de proteína? — ele perguntou a Aaron, que assentiu com os olhos arregalados e sombrios. — Eu tenho que crescer grande e forte.

— Você é grande e forte, baby, — disse Rory. — O médico só quer ter algum peso em você. Ele está no percentual inferior para a idade dele.

— Isso é normal, — disse Cody.

— Isto é?

— Sim. Quando ele atingir a idade de sete anos, você estará rindo do fato de que você costumava dar a ele proteína. Ele e seu urso atingirão o primeiro grande surto de crescimento.

— Cody, — Aaron sussurrou. — Mamãe diz que não devemos falar sobre ursos.

Cody franziu a testa e deixou seu braço escorregar dos ombros de Rory. Ele parou ao lado do caminhão. — Bem, essa é a ligação da sua mãe, mas ao meu redor você pode falar sobre eles, sabe por quê?

— Por quê? — Aaron perguntou tão quieto quanto uma respiração.

Os lábios de Cody se abriram em um sorriso de parar o coração, e ele baixou a voz para combinar com a de seu filho. — Porque eu tenho um urso em mim também. Um grande.

Aaron sentou-se em linha reta no berço do braço de Cody, olhos azuis maiores do que Rory já os vira. — Mesmo? Posso vê-lo?

— Em breve. Sua mãe está certa, no entanto. Você não deveria falar sobre o seu urso, não sem mim ou ela por perto, ok?

— Eu não vou.

— Bom homem. — Cody abriu a porta dos fundos da caminhonete e colocou Aaron em um assento de carro.

— Quando você conseguiu isso? — Rory perguntou.

— Uhh, eu ajudo a fazer cursos de segurança nos assentos de carro no centro comunitário, e eu saí no meu intervalo de almoço ontem e consegui um dos lugares que eu recomendo na classe. — Ele afivelou Aaron como se tivesse feito cem vezes, e Rory se derreteu um pouco mais. O homem estava demolindo as paredes que ela ergueu em volta do coração.

— Isso é parte do show do bombeiro?

— Você é um bombeiro? — Aaron perguntou.

— Eu sou, e algum dia eu vou te dar um tour da minha estação.

Aaron bateu palmas e gritou animadamente quando Cody fechou a porta. — E sim, é parte do show. Nós vamos para as escolas e ensinamos sobre segurança contra incêndios e deixamos as crianças subir no motor. Nós fazemos muito na comunidade. É parte do que me atraiu para o trabalho. — Ele a levou pela parte de trás da caminhonete e abriu a porta, depois a ajudou a levantar.

Quando ele se instalou ao volante, ela perguntou: — Qual é a outra parte que te atraiu para isso?

— Minha família. Eu venho de uma longa fila de bombeiros. Nós, significando shifters, tendemos a nos agrupar em grupos unidos e escolher uma ocupação. Alguns de nós, trabalham em construção ou plataformas de petróleo. Geralmente é algo fisicamente exigente, porque o lado animal para nós requer que se sinta estável. Eu até sei que uma tripulação de lenhador se empolga em Montana. Minha família, no entanto, somos ursos de fogo.

Tem sido por gerações. Meus irmãos trabalham na mesma estação que eu. — Irmãos, plural? Quantos de vocês tem lá? —

Ela estava ficando nervosa mais uma vez no encontro com sua família.

— Três irmãos. Gage é o mais velho, eu sou o próximo, depois o Boone e o Dade. Gage é acoplado a uma shifter chamada Leah, e eles têm dois filhotes ao redor da idade de Aaron. Gêmeos, um menino e uma menina, Tate e Arie.

— Eles também têm ursos? — Aaron perguntou do banco de trás.

— Eles certamente, mas lembre-se da regra?

— Não fale sobre ursos sem você ou mamãe.

— Boa. — Cody assentiu em aprovação e sorriu para o retrovisor quando se afastou da casa de tia Leona.

O caminhão roncou alto enquanto desciam a Harris Street. — Qual o nome dos seus pais? — Rory perguntou. Talvez ela devesse estar escrevendo tudo isso para que ela pudesse lembrar de todos.

— Ma só vai querer que você chame-a de mãe. É coisa dela. Papai morreu quando eu era jovem.

— Oh. Eu sinto muito. — Ela puxou o olhar para frente e mexeu na barra da blusa. — Meu pai também, quando eu era pequena, então eu sei como é isso.

Cody olhou para ela, seus olhos brilhando de surpresa. — Eu também sinto muito então.

Rory encolheu o desconforto com o assunto e limpou a condensação do aperto de garrafa. — Você não acha que ele precisa disso?

— Não, ele vai crescer muito bem. Nós somos iniciantes lentos, é tudo. Se isso faz você se sentir melhor para dar a ele, faça isso. A proteína não vai machucá-lo nem a seu animal.

— Eu não gosto do jeito que eles provam. É nojento - Aaron falou do banco de traz.

— É tão estranho falar sobre o seu urso tão abertamente. Vai levar algum tempo para me acostumar. Eu sempre fui paranoica de alguém descobrir, então nós apenas não falamos sobre isso, exceto em torno de suas mudanças. Ele tem muitas perguntas, e a maioria delas eu não tenho as respostas.

Cody estendeu a mão e apertou a mão dela, depois soltou e segurou o volante. — Você fez bem, Rory. Você foi por cinco

anos criando um shifter urso e não foi pega. Isso é uma façanha em si. Eu tenho as respostas para ele, mas depende de você quando você está pronto para ele começar a aprender sobre o que ele é.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer, aquele tempo sozinho que você descartou? Eu preciso disso para ensiná-lo a controlar suas mudanças. Se você estiver por perto, isso irá distraí-lo, e seu urso será um pequeno inferno. Parte do crescimento de um shifter está em ensinar a parte animal dele.

— Como discipliná-lo? — ela perguntou. Isso não parecia certo. Ele era apenas um garoto que não se importava quando se transformou em um filhote de urso.

— Sim, mas não no sentido humano. Não é espancamento ou tempo limite, Rory. É postura e domínio e rosnar e descobrir onde ele pertence na hierarquia. É ele vendo adultos pardos se comportando e aprendendo o que ele é e não deveria fazer na floresta e em torno dos humanos.

— Oh — Sua voz saiu pequena e frágil. — E ele não pode aprender isso comigo por aí? — Ela não queria parecer

magoada, mas se sentia excluída de uma grande parte da vida de Aaron agora. Se ela fosse como ele, um metamorfo de urso, ela poderia ajudar a ensiná-lo as boas maneiras. Mas porque ela era humana, ela deveria confiar apenas em seu bebê em torno de ursos pardos crescidos?

Cody olhou para ela, profunda simpatia nas profundezas de seu olhar. — Não. Se ele já está arranhando você quando ele muda, ele vai precisar de trabalho. Você precisará entrar nisso eventualmente, mas não no começo. Ei, — ele murmurou, agarrando a mão dela novamente. — Se é cedo demais, é cedo demais. Eu não estou te empurrando, ou Aaron. Se você precisar de mais tempo para se sentir confortável com tudo isso, continuaremos fazendo do seu jeito.

Seu caminho envolveu uma gaiola e um coração partido. — Não, acho que aceitei o meu caminho não funciona. É por isso que estou aqui. Podemos esperar alguns dias até ficar mais confortável com tudo?

— Claro. O que você precisar.

Sua mão estava quente contra a dela, e corajosamente ela virou a palma da mão e entrelaçou os dedos com os dele. Ele

atirou-lhe um olhar surpreso, mas não se afastou. Se amigos não devessem dar as mãos, ela não se importava agora. O toque de Cody parecia bom demais para deixar ir ainda.

Sua respiração tremeu quando ela exalou seus nervos lentamente e olhou pela janela para as casas que passavam. Aaron nunca teve uma família extensa antes disso, e ela estava entrando em uma equipe de shifters urso e esperando que eles a aceitassem pelo bem de Aaron.

Enquanto Cody estacionava o caminhão no estacionamento atrás da loja de donuts, Rory baixou o espelho e se agitou sobre o cabelo, que decidira se enrolar como a crina de um leão de fogo.

— Você está linda, — disse Cody, observando-a com uma expressão ilegível.

— O que? — ela perguntou baixinho, certa de tê-lo ouvido errado.

— Você parece exatamente como eu me lembro. — Cody baixou o olhar para a coluna de direção e se desculpou. — Desculpa. Isso é fora de linha.

— A zona de amigos é estranha, — disse ela, franzindo o nariz.

— Tão estranho. Nós meio que fizemos tudo para trás, não foi?

Rory riu e assentiu. — Nós realmente fizemos. Você parece como eu também lembro - ela admitiu baixinho. — Melhor mesmo.

— Aduladora. Venha antes de você inchar o meu ego e eu não posso passar a minha cabeça através da porta.

— Bem. Seus músculos são insignificantes e sua altura e suas tatuagens são totalmente desinteressantes.

— Melhor, — disse ele com um sorriso. — Espere aí, e eu vou abrir sua porta.

No interior, um pequeno corredor levava a um restaurante muito menor do que ela esperava. Ou talvez fosse porque metade do restaurante parecia estar ocupado por gigantes. Uma mulher com cabelos compridos, retos e prateados puxados para trás em um rabo de cavalo baixo se aproximou primeiro. Seus olhos azuis, tão parecidos com os de Cody e Aaron, estavam brilhando com umidade pronta.

A mulher envolveu Rory em um abraço e sussurrou: — Eu sempre esperei que você voltasse.

Rory se afastou, perplexa. Ela era uma estranha e não tinha feito praticamente nada para ganhar esse afeto caloroso. — O que você quer dizer?

Cody apertou seu ombro e pegou Aaron, então começou a apresentá-lo ao resto das pessoas que esperavam no gargalo no corredor.

A mulher levantou uma mecha do cabelo encaracolado e corado de Rory e a estudou com um sorriso emocional. — Você salvou Cody de seu vínculo com Sarah. Realmente, você poupou todos nós. É uma coisa rara quebrar um vínculo, e você fez isso em uma noite com meu filho. Você sabe que ele procurou por você?

O coração de Rory parecia grande demais para o peito dela, e sua garganta estava se fechando a cada segundo. Sua própria mãe nunca tinha sido tão franca e sincera, nunca tinha tantos pensamentos sobre ela em uma fileira como essa. — Ele mencionou que ele olhou para mim.

— Ele procurou muito por você, querida. Ele estava desesperado para lhe agradecer de alguma forma. Estamos todos tão felizes que você decidiu voltar.

O coração de Rory caiu no chão. Ela não voltou pelo bem do seu coração. Ela voltou desesperada para ajudar Aaron, não para o benefício de Cody. — Eu deveria ter vindo mais cedo. Sinto muito, senhora Keller.

— Oh, querida, — disse a Sra. Keller, sacudindo a cabeça e enxugando os olhos com as costas das mãos. — Você teve suas razões para ficar longe. Você estava tentando proteger seu filhote. Tenho quatro rapazes e imagino que teria feito o mesmo se tivesse medo de que o pai os colocasse em risco. Ela olhou por cima do ombro e sorriu para Aaron, que estava com um homem alto com o cabelo na altura dos ombros e tatuagens em seus braços muito grandes. — Você criou um pequeno filhote forte e o manteve seguro sem a proteção de um bando. Você é uma boa mamãe urso. E nada mais dessa porcaria da Sra. Keller. Me chame de mãe.

Incapaz de conter as lágrimas na oferta e imerecimento do perdão da Sra. Keller, Rory abraçou-a com força novamente

enquanto outro peso saía de seus ombros. Nesse ritmo, ela se sentiria livre como um pássaro no final da semana.

— Agora, deixe-me colocar meus braços em volta do meu neto, — disse Ma, pegando ele.

Aaron deu a Rory um olhar incerto, mas ela assentiu em encorajamento. — Esta é sua avó.

Ele estendeu a mão lentamente para ela.

Ma arrancou-o do aperto de Cody e balançou suavemente quando ela disse: — Você sabe, você se parece com o seu pai na sua idade?

— Eu faço? — Aaron perguntou naquela pequena voz estridente.

— Exatamente igual, — disse ela, levantando os ombros para que ele se adaptasse melhor ao quadril dela.

— Cody, você ouviu? — Aaron chamou o murmúrio da multidão.

— Eu fiz, garoto, e é verdade. Vou mostrar fotos quando visitarmos a casa da vovó. Você - ele murmurou para Rory. — Você vem aqui. Eu tenho algumas pessoas que eu quero que você conheça.

Rory sorriu e deu um passo ao redor de Ma. Nervosa, ela acenou para os três homens reunidos em torno de Cody.

— Rory, este é Gage. — Ele gesticulou para um homem com olhos escuros e cabelos louros escuros que roçaram suas orelhas. Ele acenou com a cabeça e ofereceu-lhe um sorriso amigável.

— Boone. — Cody deu um tapinha no homem com os longos cabelos loiros e mangas de tatuagens nos braços. — E este é o bebê da família, Dade. — Aquele bebê da família era o mais alto de todos, elevando-se até mesmo sobre Cody.

Rory arqueou o pescoço para trás e sussurrou: — Santa mãe, — enquanto ela apertava sua mão.

Dade riu e a surpreendeu puxando-a para um abraço áspero. Boone seguiu o exemplo e, quando ela foi completamente abraçada e sua coluna agradavelmente rachada, Gage apontou para uma mulher sentada em uma mesa segurando uma menina dormindo ao redor da idade de Aaron. A mulher tinha cabelo e olhos escuros e uma aparência de duende nariz e lábios cheios, sorrindo. Seus olhos dançaram quando ela acenou.

— Esta é minha companheira... quero dizer esposa, Leah. Minha filha, Arie. Meu filho, Tate, está lá tentando desesperadamente fazer a vovó deixar seu filho para baixo para que ele possa brincar com ele.

De fato, havia um menino loiro e rechonchudo pulando para cima e para baixo, segurando a camisa de Ma com uma mão e implorando para brincar. Aaron sorria para ele e eles estavam de mãos dadas.

— Sente-se comigo, — Leah ofereceu, acariciando o longo banco ao lado dela. — Ok, — disse Rory timidamente, em seguida, deslizou todo o caminho até onde Leah sentou-se contra a parede. — Ela é linda. — Ela se estabeleceu ao lado da mulher.

Leah olhou para a menina, as tranças loiras empilhadas e um sorriso sonolento no rosto. — Não deixe ela te enganar. Ela é um pequeno monstro no período da manhã. Era mais fácil simplesmente deixá-la voltar a dormir aqui.

Rory riu e disse: — Aaron é uma pessoa da manhã.

— Como o pai dele.

— Sim, estou percebendo que ele é muito parecido com Cody.

Leah olhou carinhosamente para o cunhado e depois para Aaron. — Parece que a maldição de Keller atingiu você também.

— O que você quer dizer? — Rory perguntou.

Leah levantou uma mecha de seu cabelo, quase tão escura quanto a pena de um corvo, e colocou-a ao lado das tranças justas de Arie. — A genética é forte com esses meninos Keller.

— Sim, irritante, certo? — ela brincou. — Aaron tem sardas. Essa é a minha única reclamação. Eu o carreguei por nove meses, doente como um cão o tempo todo, e ele saiu parecendo nada como eu e como um pequeno bebê Viking.

Leah soltou uma risada e assentiu. — Finalmente, alguém que fica com a minha dor.

— Ei, eu vou pedir comida, — disse Cody, inclinando-se sobre a mesa até seu tríceps irritantemente sexy flexionado. — O que você quer?

— Uhh... — Ela olhou para o menu de lousa na frente, mas estava muito embaçado para ler até aqui. — Só me pegue o que você está tendo. Eu não sou exigente. Ah, Aaron vai querer...

— Um donut coberto de chocolate? Ele já colocou sua ordem seis vezes. Cody piscou e saiu em direção à linha com seus irmãos.

Agora, alguns homens pareciam estranhos quando piscavam, mas não Cody Keller.

Em vez disso, ele parecia ainda mais sexy, exalando toda aquela confiança. Foi quase injusto.

— Uh oh, — Leah murmurou quando Ma vinha com Aaron e Tate em nossa mesa. — Entrada.

Na fila, a mulher com quem Cody estava na pizzaria se aproximou e o puxou para o lado. Boone olhou rapidamente para trás, provavelmente para verificar se Rory estava vendo isso, e ela definitivamente estava.

Ma sorriu simpaticamente quando Rory se forçou a desviar o olhar. — Shayna é parcialmente nossa culpa. Nós o encorajamos a namorar, e ela está implacável há alguns anos,

se isso faz você se sentir melhor, acho que ele estava saindo com ela para me satisfazer.

— Não é da minha conta quem ele vê, — disse Rory baixo. — Nós somos apenas amigos.

— Mentiras, — Leah disse levemente. — Nós podemos ouvi-las.

Rory ofegou as bochechas e descansou o queixo nos antebraços antes de tentar novamente. — Não é da minha conta quem ele vê, porque ele disse que só devemos ser amigos, e ele quer que saímos com outras pessoas.

— Verdade, — Leah disse sombriamente. — Isso é uma merda. Por quê?

— Porque ela o assusta, é por isso, — disse Ma. — E querida, empunhar a habilidade de assustar Cody não é uma coisa ruim. Dê-lhe tempo.

Tempo que ela não tem. Em quatro dias, Rory voltaria para sua vida. Ela só esperava que a amizade que eles forjaram esta semana fosse o suficiente para ver sua pequena família até a próxima vez que ela pudesse visitá-la.

Rory olhou para cima a tempo de ver a mulher beijar Cody na bochecha e deslizar um olhar de olhos estreitos para ela. Algo verde e feio deslizou pelas veias de Rory enquanto ela observava a mulher sair pela porta da frente.

Quando ela olhou de volta para Leah, a mulher estava sorrindo de orelha a orelha. — Você parece chateada.

Erguendo o queixo, Rory disse: — Eu não estou.

— Mm-hmm, eu disse a mim mesmo sobre Gage por um ano inteiro, e agora olhe para mim. Levantando seus pequenos mimos e totalmente feliz.

— É diferente para Cody e eu. Nós realmente não nos conhecemos, e se não encontrarmos uma maneira de nos darmos bem, será Aaron quem sofrera por isso. Cody estava certo. A maneira mais segura de fazer isso é sermos amigos e nos concentrarmos em nosso filho.

Cody andou de volta com Boone, mas um homem o parou e apertou sua mão. — Obrigado por seu serviço, — disse o homem.

Cody assentiu e sorriu, então voltou para a mesa e sentou-se ao lado dela, cruzando as longas pernas sob a mesa.

— O que foi aquilo? — ela perguntou.

Cody sacudiu a cabeça, aparentemente desconfortável, mas Ma falou. — Cody serviu nosso país. Dois passeios.

Rory olhou para ele. — O que? Você é militar?

— Fui, e eu odeio falar sobre isso, então não vamos. — Sua voz era dura e fria, estalando como um elástico, mas se o frio que sobrou foi de seu encontro com Shayna ou de uma experiência assombrada no exterior, ela não poderia dizer.

— Tudo bem, — ela murmurou com um calor embaraçoso penetrando em suas bochechas. Do limite de sua visão, ela podia vê-lo olhando para ela com uma expressão instável, mas ela não se importava. Se ele não quisesse falar, e se ele quisesse trancá-la daquela parte de sua vida, tudo bem. Eles eram apenas estranhos amigáveis de qualquer maneira, e obviamente não era da conta dela.

Sua mão deslizou por cima de sua coxa, e ela ficou tensa, então subiu em sua coxa. — Eu estou indo para o banheiro, — ela murmurou quando ela tropeçou fora no final do banco.

Ele não irá tocá-la como ele quer depois de falar assim com ela na frente de sua família. Chocada, ela fez uma pergunta

honesta. Não era como se ela tivesse lhe perguntado algo muito pessoal. Por Deus, um estranho apertou sua mão e agradeceu seu serviço, mas a mãe de seu filho não foi permitida no segredo? Ela sentiu vontade de ir ao banheiro. Ela entrou no banheiro e trancou a porta atrás dela. Ela realmente não tinha que fazer xixi, mas por falta de qualquer outra coisa para fazer, ela deu a velha tentativa de faculdade, então lavou as mãos. Ela poderia fazer isso. Apenas Amigos. Não lhe foi permitido perguntar sobre sua vida até que ele estivesse pronto para lhe dar sua história. Realmente, isso era justo, porque ela não tinha falado sobre seus pais com ele quando ele perguntou, e ele não a empurrou para compartilhar. Ela não rejeitou sua pergunta na frente de sua família, no entanto. Gah, sua cabeça estava começando a doer. Soprando o ar de suas bochechas, ela se virou e destrancou a porta.

O torso gigante de Cody encheu a moldura, e ela guinchou, assustada. Sem uma palavra, ele abriu caminho até o banheiro e trancou a porta atrás de si.

— O que você está fazendo? — ela se enfureceu em um sussurro. — Este é o banheiro das mulheres. Nenhum *pau* é permitido.

Ele cruzou os braços sobre o peito até os músculos do braço se arquearem. — Você esta louca.

— Eu não estou.

Cody lançou-lhe um olhar que chamou-a para fora em sua besteira e se aproximou. As costas de Rory bateram na pia enquanto ela tentava manter o espaço entre eles.

— Me desculpe, se fui grosso com você, — ele sussurrou, colocando os braços em ambos os lados dela, prendendo-a. — Estou orgulhoso de servir, mas não foi minha escolha ir para a guerra.

— O que você quer dizer com isso não foi sua escolha? Não há rascunho.

— Há para meu povo. O governo sabe sobre nós, Rory. Nós temos que fazer o que eles querem. No momento em que me pediram para servir, meus instintos estavam gritando para ficar com o meu povo. Eles recrutaram meus irmãos também.

Eles separaram todos nós, enquanto era minha responsabilidade protegê-los.

— Por que tudo é sua responsabilidade?

— Porque sou alfa. Eu sou o líder do Breck Crew. Quando meu pai morreu... — Cody engoliu em seco e endireitou sua espinha, liberando-a de seu olhar de chama azul. — Quando ele morreu, o título foi para mim.

Rory inalou profundamente. — Então as pessoas sabem sobre shifters de urso. — Cody assentiu. — Por enquanto, são apenas as pessoas que querem usar o conhecimento de nossa existência como alavanca.

— Isso é uma merda, — ela murmurou, atordoada.

Ele passou a mão pelo cabelo curto e riu. — Você não tem ideia.

— Você sabe o que mais é uma merda? — ela perguntou, cruzando os braços.

— O quê?

— Shayna.

Suas sobrancelhas douradas arquearam alto com um lento sorriso tomando seu rosto. — Você está com ciúmes?

— Quero dizer, é difícil ver alguém beijar o pai do seu filho. Eu não me importo com o quão desapegado ou maduro você é, é uma situação embaraçosa. Mesmo se formos apenas amigos.

Uma batida suave soou contra a porta. — Eu tenho que fazer xixi. — Soou como Leah

Cody atirou na porta com um olhar preocupado, e então nivelou Rory novamente com aquele intenso olhar dele. — Isso é mais difícil do que eu pensava que seria.

— Não se preocupe, Keller. Eu estarei fora do seu cabelo em quatro dias. Então você pode voltar para bater em quem você quiser.

Ela deu um passo ao redor dele e alcançou a maçaneta da porta, mas ele agarrou o braço dela e a girou para encará-lo. — Não faça isso.

— Fazer o que?

— Chamar-me pelo meu sobrenome e falar em sair.

Seus lábios se chocaram com os dela. Inalando em choque, ela recuou contra ele, mas ele segurou seu pescoço e arrastou sua cintura para mais perto. E quando seus lábios se

suavizaram e se moveram contra os dela, ela fechou os olhos e se derreteu contra ele. Ele inclinou a cabeça enquanto ela passava a mão no peito dele. Abrindo os lábios, ela permitiu que ele a provasse. Um som mortificante e desamparado saiu de sua garganta enquanto seus dedos se tornavam gentis e o ritmo de seu beijo diminuía. Ele arrancou os lábios dela uma vez. Duas vezes. Descansando sua testa contra a dela, ele disse:

— Eu não deveria ter feito isso.

— Não, — ela demorou. — Não tire isso disso. O que você queria dizer é: 'Eu não deveria ter te dado nosso primeiro beijo no banheiro feminino de uma lanchonete de donuts'.

Um pequeno bufar de riso soou quando ele os balançou gentilmente de um lado para o outro. — Tecnicamente, eu te dei nosso primeiro beijo em um bar.

— Sim, isso não é nada melhor, Keller.

— Pare de me chamar assim.

— Não se queixa comigo na frente de sua família.

— Nossa família agora, Dodson.

Ela estreitou os olhos, preparando-se para uma réplica quando ele se inclinou para frente e lhe deu o beijo mais doce e

suave. O tipo que terminou com um som de beijo quieto e sexy e a fez ir quente de sua boca para os joelhos.

— Eu sabia que você era problema desde a primeira vez que te vi naquele bar, mulher.

Leah cantou através da porta: — Eu ainda tenho que fazer xixi.

Cody agarrou a mão de Rory e a levou para fora do banheiro. Tudo o que ela conseguiu foi um sorriso bêbado para Leah.

— O que aconteceu com você? — Leah perguntou, com os olhos arregalados.

Ela foi beijada demais, é isso. Cody olhou para Rory com um sorriso malicioso, então esperou que ela subisse no banco.

— Onde está Aaron? — ela perguntou, entrando em pânico quando olhou em volta e ele não estava lá.

Ma apontou para debaixo da mesa e Rory se abaixou. Aaron, Arie e Tate estavam todos brincando perto de seus pés com sorrisos de chocolate que diziam que eles já haviam inalado o café da manhã.

Ela deu um suspiro de alívio e pediu desculpas por pirar.

— Não se preocupe, — disse Ma com um sorriso quando ela derramou xarope sobre uma panqueca tão grande que suas bordas caiam sobre o lado do prato. — Ele está brincando com seus primos e tem se comportado perfeitamente bem. Além disso, eu nunca deixaria nada acontecer com ele.

— É verdade, — disse Boone. — Ma é assustadoramente protetora de seus netos. Ela mal nos deixa segurá-los.

— Ah, cale a boca, — disse Ma com um sorriso que dizia que gostava de ser provocada. — Aqui está. Este é o último desse. — Um, homem com uma camisa desgastada com um donut de desenho animado impresso nela colocava dois pratos empilhados, panquecas, bacon e ovos na frente dela e de Cody.

— Oh cara, isso é demais, — ela murmurou.

— Você disse para conseguir o que eu estou tendo, — disse Cody com um encolher de ombros. — Eu não sabia que você precisava da comida de seis pessoas.

— Eu vou terminar o que você não come.

Rory olhou para as pilhas gêmeas de comida transbordante. — A sério?

— Espere até Aaron atingir seu primeiro surto de crescimento - disse Gage do outro lado da mesa, com o prato empilhado tão alto quanto o de Cody. — Ele vai comer você fora da mesa em casa.

Ela olhou para o donut meio comido que ainda estava no prato de Aaron e balançou a cabeça. Conseguir que ele coma sempre foi um desafio. — Eu vou acreditar nisso quando eu ver.

# Capítulo Sete

— Você tem certeza que está pronto para isso? — Rory perguntou.

Estômagos cheios de café da manhã, eles estavam em fila no depósito de trem, esperando para tomar uma longa trilha ao redor do campo. O motor antiquado atrás deles sibilava os tornozelos, e Aaron aplaudiu e aplaudiu os outros passageiros que esperavam. Ele estava sentado nos ombros de Cody, acima de todos os outros, exibindo um sorriso radiante.

Cody, por outro lado, parecia totalmente exausto. — Eu tenho mais quatro dias com vocês e não quero perder nada.

Ele a puxou contra o seu lado com um braço, segurando as pernas de Aaron com a outra. Ele se aproximou e murmurou: - Recebemos muitas ligações ontem à noite e não consegui dormir. Normalmente, depois dos turnos de dois dias, vou para casa e durmo no primeiro dia, mas prefiro estar com você agora.

Rory envolveu seus braços ao redor de sua cintura e descansou sua bochecha contra seu peito. — Você é um bom homem, Cody. E forte. Você não é invencível, no entanto. Ela olhou para os olhos cansados e os dois dias de barba loira no queixo. — Eu poderia tirar uma soneca depois disso, e Aaron vai dormir como um tronco depois da manhã que ele teve.

— Mulher, você está me seduzindo em uma soneca de família com você.

— Sim. Está funcionando?

O sorriso caiu de seu rosto, e a ternura encheu seus olhos quando ele olhou para ela. — Eu gosto que você se preocupe comigo.

— Eu gosto que você perdoe facilmente.

Ele franziu a testa.

— O que eu tenho que te perdoar?

— Por esperar cinco anos para voltar.

Ele revirou os olhos e puxou-a para a plataforma de carregamento com os outros passageiros na fila. — Ma me deu uma bronca quando tentei reclamar com ela. Disse que você era o tipo certo de mulher por se preocupar com a proteção do seu

filhote. Seus olhos se arregalaram, ele olhou em volta e baixou a voz. — Eu quero dizer criança. Eu pensei nisso e ela está certa. Você lutou sendo uma mãe solteira para a segurança dele. Você é uma boa mãe para meu filho. O que importa é que você voltou.

— Você não está com raiva que você perdeu seus primeiros?

— Não sou louco, Rory. Estou triste. Não adianta chorar sobre o leite derramado, no entanto. Está feito. Eu posso punir você e eu pelo que aconteceu, ou posso tentar aproveitar o tempo que nós temos juntos. E é isso que eu pretendo fazer. Ele pressionou os lábios contra a têmpora dela, depois tirou as passagens de trem do bolso de trás e entregou-as ao condutor.

No interior, eles escolheram um banco no último carro. As mãos de Cody nunca deixaram as costas de Aaron quando o garoto pulou para cima e para baixo no assento perto da janela. Rory poderia dizer que ele gostava de seu filho pela maneira como ele olhava para ele com um sorriso suave entre risadas divertidas. Ele não agiu forçado ao redor dele ou desconfortável. Era como se ele tivesse sido uma parte deles o

tempo todo. E ficou claro que Aaron também adorava Cody. Ele já havia dito que queria ser bombeiro quando crescesse.

Ela estava vasculhando sua bolsa, procurando por um pacote de mistura de trilhas que colocara ali, no caso de Aaron ficar com fome, quando uma mulher mais velha com olhos bondosos bateu na mão dela. — Você com certeza tem uma boa família lá, — disse ela.

— Obrigado, — disse Rory, sentindo falta de ar.

Ela parou sua busca de lanches para ver Cody apontar para alguém trabalhando em uma pista adjacente e explicar o que ele estava fazendo para Aaron, que estava acenando freneticamente. A vida parecia tão normal aqui. E com certeza, parte disso era a atmosfera. Foi porque ela estava finalmente de volta ao lugar que ela adorava tanto. E parte disso era da família de Cody fazendo de tudo para que ela se sentisse tão confortável. Mas a maior parte - quase tudo - era de estar aqui com Cody, sentindo-se como um time. Como se ela não estivesse tão sozinha em todas as decisões sobre o futuro de Aaron.

O que Cody estava lhe dando era mais precioso do que ele jamais saberia.

****

Rory era tão linda a essa luz que era difícil desviar o olhar dela. Ele tinha que, no entanto, ou destruiria o seu caminhão, e hoje ele estava carregando uma carga preciosa.

Cada minuto com ela era perfeito. Ela tinha aberto algo dentro dele que ele tinha medo, e Rory nem tinha a menor ideia do que estava fazendo isso. Isto foi sem esforço para ela, estabelecendo seu urso e fazendo o animal dentro dele se sentir manejável pela primeira vez, desde que ele pudesse se lembrar.

Pinheiros de Lodgepole e abetos altíssimos borrados, criando uma tela verde atrás de seu cabelo vermelho-escuro e fazendo com que seus olhos sorridentes parecessem ainda mais brilhantes quando ela olhava para ele. Ele só sentiu isso fortemente por uma outra mulher, e Sarah não mereceu sua devoção. Rory era diferente, no entanto. Ela era boa e honesta. Trabalhadora e uma boa mãe. Ela era engraçada como o inferno, mesmo quando ela não estava tentando ser, e às vezes quando ela olhava para ele, sua beleza o surpreendeu. Mesmo

exausto, o zumbido de excitação em seu sangue era constante hoje.

Seis anos atrás, ele disse a si mesmo que ele procurou por ela para agradecê-la, mas isso era besteira. Ele procurou por ela porque ele estava desesperado por momentos como este.

A estrada bifurcou e ele explicou: — Estamos no Rio Azul agora. Ma vive nessa estrada, e aquela do meio leva às cabines dos meus irmãos. Este vai para o meu. Ele pegou a veia esquerda e virou em um ziguezague.

— Aw, é como uma comuna de homens-urso.

— Comunhão do shifter urso, — ele corrigiu quando ele parou na frente de sua cabana. — Oh wow, — disse Rory, olhando pela janela. — É lindo.

Ok, ele não tinha ido para *bonito* quando ele elaborou os planos e contratou um empreiteiro para ajudá-lo a construí-lo. Ele tinha ido para o homem-caverna chique, mas ele podia ver o apelo que tinha para Rory. Contra um pano de fundo de montanhas com neve e no meio do nada, esse lugar era um refúgio seguro para shifters como ele e Aaron.

A cabana fora construída de troncos, e o telhado era íngreme e mergulhou até o chão para afastar grandes quantidades de neve no inverno. Ele puxou Aaron de sua cadeirinha e pegou a pequena mochila azul que levava com ele para todo lugar que ele ia, depois conduziu Rory pela calçada de laje.

Pela primeira vez hoje, os nervos entraram em ação e ele lutou para pegar a chave na fechadura. Importava se ela gostasse do seu covil ou não. Ela era a primeira pessoa, fora da família, que ele já havia convidado para cá.

Aaron olhou em volta com uma piscadela lenta e sonolenta quando Cody o abraçou com mais força ao quadril e conduziu Rory pela sala de estar. Havia apenas dois quartos e uma cozinha para as principais salas de visitas, portanto, cinco minutos depois, ele estava de pé no meio do quarto principal, segurando a mão de Rory e imaginando-a toda enrolada em seus lençóis.

Ele acomodou Aaron contra o edredom verde e grosso, e o menininho enrolou as pernas no peito imediatamente. Rory

tirou um cobertor marrom da mochila e colocou-o nos braços de Aaron.

— Cody, conheça Bebe - o item de conforto de Aaron desde o nascimento.

Cantando a cabeça e apoiando as mãos nos quadris, ele observou Rory deslizar por baixo das cobertas com o filho. Seu cabelo ruivo se espalhou sobre a fronha enquanto ela enfiava Aaron contra ela e dava espaço para Cody pegar o outro lado.

Como ele teve essa sorte?

— Você parece mole, — disse ela com um sorriso em sua voz.

Cody reorganizou seu rosto o mais forte que pôde e aprofundou sua carranca. — Melhor?

— Sim. Você parece muito mais difícil agora.

Ele tirou os sapatos e apertou o botão do ventilador de teto, depois fechou as cortinas até o quarto ficar escuro. Um ruído estridente veio do bolso dele, e ele deslizou o celular para fora e olhou para a tela.

*Desconhecido*, a identificação do chamador é lida. Merda.

Ele lançou a Rory um olhar de desculpas, depois saiu da sala e fechou a porta suavemente atrás dele.

— Olá? — Ele mordeu a palavra, já ciente de quem estava do outro lado.

— Keller, precisamos conversar.

— Por quê?

— Você pode me encontrar em uma hora?

— Não, Krueger. Estou ocupado e não tenho mais nada a dizer para você. — Eu preciso de você para outra missão.

Com um suspiro, ele se certificou de que a porta do quarto ainda estava fechada, então atravessou a sala até o outro quarto e baixou a voz. — Você não acha que eu fiz o suficiente? A resposta é não.

Uma batida de silêncio levou a uma risada ofegante e cruel. — Foda-se ser legal nisso então. Keller, você fará a missão. Eu não estou perguntando a você. Estou dizendo a você. Temos um alvo e sabemos onde ele estará amanhã à noite.

— Eu não sou seu maldito assassino, Krueger. Eu sou bombeiro.

— Não, você é uma arma. Uma arma que criamos e uma que destruiremos se você empurrar nossa mão. Todo o treinamento de luta e seu tempo no campo fizeram você inestimável para mim. E suas habilidades únicas e sentidos aumentados, seus instintos… bem, esses são o que fizeram de você o assassino perfeito.

— Eu não vou mais matar por você. Eu servi meu tempo. Você disse que nos revelaria e nos faria registrar publicamente como shifters se eu combatesse suas ordens, e isso é eu chamando seu blefe. Fora de nós, e você não terá mais armas.

— Eu nunca sairia de você, Keller. Mas, se tivermos uma raça superior geneticamente melhorada, que de repente se tornou desonesta e fora de controle, não hesitaremos em aniquilar toda a sua espécie para manter o público americano seguro.

O coração de Cody martelou contra o esterno. — O que diabos isso significa?

— Significa que você fará essa missão e todos os outros pelos quais precisamos, ou não pararei até que toda a tripulação de shifters de urso tenha sido erradicada. Não me

teste, Keller. A continuação de sua espécie depende da sua flexibilidade.

Cody olhou para a parede, o peito arfando quando seu urso arranhou-o de dentro para escapar.

— Oh, e Keller? Eu conheço Rory Dodson e seu filhote.

A linha ficou inativa e Cody mal reprimiu a vontade de jogar o celular contra a parede, apenas para a satisfação de vê-lo estilhaçar-se em centenas de pedaços fraturados. Ele virou-a no sofá e segurou seu cabelo. — Porra.

— Cody? — Aaron disse logo atrás dele. — Eu não me sinto bem.

Cody virou a tempo de ver os olhos do garoto ficarem dourados. Seu corpinho se empurrou para dentro e o som de ossos estalando encheu a sala.

— Não! — Cody engasgou, em seguida, agarrou-o em torno de seu meio quando pele brotou da pele de Aaron. Esquivando-se da mobília, ele correu para fora da casa e acomodou a forma inconstante de Aaron no trecho de grama mais macio do quintal da frente. Puxando freneticamente a

camisa, Cody tirou a roupa e tirou os jeans assim que Aaron ficou completamente mudado e balançando de quatro.

O pequeno filhote de urso marrom olhou para ele, os olhos redondos e a boca aberta. Ele girou e correu, e Cody amaldiçoou quando deu ao urso dentro de si permissão para ter sua pele. Dor, ofuscante e brilhante, fez ele perder a visão do filhote por um momento, mas ele estava trovejando após seu cheiro assim que a mudança terminasse.

Porra, seu filhote foi rápido. As minúsculas calças e rosnados de medo que lhe caíam ao vento fizeram Cody atacar mais depressa. Não foi até que ele chegou a um gargalo entre dois pedregulhos e um pedaço de amoras além do que ele alcançou Aaron. O filhote foi pego nas videiras espinhosas, berrando de dor.

Cody sacudiu um som baixo e reconfortante de sua garganta enquanto puxava o bebê dos espinhos. Aaron lutou contra ele - não é surpreendente, uma vez que ele nunca esteve perto de um urso adulto antes. Cody abraçou-o com mais força e sentou-se sobre as ancas quando ele balançou-o suavemente de um lado para o outro. Demorou muito tempo, mas

eventualmente, Aaron se desgastou lutando, mordendo e coçando. E, depois de algum tempo, seus grunhidos de terror se desvaneceram aos sons de bebê de um filhote que estava confortável. Ele se aninhou contra o peito de Cody, fungando quando o zumbido ficou mais alto no pequeno peito do filhote. Isso estava tão perto de ronronar quanto os ursos.

Com um profundo suspiro de alívio, Cody acomodou Aaron e se afastou imediatamente, deixando a escolha para seu filhote seguir ou não. Se ele pudesse sorrir nesta forma, ele teria quando ouviu os passos suaves logo depois dele.

Cody mostrou a Aaron sua floresta. O tempo não era nada aqui na floresta, onde tudo tinha um cheiro e um som. Onde ele podia assistir seu filhote explorar as rochas e musgo. Onde ele podia testemunhar Aaron farejando uma trilha de cervo ou ajeitando suas pequenas garras em uma muda para se sentir como um poderoso urso. Ele cresceria forte e alto algum dia, mas aqui em seus bosques, Cody testemunhou uma primeira - a primeira mudança de Aaron de uma gaiola e na natureza aonde ele pertencia.

Quando o sol começou a se pôr atrás das árvores, Cody chamou um pequeno berro para que Aaron deixasse as corredeiras rústicas que vinha perseguindo peixinhos e o seguisse para casa.

Rory esperou nos degraus da varanda enquanto eles limpavam a linha das árvores, e Aaron imediatamente atacou. Ele não estava pensando diretamente em sua forma animal, e isso tinha que mudar. Manter a cabeça enquanto ele era um urso tornaria a vida de Aaron mais fácil e segura.

Estendendo a mão para a frente, Cody cortou suas minúsculas pernas de debaixo dele com um gentil ancinho de sua pata gigante. E quando Aaron se levantou, os olhos fixos em Rory, Cody o puxou para trás e bateu os pés em ambos os lados do filhote enquanto soltava um rugido ensurdecedor para quebrar seu foco em Rory.

Aaron se agachou, orelhas achatadas e olhos assustados. Cody olhou para ele, soprando a respiração pelos pulmões e desafiando o pequeno animal a atacar novamente.

Rory estava agora no pátio, ainda como uma pedra e pálida como um fantasma. Compreensível desde que Cody era

o dobro de sua altura, se ele estava em suas pernas traseiras. Ele nunca iria machucá-la, no entanto.

Ela não sabia ainda, mas ela era sua para proteger.

Aaron seguiu devagar e, quando Cody se aproximou, Rory pôs as mãos sobre o rosto e sussurrou: — Por favor, não me machuque.

Cody pressionou a testa contra o calor do estômago dela e balançou as costas suavemente, depois correu a lateral do rosto contra as costelas. Dedos hesitantes tocaram a pele na nuca dele. Rory fungou quando uma gota de umidade bateu em sua orelha.

Cody olhou por cima do ombro, dando permissão a Aaron para se aproximar. O cheiro do medo de Rory engrossou o ar. Ela foi ferida por seu filhote antes. Se Cody não tivesse visto as cicatrizes em seu braço, ele saberia disso pelo cheiro acre de seu terror agora.

Aaron atacou alguns metros, blefando, e Cody deu um tapinha na porta e soltou um aviso baixo e estrondoso.

Lentamente, Rory se ajoelhou e ofereceu seu punho fechado para Aaron cheirar. Ele se movia para frente e para

trás, nervosamente mudando seu peso de um lado para o outro, mas finalmente chegou perto o suficiente para Rory tocar seu pelo.

— Meu bebê urso, — ela cantou.

O olhar de reconhecimento que brilhou nos olhos de Aaron fez com que Cody desse um passo para trás para lhes dar espaço. Aaron colocou a boca no braço dela, mas não foi um ataque. O zumbido reverberando do peito do filhote revelava suas intenções. Ele não iria mordê-la com força suficiente para perfurar sua pele ou transformá-la. Este foi um sinal de carinho para seu cuidador. Os brancos dos olhos de Rory brilhavam ao redor de suas íris verdes musgosas, mas ela não recuou nem fugiu. Sua brava humana. Não, ela se sentou no chão e puxou Aaron para o colo enquanto o filhote batia o braço na boca e cantarolava.

Quando ela olhou de volta para Cody, seus olhos estavam cheios de lágrimas. Seu primeiro instinto foi destruir tudo o que a deixara chateada, mas o sorriso agradecido em seus lábios o acomodou.

— Você nem sabe o que fez por nós, — disse ela, com voz entrecortada. — Obrigada.

E quando se recostou, observando sua família acidental se afagando no jardim da frente, Cody sabia que aceitaria a missão de Krueger. Ele faria qualquer coisa, mesmo com o custo de sua própria alma, se isso significasse que Rory, Aaron e o resto da tripulação de Breck estavam seguros.

O peso de ser alfa tinha sido ótimo.

O peso de ser pai foi maior.

# Capítulo Oito

— Você me viu, mamãe? — Aaron perguntou naquela pequena voz dele. — Eu não estava em nenhuma gaiola, e Cody disse que eu fiz bem.

— Baby, eu vi, e estou muito orgulhosa de você. Foi assustador estar na floresta?

Aaron franziu a testa e balançou a cabeça ligeiramente. — Eu não me lembro. O urso de Cody é gigante - disse ele, esticando os braços mais do que o travesseiro em que estava deitado.

Ele engoliu um sanduíche de queijo grelhado e vegetais misturados, mas mal conseguira manter os olhos abertos na mesa de jantar. Cody disse que era normal e que ele precisava dormir agora.

Ela puxou o edredom cor de vinho do pé da cama de hóspedes de Cody até o queixo de Aaron e deu-lhe pequenos beijos, por todo o seu rosto. Ele riu, então reprimiu um bocejo.

O pobre garoto tinha bolsas escuras sob os olhos, como sempre fazia depois de uma mudança. Ele parecia não ter dormido em uma semana, mas pelo menos dessa vez, ele parecia mais feliz.

— Cody? — ele chamou suavemente.

Seu pai apareceu no batente da porta e sorriu. — O que você precisa, garoto?

— Você pode me cantar essa canção de ninar?

— Uh — Cody baixou o olhar e passou a mão pelo cabelo curto. Se Rory não soubesse melhor, ela poderia jurar que ele estava corando. — Certo.

Rory os deixou, beijando a testa de Aaron mais uma vez antes de sair do quarto escuro. Sentada no sofá, ela podia ouvir as letras da música heavy metal vagando pela casa, e ela sorriu apesar do estresse das últimas horas.

Foi quase meia hora antes de Cody emergir. Ele ficou quieto desde o turno com Aaron. Ela pensou que ele viria se sentar no sofá com ela, mas em vez disso ele não iria encontrar seus olhos enquanto entrava na lavanderia. Mais cedo, ele havia jogado as roupas de sua mochila do corpo de bombeiros

junto com o jeans de Aaron na máquina de lavar e agora parecia ocupado transferindo as roupas úmidas para a secadora.

De pé na confortável almofada do sofá, ela foi até a lavanderia. — Fiz algo de errado? — ela perguntou quando se encostou na porta.

— Não.

— Mas você está chateado.

— Estou bem. — Cody fechou a porta do secador e ligou-a, depois recostou-se nela e soltou um suspiro explosivo. — Ma quer lançar um grande churrasco amanhã para você e Aaron.

— Onde?

— Aqui.

— Então, — ela disse, chutando o canto da porta com o dedão do calcanhar de sua cunha, — *você está* jogando um churrasco.

— Basicamente.

— Mas isso não é o que você está chateado, — ela adivinhou. Cody sacudiu a cabeça, mas não ofereceu uma explicação. — Sou eu?

Outra sacudida de sua cabeça, e ele parecia tão cansado quanto Aaron.

— Essa é uma daquelas coisas como as turnês que você serviu? Você não quer falar sobre isso comigo?

Desta vez ele acenou com a cabeça uma vez e deixou o queixo no peito. — Tudo bem, — ela murmurou, deslizando os braços ao redor de sua cintura. Ela apoiou a bochecha contra o batimento cardíaco acelerado dele. — Eu invadi sua vida e você não me deve explicações. Eu sei que levará tempo para confiar em mim.

Ele passou os dedos pelos cabelos dela. — Isso não tem nada a ver com confiar em você. É sobre proteger você.

Ela arqueou o rosto para trás e procurou a preocupação em seus olhos. — Você se lembra da primeira vez que estivemos juntos?

— Eu me lembro da *única* vez que estivemos juntos? Sim. — Sua sobrancelha se elevou em um desafio. — Você?

— Eu estava completamente sóbrio.

Ele riu e passou as duas mãos pelo cabelo dela agora. — Você estava bêbada como um gambá. Eu queria esperar até estarmos sóbrios, mas você não estava tendo nada disso.

— Eu queria o que eu queria, — ela pensou sem vergonha.

— Arrependimentos?

— Nenhum. Você me deu Aaron naquela noite. Você?

Ele balançou a cabeça lentamente e procurou o rosto dela como se nunca tivesse visto nada parecido com ela. — Nenhum.

Girando-a tão rápido, seu estômago afundou, Cody a colocou na secadora. O metal estava quente sob suas pernas, aquecido pelo trabalho. As vibrações pareciam surpreendentemente eróticas quando ele puxou os joelhos mais largos e se acomodou entre as coxas dela.

— Diga-me, Rory, — ele sussurrou, pressionando os lábios contra o pescoço em um beijo mordiscando. — Você já pensou em mim quando se tocou?

Sua respiração tremia quando ele a puxou para a borda da secadora e rolou seus quadris contra os dela.

— Bem? — ele murmurou enquanto arrastava a boca até o lóbulo da orelha sensível. — Você fez?

— Sim, — ela ofegou.

— Boa. — Recuando, ele puxou a camisa sobre a cabeça e estalou os dedos contra o fecho do sutiã. Ele caiu para frente e ela deu de ombros.

Cody chutou a porta e puxou a camiseta por cima da cabeça. As palavras *Veni, Vidi, Vici* foram tatuadas em letra cursiva no peito ondulante, e mais cachos de tinta esticaram-se da clavícula até o braço. Seu abs flexionado com cada respiração enquanto seu olhar violava seu corpo. Deus, ele a fez queimar.

Sua pele era lisa e dura sob seus dedos enquanto ela traçava as estrias em seus ombros. Mas quando ele levantou os olhos novamente, ele parecia incerto. Perdido mesmo.

Ela segurou sua bochecha e beijou-o suavemente para colocar seus medos à vontade. Ele estava com medo que ela fosse embora de novo, mas isso estava além dela agora. Ela não podia voltar para Oklahoma e criar Aaron sozinha - sabendo

que Cody estava bem aqui, esperando que eles voltassem para que ele pudesse fazer parte de suas vidas.

Mandíbula trabalhando sob a palma da mão, Cody enfiou a língua contra a dela e puxou-a para perto até que seus seios pressionaram contra os duros planos de seu peito. Sua pele parecia divina ao lado dela. Os beijos entre os dois encheram a ponto do desespero quando Cody soltou o botão de seu jeans.

O rasgo de seu zíper a fez arquear contra ele enquanto ele mordiscava sua garganta. Quando ele tirou as calças dela, ele agarrou o mamilo dela, apertado pelo prazer que ele tinha construído dentro dela. Sua língua lambeu a pele sensível e puxou a cabeça para mais perto.

— Eu preciso... — O que ela precisa? Tudo. Tudo dele, mas como perguntar isso a um homem que não se sentia à vontade para se dividir?

Um grunhido suave ressoou em seu peito quando ele puxou a calcinha rendada para o lado. Ela nem sequer teve tempo de ficar em choque antes que sua boca estivesse em seu sexo.

Ela jogou a cabeça para trás enquanto corria os dedos pelos cabelos curtos dele. O homem definitivamente ainda se lembrava de onde seu clitóris estava. Ele lambeu suavemente, repetidamente, até que ela estava à beira da liberação, então ele inclinou o queixo e pressionou a língua profundamente dentro dela. Ela estava ofegante agora, observando a cabeça dele entre suas pernas. O som de rosnado que ele estava fazendo mais cedo estava ficando mais alto a cada momento, e quando a pressão aumentou para níveis insuportáveis, ela sussurrou: — Estou indo! — um momento antes de seu orgasmo se agarrar em torno de sua língua inteligente. Os tremores pulmonares continuavam enquanto ele continuava a afeição.

— Um, — ele rosnou, levantando-a do secador e carregando-a como se ela pesasse menos que o ar em seu quarto.

Seu coração disparou com a percepção de que ele tinha, os planos mais sexy para ela. Seus olhos refletiam como um animal na luz fraca do banheiro, mas ela não estava com medo. Não depois disso, quando ele a protegeu de seu próprio filhote. Cody nunca iria machucá-la.

Com o pé, ele chutou a porta e colocou-a gentilmente em sua cama. — Deixe-me pegar uma camisinha, — ele sussurrou contra seus lábios, em seguida, a beijou. Seu peso desapareceu.

— Espere! Leah disse que você não fica doente. Não como os humanos.

— Nós não.

— Eu estou tomando pílula.

Seus movimentos da mesa de cabeceira pararam e ele se virou devagar.

Ela sentou-se de pernas cruzadas na cama dele, a mortificação aquecendo suas bochechas. — Eu quero te sentir.

Seus olhos brilharam de fome quando ele se arrastou sobre as cobertas em direção a ela, flexionando os braços quando se aproximou. Sua respiração ficou presa em sua garganta quando ela arrastou seu olhar para baixo de seu torso para a longa ereção que ele tinha desembainhado entre suas pernas. Esta parte ela tinha esquecido - quão grande ele era. Ele não era apenas longo, mas grosso também. Intimidante assim.

— Não tenha medo, — disse ele em uma respiração. — Eu nunca machucaria você.

Ela sorriu quando a luz fraca iluminou um lado de seu rosto e lançou o outro na sombra. Ela tinha acabado de pensar isso momentos atrás, como ele nunca a machucou. — Eu sei.

Cody cutucou seus joelhos com os seus e colocou seus quadris contra os dela. A cabeça de seu pênis roçou sua costura molhada, e ela revirou os quadris instintivamente, perseguindo-o.

— Mais disso, — ela sussurrou, passando a mão pelo seu braço de aço. O canto de sua boca subiu ligeiramente quando ele empurrou para dentro dela devagar, enchendo-a, esticando-a até que ela teve que se lembrar de relaxar ou não seria capaz de levar tudo dele. Porra, ele se sentiu bem quando seus quadris bateram nos dela. Suas terminações nervosas eram sensíveis agora, depois de sua cuidadosa atenção na lavanderia.

Cody fechou os olhos quando se afastou dela, e quando os abriu novamente, eles estavam com a cor verde-dourada que dizia que seu animal estava acordado e com ela. Ela o amava assim. Aberto e vulnerável - permitindo que ela visse tudo dele,

até mesmo os lugares secretos que ele escondia de todos os outros.

Ele pressionou dentro dela novamente, contrariando seus poderosos quadris enquanto apertava sua mandíbula. Ele estava tentando ser gentil com ela, e isso a fazia amá-lo mais.

*Amor.*

Será que o estranho que teve o filho dela poderia ser aquele que pertencia a ela? Ela nunca ousara esperar antes, mas aqui na luz fraca, com os olhos dele nos dela enquanto ele se movia dentro dela, ela sabia que era verdade. Ele era dela.

A realização soltou seu peito como uma pressão de formigamento construída com cada escova de sua pélvis contra seu clitóris. Cody era dela e vale a pena lutar. Sua respiração se tornou ofegante quando uma carranca tomou seu rosto, como se ele estivesse sentindo a mesma revelação que ela teve. Seus olhos se arregalaram quando ele bombeou nela mais rápido.

— Diga-me para parar agora, ou eu não vou conseguir, — ele disse em uma voz que ela não reconheceu.

Confusa, ela segurou-o com mais força. — Eu não quero que você pare.

— Eu não posso... eu não posso... — Seus olhos estavam ficando mais brilhantes quando ele bateu nela, empurrando-a mais para cima da cama a cada golpe.

Gritos de êxtase escaparam de seus lábios entreabertos quando ele puxou as costas de seus joelhos e a abriu mais. Ele bateu nela, empurrando mais rápido até que ela arranhou suas costas e arquejou seu nome.

Quando o corpo dela se apertou com os primeiros pulsos de seu explosivo orgasmo, jatos de calor a atingiram, aquecendo-a de dentro para fora. Cody agarrou o cabelo dela e esvaziou-se completamente. Prazer e dor a cegaram por um instante, e ela ofegou e se curvou contra ele.

— Merda, — Cody cerrou, segurando o peito. Ele saiu dela e a umidade escorreu por suas pernas. Lutando para trás, ele quase caiu da cama tentando escapar dela.

— O que está errado? — ela perguntou, olhando para a mão dele enquanto ele agarrava seu peito.

Confusa, ela olhou para o próprio peito, onde ela parecia estar queimando.

— Diga-me que você sente isso, Rory. Por favor, Deus. — Seus olhos seguraram agonia quando ele balançou a cabeça.

Ela nunca tinha visto um homem como ele assustado antes disso agora.

— Por favor, me diga que você também sente, — ele implorou.

— Dói, — ela sussurrou, esfregando o lugar macio entre os seios. — O que acabamos de fazer?

O peito de Cody arquejou quando ele procurou seu rosto. — Eu acho que apenas nos ligamos.

# Capítulo Nove

Cody sentou-se na beira da cama de costas para ela. Ele estava lutando contra um medo que ela só podia imaginar. O que quer que sua ligação com Sarah tenha feito antes de Rory aparecer, isso o marcou profundamente.

Lentamente, ela se arrastou até ele e colocou a mão nas cordas endurecidas de músculos nas costas dele. Demorou minutos dela esfregando suavemente toda a extensão para ele relaxar sob o toque dela.

— O dia mais assustador da minha vida foi quando eu tive Aaron, — admitiu pela primeira vez em voz alta. — Eu tinha certeza de que não seria boa o suficiente, e apta o suficiente, firme o suficiente. Eu estava com medo de não ser o suficiente. Minha mãe me deserdou quando descobriu que eu estava tendo um filho fora do casamento. Ela é conservadora sobre coisas assim. Meus amigos tinham vinte anos e estavam na faculdade. Eles estavam se divertindo e bebendo e se

preocupando com os exames finais enquanto eu estava crescendo. Eu não tinha ninguém a não ser a tia Leona, e ela vivia em estados distantes. Eu tive Aaron sozinha. Ninguém estava no hospital segurando minha mão ou me dizendo que tudo ficaria bem, e eu estava com tanto medo. Eu não sei o que aconteceu entre você e Sarah, mas eu conheço esse olhar em seu rosto porque eu já vi isso no espelho muitas vezes. Se você está com medo de mim, Cody Keller, quero que saiba que você é o suficiente.

— Você vai sair, — disse ele baixo. — E não apenas em alguns dias. Algum dia você verá tudo. Todas as coisas terríveis que fiz para proteger meu povo. As linhas que eu cruzei. Você vai ver o quão escuro eu estou por dentro, e você vai correr e nunca olhar para trás.

— Eu não estou mais correndo. Eu ficarei. Tudo o que você precisa fazer é pedir.

Seu olhar foi para o dela.

— Você vai ficar aqui? Você e Aaron? Comigo?

— Um vínculo é uma grande coisa, certo?

Um aceno de cabeça quando ele girou os ombros e esfregou sua coxa com o seu calor mão.

— E te machucaria se eu tomasse Aaron e saísse? — Um estremecimento e outro aceno.

— Bem, — ela disse, com o coração na garganta. — Me machucaria profundamente também. Não consigo mais me imaginar dirigindo. Eu não quero acabar com a família que temos. E eu não me importo se não é como os outros. Se não somos casados ou se ainda estamos nos chamando de amigos. — Nossa família pode ser diferente porque somos diferentes. Tudo o que sei é que Aaron... — Ela fez uma pausa enquanto as lágrimas queimavam seus olhos e ela tentou recuperar o controle de si mesma. — Aaron nunca sorriu tanto. E para mim? Eu nunca estive mais feliz do que quando estou com você. Eu quebrei seu vínculo com Sarah porque você não pertencia a ela. Seu lugar é comigo.

Um sorriso esperançoso suave e lento, transformou o seu rosto. — Estamos realmente fazendo isso?

— Se você nos quiser. Quero dizer, vou ter que encontrar um emprego aqui e um lugar para morar e....

Os lábios de Cody colidiram com os dela, e ele a puxou para o colo até que ela se sentou sobre seus quadris. — Nós vamos descobrir tudo, — ele prometeu. — Juntos.

Recuando, ela segurou suas bochechas e procurou seus olhos dançantes. — Você está feliz?

— Sim.

— Acabou-se o medo?

A escuridão cortou suas feições por um instante antes de compor seu rosto novamente. — Não sobre nós. Agora não.

— Meu corajoso monstro não tem mais medo de um pequeno humano. — Cody a puxou para a cama e enrolou seu corpo ao redor dela, pressionando o peito contra as omoplatas. — Eu teria estado lá para você se eu soubesse. Eu teria estado naquele hospital quando Aaron nasceu, dizendo que tudo ia ficar bem.

— Eu sei. Eu tinha todas essas razões para manter você fora de nossas vidas, mas agora todas elas parecem bobas.

— Quando é o aniversário dele?

— Janeiro dia nove. Ele tinha sete quilos, mesmo quando nasceu e começou a dormir durante a noite em apenas quatro semanas.

— Bom bebê.

— Ele foi incrível. Eu tive que abandonar a faculdade quando ele nasceu, mas terminei meu curso online.

— Você andou pelo palco[2]?

— Não. Ninguém estava lá para ver, e eu não tinha ninguém para cuidar de Aaron.

— Sinto muito que sua mãe te deserdou. Eu não posso imaginar sentir raiva suficiente em Aaron para abandoná-lo se ele precisasse de mim assim.

— Sim. Essa foi a parte mais difícil de tudo. Apenas…se sentindo sozinha. Estes últimos dias foram surpreendentes. Mesmo que alguém esteja lá ajudando a observá-lo eu me sinto muito mais relaxada.

— Ele já pratica esportes?

[2] Cerimônia de formatura.

— Ainda não. A pré-escola era tudo que eu podia aguentar.

— Você se importaria se eu o colocasse no T-Ball na próxima temporada? Eu poderia treinar. Seria bom para ele entrar em esportes e aprender sobre trabalho em equipe. Meus irmãos e eu todos jogamos em um time de beisebol intramural cada primavera e outono. Isso ajuda a resolver o animal se nos mantivermos ativos.

— Eu acho que ele adoraria jogar T-ball, — disse ela, com um sorriso na parede. Ela acariciou o braço dele que estava preso em torno de seu estômago e se aconchegou contra ele. — Eu também vou gostar de ver você tocando.

Ela imaginou nachos e arquibancadas, refrigerantes suicidas e bonés. E Cody em um par de calças de baseball apertadas. Sim, ela ia assistir o inferno fora dele jogando alguns esportes intramurais.

— Eu vou verificar Aaron, — Cody murmurou. Ele se levantou e puxou o jeans. — É um lugar novo e uma cama nova. Eu volto já.

Apoiando-se em seu cotovelo, ela o observou sair do quarto. Ele ia descobrir bem rápido que Aaron dormia como os mortos, mas foi incrivelmente cativante que ele estava preocupado. Ela checou Aaron três vezes por noite durante anos, quando ele era um bebê, paranóica que ele de repente parasse de respirar.

Não podia imaginar o que Aaron fizera com os instintos já protetores de Cody.

Ela estava com tanto medo de voltar aqui pelo bem de Aaron, e agora, ela não podia imaginar suas vidas sem Cody. Bater no fundo do poço acabou sendo sua salvação. Sem o desespero por um futuro melhor para seu filho, ela nunca teria visto Cody novamente.

Sem o fundo do poço, ela e o homem pelo qual ela estava se apaixonando nunca teriam tido chance de uma segunda chance.

****

A manhã tinha voado. Cody a deixara na casa da tia Leona de madrugada, graças a um encontro que ele teve que ir a cidade. Ela fez panquecas para Aaron e sua tia e ficou pronta

para o dia. Com um par de horas antes do churrasco, Rory tinha entrado na cidade com a tia e o filho para montar os teleféricos até o topo das montanhas. Eles ainda correram no verão para as vistas panorâmicas. No topo, onde o ar era mais rarefeito, havia estandes de concessão e passeios. O elevador foi fechado com assentos de carpete e janelas ao redor. Assim que a porta se fechou, Aaron ficou de pé contra a janela e conversou sobre todas as pegadas de animais que ele podia ver na lama rangente abaixo. E depois que eles voltaram montanha abaixo, eles andaram pela rua principal.

Para grande alegria de tia Leona, Rory pegou os pedidos de emprego no museu, em uma loja de camisetas e em alguns restaurantes. Se ela estava falando sério sobre estabelecer suas raízes aqui, ela precisava de uma renda e um lugar para ficar. Ela e Aaron não poderiam morar nos beliches de tia Leona para sempre, e ela queria levar as coisas devagar e firmes com Cody. Mover-se juntos parecia uma pressa e, dessa vez, queria dar uma chance real ao relacionamento deles.

Rory parou em uma pitoresca loja de imóveis no meio da cidade e pegou uma revista cheia de aluguéis. Não houve

escassez desde que o turismo governou Breckenridge. Ela preencheria as inscrições hoje à noite e as traria de volta quando ela estava na cidade novamente.

Meia hora, antes de seu churrasco começar, eles andaram pela calçada em direção à Harris Street. Aaron estava abaixando um crepe de morango e chocolate de um vendedor de beira de estrada. Seu apetite havia melhorado muito hoje. Talvez fosse porque ele estava mais feliz, mas ela suspeitava que tinha algo a ver com a sua longa mudança e aventura na floresta com Cody ontem. Ela ainda estava admirada por ele ter conseguido administrar Aaron. Cody parecia ter um instinto natural quando se tratava de seu filho.

- Meu pequeno alce bagunceiro - ela pensou, curvando-se para limpar o bigode de chocolate com um pedaço de guardanapo que tirou da loja de crepes.

Aaron olhou para ela com olhos largos e felizes e bateu em seus lábios. — Este é o meu novo café da manhã favorito.

— Segundo café da manhã?

— Cody diz que o segundo café da manhã pode ser mais gostoso do que o primeiro café da manhã.

— Por que não estou surpreso que o homem possa guardar comida assim? — Tia Leona perguntou. — Ele é um bife. Tenho que alimentar essa carne.

Rory bufou, depois corou quando se lembrou do corpo tatuado e musculoso de Cody cobrindo o dela na noite anterior. — Eles trabalham muito na estação para ficarem aptos para o trabalho. Você viu seus irmãos?

— Oh, querida, as senhoras de cabelo azul viram todos esses garotos Keller. Todo mundo viu. Eles são bonitos de se ver, claro, mas eles também são heróis locais. A cidade comemorou quando esses meninos voltaram da guerra. Ambas, às vezes. E cada um deles está envolvido na comunidade. Não a parte política e entediante disso também. Eles ajudam com todas as captações de recursos, aulas de segurança contra incêndio e desfiles. Eles até visitam as escolas por aqui e deixam as crianças visitarem o carro. Aqueles garotos de Keller são bons até os ossos, cada um deles. Você não poderia ter escolhido um pai melhor para o seu bebê se você tentasse.

Rory sorriu tristemente enquanto observava Aaron se aproximar e passar uma bengala ao longo de uma cerca de metal, crepe meio comido pingando chocolate da outra mão. — Eu gostaria que mamãe pudesse conhecê-lo. Talvez ela se sentiria melhor sobre tudo se visse que bom homem ele é.

— Bem, — se ela chegasse perto de Cody Keller, acho que ele iria encantar as meias dela. Minha irmã é uma mulher teimosa, no entanto. Ela sempre foi.

— Você falou com ela ultimamente? — Rory perguntou suavemente.

— Duas semanas atrás. Ela está bem. Ela está namorando algum advogado e está morando nos subúrbios agora.

— É tão estranho não saber sobre a vida da minha mãe depois de ter crescido tão perto dela.

— Sim, imagino que seria. Rory, você sabe que nada do que aconteceu entre você e sua mãe é culpa sua, certo?

Rory arrancou uma folha verde-lima de um arbusto quando ela passou e dobrou-a cuidadosamente. — Eu diria que é tudo minha culpa. Fui eu quem teve o bebê contra o conselho dela.

— Isso foi sua mãe, criança. Ela nunca deveria ter dado um ultimato assim. E ela não querendo conhecer o neto... Tia Leona ficou olhando Aaron com uma sacudida triste da cabeça. — Ela perdeu mais do que ela jamais saberá. Essa foi a sua escolha, no entanto, e eu fiquei azul no rosto insistindo com ela por te tratar assim. Ela só fala comigo ao telefone se eu não mencionar o passado.

— Ou eu.

Os lábios finos de tia Leona se curvaram em um sorriso simpático enquanto ela a abraçava contra o lado e acariciava o ombro de Rory. — Estou feliz que você seja sua própria mulher, Rory Dodson. Você não deixou que as opiniões dos outros o derrubassem ou mudassem sua ideia. Você ficou preso às suas armas e mostrou uma postura impressionante em como você criou seu filho. Sua boa maternidade mostra como Aaron é feliz e bem ajustado. Você é uma boa mãe.

A emoção congelou em seu peito, e Rory desviou o olhar antes que tia Leona pudesse ver o quanto aquelas palavras a tocavam. Ela desejava ouvir qualquer elogio da mãe quando ela era mais jovem, mas ser mãe para Aaron era diferente de

fazer o Hetero ou ter uma bolsa de estudos. Foi a coisa mais importante que já fizera, e ouvir tia Leona, cuja opinião importava tanto, dizia que ela era boa nisso... bem, isso significava o mundo inteiro.

— O que é isso? — Aaron perguntou de frente. Ele correu para a porta da frente da casa de sua tia e pegou um vaso de lírios do dia. — Mamãe, eu acho que é para você.

Quando Rory chegou a ele, ela leu o cartão rabiscado em voz alta. — Eu não consegui fazer tudo isso na primeira vez. Eu vou compensar você. Mal posso esperar para ver você e Aaron. Traga seus trajes de banho. Cody

— Oh, eu amo lírios do dia. Doce e doce homem. Ele tem uma piscina na casa dele? Tia Leona perguntou.

Rory franziu a testa para o cartão, relendo em silêncio. — Não. Nem mesmo um rangido que eu vi.

— Eu me pergunto por que você precisa de maiôs então.

— Me bate.

# Capítulo Dez

Ficou claro por que eles precisavam de roupas de banho quando Rory puxou seu pequeno carro até a estrada de cascalho em direção à cabana de Cody. Na frente, no gramado levemente inclinado, Boone e Dade desenrolavam uma lona gigante, e Cody a estava lavando e ensaboando. Uma banheira de balões de água estava ao lado. Ao lado dele, Arie e Tate estavam saltando para cima e para baixo em grandes camisetas. Rory praticamente podia ouvi-los daqui, implorando aos meninos Keller que se apressassem e os deixassem escorregar.

— Mamãe! — Aaron gritou quando viu as festividades na frente. — Você vê isso?

— Eu faço, baby.

— O que é isso?

— É um escorregador de sabão caseiro. Você corre bem rápido e deita nele e desliza todo o caminho até a base da colina.

— Eu quero fazer isso! — Ele abaixou a janela e gritou: - Oi Arie! Oi Tate!

Os gêmeos acenaram e gritaram saudações estridentes.

Rory não pôde deixar de sorrir, nem se tentasse por cem anos. Aaron tinha uma família e filhotes da mesma idade que ele poderia cultivar. Ele não se sentiria tão diferente aqui. Agora, seu futuro se estendia indefinidamente e o potencial para que ele levasse uma vida feliz melhorou dez vezes.

Ela temia que Aaron tivesse que esconder o que ele era para sempre, mas o Breck Crew oferecia um santuário.

O sorriso de Cody fez seus joelhos baterem enquanto ela estacionava o carro no final de uma fila de caminhonetes e jipes. Ele entregou a mangueira a Arie e correu enquanto ela abria a porta. Oferecendo-lhe uma mão para cima, ele arrastou o olhar de seu top verde do biquíni para os shorts jeans de corte para seus pés de chinelo flip-flop.

— Porra, mulher, — ele murmurou.

— Cody! — Aaron gritou. — Estou preso.

Com uma rápida piscada como se estivesse saindo de um transe, Cody abriu a porta dos fundos e libertou Aaron de suas

restrições no assento do carro. O garotinho saltou do carro e bateu nas pernas de Cody, abraçando-o com tanta força que seus pequenos punhos cerraram o tecido do jeans. Ele beijou o joelho de Cody com um baque alto, depois correu para o alto da colina para Arie e Tate, com seus pequenos calções de mergulho de tubarão afundando sob a regata azul de néon.

Cody o observou com uma expressão que seria chamada de suave se estivesse no rosto de um homem mais suave. Cody, no entanto, era todo o queixo esculpido e olhos intensos. Sobre ele, parecia apenas orgulho.

Rory passou por baixo do braço estendido e esfregou a bochecha contra o tecido de algodão da camiseta branca que estava usando, bem no logotipo do corpo de bombeiros sobre o coração.

Com um sorriso torto, ele agarrou sua bunda e apertou quando ele se inclinou e beijou seus lábios. Ele puxou a alça do biquíni e disse: — Você é uma visão para os olhos doloridos.

— Você sentiu nossa falta?

— Claro que sim. Você vai fazer aqueles longos turnos na estação muito difíceis para mim, não é?

Ela caminhou lentamente ao lado dele em direção ao resto da tripulação reunida em cadeiras de plástico ao redor de uma fogueira. — Quais são as regras com isso? Somos autorizados a visitar?

— As visitas são difíceis porque nunca sabemos quando uma ligação vai chegar. É quase quatro de julho, então os fogos de artifício têm sido um problema ultimamente. Em dias lentos, você pode, no entanto.

— Que tal ligar para você?

— Sim, não há regra contra o chamado. Vou pegar se puder e ligar de volta se estiver ocupado. E se eu puder encontrar tempo, vou tentar ligar para o Aaron na hora de dormir. Ei, eu preciso te dizer uma coisa. Ele a puxou para uma parada e agarrou seus ombros. — Shayna é o nosso despachante. Nós não trabalhamos no mesmo prédio, mas eu queria que você descobrisse de mim. Tenho que falar com ela ainda, profissionalmente.

— Oh. Tudo bem. — Ela gostou da ideia de Shayna ainda ter algum tipo de relacionamento com Cody, profissional ou não? Não. Mas ele estava dizendo a ela de frente porque ele

obviamente não queria perseguir nada com a mulher. — Obrigado por me dizer. — Com um suspiro de alívio, ela disse: — Suponho que vou ter que parar de ligar para os meus ex, se vamos sair com exclusividade.

Seus olhos se estreitaram. — O que ex?

— Gracejo.

Com um grunhido, ele a jogou por cima do ombro e caminhou em direção à fogueira enquanto ela ria. — Espere, eu trouxe minha bolsa! E toalhas. E eu preciso fechar a porta do meu carro!

Ele girou tão rápido que fez seu estômago revirar para os dedos dos pés. Ele colocou no ombro a bolsa que ela guardara com toalhas e protetor solar, equilibrou a torta de limonada rosa caseira que juntara esta manhã, depois fechou a porta, enquanto a estabilizava em seu ombro com uma mão habilmente colocada em sua bunda. O brutamontes sexy.

Ele se inclinou e mordeu a cintura dela gentilmente, depois hesitou e parou. — O que é isso?

Colocando-a de pé, ele projetou o queixo para o par de linhas prateadas que se aprofundavam em seus quadris. — Aaron também fez essas cicatrizes?

— Sim, — disse ela, virando-se para que ele pudesse ver os correspondentes do outro lado. — Estrias, Keller. Seu filho me marcou bem.

Os olhos de Cody giraram e ele se inclinou para estudá-los. Correndo a ponta do dedo até um deles, ele disse: — Você teve essas gerando meu menino?

Cody era durão e o homem mais forte que ela conheceu para suportar o que ele fez. Mas quando ele dizia coisas assim, palavras que expunham uma doçura interna e inesperada a um homem tão rude, que a derreteu. — Sim, — disse ela em uma respiração. — Você acha que elas são feias? É a minha primeira vez em um maiô na frente de outras pessoas desde... você sabe.

Ele ergueu os olhos para os dela, e a honestidade inconfundível se acumulou em suas profundezas azuis quando ele disse: — Eles são tão fodidamente lindas. — Um sorriso perverso deslizou por seus lábios. — Eu quero mordê-las. Eu *vou* mordê-las.

Um arrepio delicioso tremeu por sua espinha e pousou em seus ombros. — Cody, — ela murmurou um aviso, — você não pode estar dizendo coisas assim para mim quando estamos prestes a ir ter uma conversa coerente com sua família.

Ele deslizou o braço sobre os ombros dela e arrastou-a em direção ao Breck Crew. Puxando-a para perto, ele sussurrou contra seu ouvido, — Eu gosto quando seus olhos ficam todos bêbados quando eu falo com você.

— Sim, bem, eu gosto quando você pratica esportes públicos, então estamos quites. — Ela arqueou as sobrancelhas para a protuberância em suas calças.

— Eu não estou envergonhado, — ele sussurrou, em seguida, deu um tapinha na bunda dela e se mudou para uma mesa de comida coberta.

Rory ficou ali observando-o enquanto seu corpo aquecia de dentro para fora como um vulcão. O jeans de Cody encapava seu poderoso passo, e a camisa que ele usava agarrava seus ombros grossos. Seu torso afunilou em uma cintura em forma de V. Ele ficou alto e forte enquanto se

afastava, como se soubesse seu lugar exato no topo da cadeia alimentar por aqui - a fera sexy de um homem.

— Hei, — disse Ma, apertando o pescoço. — Olhe aqui. Eu fiquei acordada até tarde ontem à noite tentando encontrar isso para você. Ela puxou um álbum de fotos de uma cadeira vazia e entregou a Rory.

Rory tomou o assento entre Ma e Leah e abriu o álbum para a primeira página crepitante.

— Oh meu Deus, mãe! — Leah gritou. Ajustou a alça de seu maiô listrado vermelho e branco e se aproximou mais. Enfiando as mechas escuras e onduladas atrás da orelha, Leah deu uma risadinha na foto de quatro garotinhos com shorts curtos e camisas combinando. Cada um dos irmãos segurava pequenos postes de pesca amarelos e usava sorrisos de dentes abertos. Os homens de Keller tinham uns dois anos de diferença de idade, mas aqui, além de uma pequena diferença de altura, eles poderiam ter sido múltiplos.

Rory passou o dedo pela grama selvagem na parte inferior da foto e sorriu de orelha a orelha.

— Você sabe qual é o Cody? — Ma perguntou.

Rory apontou imediatamente.

Ma assentiu com uma risada impressa.

— Como você sabia?

— Porque ele se parece com a imagem de Aaron. — Ela olhou para cima para ver Cody observando-a com o olhar mais suave em seus olhos.

Rory deu-lhe um tímido aceno de dois dedos e tirou uma cerveja de um refrigerador vermelho e inclinou a cabeça em questão.

— Pegue um daqueles doces que eu trouxe, — Leah gritou para ele. — Eles são deliciosos. Prove apenas como limonada de morango, mas faça um burburinho.

— Oh, eu não deveria ter nada para beber, — disse Rory, balançando a cabeça. — Eu tenho Aaron...

— Não significa que você não pode aproveitar o dia, querida, — disse Ma. — Ele está bem. Olhe para ele, e todos nós vamos ajudar a assistir esses pequenos e mantê-los longe de problemas. Você não precisa exagerar, mas Rory, tudo bem se permitir relaxar e se divertir.

Foi bom ter mamãe dizendo isso. Desde que ela era uma mãe solteira, Rory tinha sido duro consigo mesma por ser a mãe perfeita. Mas a realidade era que ela tinha pulado seus anos de festa. Ela se arrependeu? De jeito nenhum. Aaron a manteve longe de problemas. Mas ela tinha vinte e cinco anos e mal tinha bebido desde aquela noite com Cody porque estava tão assustada que alguém a consideraria inadequada. Como se ela tivesse que compensar a única noite sendo um robô.

Cody pegou o topo de uma bebida vermelha e limpou a condensação em sua camisa antes de entregá-la a ela. Inclinando-se sobre a cadeira, segurando o braço de plástico, ele baixou os lábios até a orelha e sussurrou: - Não vou beber. Eu vou assistir nosso garoto. Divirta-se. — Com um beijo demorado na têmpora, ele se afastou e pulou as escadas da varanda em direção ao grill que Gage estava ocupando.

Ma e Leah usavam expressões iguais de choque.

— Vocês estão namorando? — Ma perguntou.

— Ou acasalados? — Leah perguntou, cruzando os tornozelos no quintal gramado abaixo.

— Acasalados? — Rory perguntou, bochechas aquecidas.

— Você é companheira de Cody? — Leah se aproximou. — Querido Senhor, por favor, diga sim. Eu não suporto Shayna.

— Leah, — Ma admoestou.

— Admita, mãe, ela é difícil de lidar. Muito exigente e afetada. Ma bufou e tomou um longo gole de sua cerveja com sabor de frutas em vez de responder. Finalmente, Ma perguntou: — Bem, você está?

— Estamos ligados, — admitiu Rory, deixando cair o olhar para a bebida em suas mãos. — Isso faz de mim sua companheira?

Rory engasgou quando Leah puxou-a em um abraço de esvaziamento de pulmão, e Ma riu um som estridente quando ela jogou os braços ao redor dos dois.

— Cody! — Ma gritou. — Você se acasalou, garoto?

Boone chamou sua atenção de onde ele estava cobrindo protetor solar nos braços de Tate. Ele ficou com um grande sorriso bobo no rosto. — Ah, diga que não, Cody. Você gritou?

— Droga, — Cody murmurou, mas seu sorriso era contagiante quando escapou do aperto de Gage em seu ombro.

— Bem, eu queria anunciá-lo depois do almoço. Venha cá, mulher. Ele sacudiu o queixo.

— Aaron, — Rory chamou.

— Sim, mamãe? — o garotinho perguntou por trás de Arie.

— Venha aqui. Cody tem algo para te contar.

Aaron bombeou suas pequenas pernas e subiu os degraus da varanda na frente dela. Cody jogou-o no ar e, em seguida, puxou-o para perto enquanto seu filho riu e se contorceu. Enganchando um braço sobre o ombro de Rory, ele beijou o topo de seu cabelo enquanto o grupo de Breck se reunia, cervejas na mão como se soubessem que um brinde estava chegando.

— Seis anos atrás, conheci essa mulher em um bar.

— Tão romântico, — Boone gritou.

— Cale-se, — disse Cody com uma risada. — Então, seis anos atrás, eu estava em um lugar ruim, todos se lembram. Eu vi essa ruiva ardente e atrevida em um bar e pensei, agora aquela mulher é uma bela distração.

Dade assobiou uma vaia e Rory deu uma risadinha.

— Quando ela foi embora na manhã seguinte, eu estava naufragado e não conseguia descobrir por quê. Alguns dias, atrás a mesma ruiva voltou à minha vida, invadiu-a de verdade e me trouxe o melhor presente que eu já ganhei. — A voz de Cody engrossou quando ele baixou os olhos para Aaron, que agora estava agarrado ao seu pescoço. — E eu pensei, cara, a vida não fica melhor que isso. — Cody pressionou os lábios no cabelo de Rory novamente, como se ele estivesse tentando se dar um momento para se recompor. — Mas aconteceu, — ele disse. — Porque eu mal sabia, aquela linda distração que eu conheci em um bar todos aqueles anos atrás ia ser a melhor coisa que já aconteceu comigo. Eu conheci minha companheira. Eu simplesmente não sabia disso na época.

Rory sorriu através das lágrimas gêmeas que escorriam pelo rosto dela e se aconchegou contra o lado de Cody, seguro e quente ao lado de seus meninos.

— Breck Crew, — gritou Boone. — Levante suas bebidas porque hoje nossa família cresceu em dois. Seu alfa está ligado!

Assobios e aplausos encheram a clareira. Garrafas tilintaram e a tripulação invadiu a varanda para abraçá-las.

O coração de Rory estava tão cheio que lágrimas de alegria molhavam seu rosto. Leah e Ma estavam chorando também quando a abraçaram e ela se derreteu contra elas. Era tão bom ser aceito - ser o suficiente para essa família que ela respeitava muito.

— O que você tem para *me* dizer ? — Aaron perguntou com uma expressão confusa, franzindo o nariz carregado de sardas.

Cody colocou-o de pé e se ajoelhou na frente dele, segurando seus pequenos ombros. — Você quer ficar em Breckenridge, amigo?

Aaron levantou o olhar para Rory e ela assentiu. — Nós podemos ficar, se você quiser, baby.

— Sim! — Aaron cantou, pulando para cima e para baixo. — Eu quero. Eu quero ir para a escola de Arie e Tate e ficar aqui com o papai Cody. Eu quero dizer o Cody. E tia Leona e vovó, e eu quero ser um urso na floresta... Ele bateu as mãos sobre a boca e os olhos se fecharam.

— Olhe ao redor, — disse Cody baixo, puxando sua pequena mão de sua boca. — Estas são suas pessoas, garoto.

Você pode falar sobre ursos na frente deles, mas ninguém mais, ok? Você não fez nada de errado. Todos aqui, exceto por sua mãe, têm um urso dentro deles.

— Eles fazem?

Cody assentiu solenemente. — Grandes.

— Tate e Arie, também, certo?

— Eles têm o mesmo tamanho que o seu. Você não terá mais que sentir medo do seu animal porque todos nós vamos ensinar você a controlar essa parte de si mesmo, ok?

— Podemos descer o escorregador agora? — Aaron perguntou.

— Eu acho que é uma ótima ideia, — disse Boone, pegando Rory tão rápido que ela gritou.

Dade e Gage colocaram Cody de pé e o empurraram pelas escadas da varanda. Cody só lutou com eles sem muito entusiasmo. Ele parecia estar rindo muito para dar uma real oposição quando Aaron pulou para cima e para baixo ao redor deles, levantando os pequenos punhos no ar em sua dança de vitória.

— Boone, você me coloca no chão agora, — protestou Rory. — Eu não estava planejando descer o escorregador.

— Então por que você veio nesse maiô? Desculpe, Rory. É o dia de iniciação para o Breck Crew, e este é o seu momento. — Ele olhou para ela com os seus olhos azuis risonhos, tão parecidos com o de Cody. — Divirta-se, — ele sussurrou quando ele a colocou no topo da lona e empurrou-a.

Cody bateu o slide ao lado dela, segurando Aaron, dando aquela gargalhada com as covinhas que diziam que ele estava completamente feliz neste momento. Rory quase brilhou de dentro para fora quando eles aumentaram a velocidade. Boone e Dade foram gritando atrás deles enquanto eles deslizavam atrás deles, seguidos por Tate e Arie e os outros. Uma pilha gigante de ursos em um escorregador de sabão caipira.

Rory caiu e se esticou em sua barriga, os braços para fora do equilíbrio enquanto ela pegava velocidade suficiente para chegar ao fundo do estômago. Ela riu sem fôlego quando Cody e Aaron deslizaram em torno dela, gritando sobre ganhar.

— Muito devagar, Dodson! — Boone chamou quando ele passou.

Em sua defesa, esses garotos provavelmente tinham cem quilos de músculos neles, e seu peso os tornava muito mais velozes do que ela.

No fundo, ela deslizou da borda da lona e pegou Arie antes que ela pudesse atingir a grama. O riso borbulhou em sua garganta enquanto ela perseguia os Kellers de volta ao morro para irem novamente. Quando ela parou logo antes de chegarem ao topo, Aaron passou pelas pernas com os primos.

Rory estava encharcada, coberta de espuma de sabão, o cabelo grudado no rosto e a pele grudenta. E ela nunca tinha sido mais feliz em um único momento do que ela estava agora.

Cody passou o braço em volta da cintura dela e beijou-a bobo. Com um sorriso desdenhoso, que quase dobrou os joelhos, ele sussurrou: — Eu gosto quando você parece feliz assim.

Suas tatuagens estavam grudadas contra a sua fina e branca camiseta que ainda se agarrava ao seu peito, e seus peitorais definidos subiam e desciam sob sua respiração constante. Ela agarrou o tecido molhado de sua camisa e ficou na ponta dos pés. Deixou um beijo na bochecha dele, depois

passou os braços ao redor do pescoço dele. Ele levantou-a e a embalou suavemente, segurando a parte de trás da cabeça com a mão como se ela fosse preciosa para ele.

— Na varanda você disse que eu era a melhor coisa que já aconteceu com você, — ela sussurrou.

— Por que você é.

Essas duas palavras foram ditas com tanta confiança que ela o abraçou ainda mais forte. Recuando, ela segurou seu pescoço e permitiu que ele visse a honestidade de suas palavras. — Eu sinto o mesmo por você.

Ele procurou seu rosto enquanto suas covinhas se desvaneciam e seus olhos intensos se suavizaram. — Diz.

— Diga o quê? — ela brincou.

— Você sabe o que.

— E se eu quiser que você diga primeiro?

— Eu te amo, — disse ele em uma respiração, sem hesitação. — Sempre amei. Eu só não tinha palavras para descrever o quão profundamente me senti sobre você até a noite passada.

Contra a palma da mão dela, o rosto dele estava liso. Foi inestimável, e ela percebeu, neste momento, que Cody era necessário para sua vida agora. Ele era um bom homem, um bom pai para o filho dela, mas mais do que isso, ele era tudo o que ela queria. Ele a fez se sentir completa e confiante em si mesma. Onde ela se sentiu fraca e insegura por tanto tempo, ele a fez se sentir forte.

Ele era bombeiro e seu trabalho era perigoso, mas ela sempre estaria lá, esperando que ele voltasse para casa, com os braços e o coração abertos para ele. Era arriscado, dando sua alma a um homem que poderia ser tirado dela tão facilmente, mas ele valia a pena. Ela preferia ter um dia com Cody que, uma vida inteira com um homem pelo qual ela não queimava.

As palavras que saíram de seus lábios foram as mais fáceis que ela já havia dito. — Eu te amo de volta.

# Capítulo Onze

Cody teve aquele olhar distante novamente quando se sentou afundado contra um dos postes na varanda. Ele tomou um longo gole de sua água engarrafada, engoliu-a, depois amassou o plástico antes de deixá-lo cair ao lado dele e voltou a dedilhar o que parecia ser o clipe de papel que Aaron lhe dera.

Algo aconteceu que Cody se afastou lentamente ao longo do dia. Quanto mais baixo o sol afundou no céu, mais ele se retirou. Rory não conseguia descobrir. Ela perguntou a ele três vezes o que estava errado, mas ele engessou em um sorriso e a beijou. Então ele murmurou que não era nada - ele tinha muita coisa em mente.

A tarde lá fora foi perfeita, mas, com o tempo, ele se retirou para dentro de si mesmo. Até mesmo seus irmãos estavam atirando uns nos outros parecendo preocupados.

Cody puxou o joelho até o peito e olhou para sua terra, seus olhos brilhando sobre onde Rory estava sentada ao lado de Leah na picape Ford de Dade. Na cama, Boone tinha empilhado cobertores e colocou uma lona por cima quando as crianças ficaram lentas. Todos os três filhotes estavam abraçados, a lona protegendo-os da luz do sol. Um dia de correr, brincar de perseguir, comer e balançar no velho pneu da frente os desgastara. O caminhão de Dade tocava músicas country suaves enquanto o resto da Breck Crew ficava conversando a horas de distância.

Rory tentou permanecer na conversa, mas a mudança de humor de Cody a manteve distraída e no limite.

Ele passou as mãos pelos cabelos, suspirou e se levantou. Ele se aproximou com um sorriso cansado e puxou-a para fora da cadeira, em seguida, acomodou-a em seu colo. — Eu tenho que ir a algum lugar hoje à noite. Eu quero que você fique aqui com Boone até eu voltar.

— O que? Não, posso voltar para a casa da tia Leona.

— Eu preciso de você aqui com Boone. Eu também não sei explicar porquê. Eu só preciso que você confie em mim.

— Você não disse mais nada, — disse Ma, sua voz tremendo com algo que Rory não entendia. Medo? Raiva? Talvez ambos.

— O que está acontecendo? — Rory perguntou, torcendo em seu colo até que ela o encarasse.

A mão de Cody agarrou sua coxa e ele tirou o cabelo do ombro dela. Expondo o pescoço, ele olhou para a clavícula e se recusou a encontrar o olhar dela. — Eu tenho algo que tenho que fazer.

— Isso é fodido. Você sabe disso, certo? Dade perguntou.

— Sim, bem, esta é a nossa vida, — disse Cody em voz baixa e grave. — Esta é a *minha* vida. Às vezes eu tenho que fazer coisas que odiamos. Às vezes todos vocês também. Está o que mantém todo mundo respirando.

— Quão mais? — Boone perguntou.

— Quanto tempo o quê?

— Há quanto tempo ele está pressionando você? — Sua voz falhou como um chicote. Um músculo se contraiu sob o olho de Cody quando ele ergueu um olhar feroz para o seu irmão. Algo à beira dos sentidos de Rory engrossou o ar. Cody

não se moveu muito, mas de repente, seus instintos estavam gritando para sair do caminho.

— Olha, Cody, — disse Gage, as mãos para fora em um gesto calmante. — Em algum momento, precisamos nos posicionar. Isso durou muito tempo.

— O que diabos está acontecendo? — Rory perguntou de novo, desta vez mais alto, enquanto ela saía do colo de Cody para escapar da sensação sufocante que lhe arranhava a garganta. — Do que você está falando?

Cody soltou um grunhido que levantou os cabelos de seu braço. Ele ficou tão rápido de pé que a cadeira tombou atrás dele. Sem uma palavra, ele subiu os degraus da varanda dois de cada vez e desapareceu lá dentro.

— Por que Boone? — Leah perguntou. — Rory e Aaron podem ficar conosco.

— Porque você já tem muito para proteger, — disse Boone em uma voz derrotada. Seus olhos estavam na porta aberta onde Cody havia desaparecido. — Se ele falhar...

— Ele não vai, — Gage rosnou.

— Você nem sabe o que Krueger pediu a ele para fazer, — disse Dade, em pé. Seus olhos eram duas fendas irritadas quando ele olhou para Gage. — Ele não é invencível, irmão mais velho. Você acha que ele queria ser alfa? Você acha que ele quer lidar com essa merda sozinho? Ele é sacrificado o suficiente. Esta *família* se sacrificou o suficiente.

— Dade, — sussurrou Ma quando a umidade encheu seus olhos.

— Não, mãe. Não finja que não te estripa quando assiste a um de nós forçado a uma briga de cachorro. Eu vou com ele. Dade andou a passos largos atrás de Cody e bateu a porta atrás dele.

Gage e Boone ficaram como um só, mas Ma cortou a mão no ar. — Sentem-se! Vocês dois. Ele te deixou aqui por um motivo. Você vai manter nossa família segura enquanto ele nos compra mais tempo. Boone, ele te deu sua companheira e seu filho para proteger. Senta.

Rory não entendeu o que estava acontecendo. Cody estava entrando em perigo. Isso ficou claro. Não parecia um tiroteio, no entanto. Parecia que alguém o estava forçando a

fazer algo que ele não queria. Para comprar tempo? O que isso significa?

— Você pode assistir Aaron? — ela perguntou a Boone.

— Sim, — ele respondeu, olhando para as mãos, — mas eu não iria lá agora.

Ignorando-o, ela subiu correndo os degraus e abriu a porta. Seguindo os silenciosos murmúrios dos irmãos Keller, ela se encontrou na moldura da porta do quarto de Cody, o quarto que haviam compartilhado na noite anterior.

Do outro lado da cama havia um cinto com três facas de tamanhos diferentes. Parecia militar, e ela engasgou quando seus olhos pousaram no estojo da camuflagem. Cody já estava vestindo calças cargo pretas e uma camiseta apertada na mesma cor sombria.

— Eu quero saber onde você está indo. — Maldição sua voz tremia. Cody lançou-lhe um olhar por cima do ombro enquanto ele puxava uma mochila preta do armário. — Eu não posso te dizer.

— Por quê?

Dade colocou sua própria camiseta preta sobre uma grande cicatriz nas costas. — Porque ele não pode. Ele não tem permissão para isso.

Rory cruzou os braços. Eles puxaram cintos e empurraram facas em bainhas como se tivessem se preparado para a batalha cem vezes antes. Inferno, talvez eles tivessem.

— O que você está fazendo é ilegal?

Cody bufou um som sem humor e balançou a cabeça. — As pessoas que me dão ordens estão acima da lei.

— O que você está fazendo é perigoso?

Cody puxou a alça da mochila sobre o peito enquanto Dade tirava o estojo da arma de longo alcance da cama.

Seu companheiro entrou na frente dela e passou os dedos pelo cabelo dela até que a palma de sua mão tocou sua bochecha. — Menos perigoso que a alternativa.

— Qual é?

Cody sacudiu a cabeça, desculpas escritas em todo o rosto. — Estaremos de volta pela manhã. — Sua voz soou estranha, forçada, quando ele disse aquelas palavras.

Ela agarrou a mão dele, desesperada para manter seu toque em sua bochecha. — Por que tenho a sensação de que você está me dizendo adeus, por via das dúvidas? — E por que de repente ela teve a sensação de que ser bombeiro não era a parte mais arriscada da vida de Cody?

Cody levou a mão aos lábios e beijou os nós dos dedos, suavemente. — Eu acabei de pegar você e Aaron de volta. — Determinação levantou as sobrancelhas quando ele nivelou-a com um olhar. — Eu voltarei. Sempre.

Ele se aproximou dela e ela o seguiu e Dade pela porta da frente. Encostada no corrimão da varanda observou Cody caminhar em direção ao caminhão onde Aaron ainda dormia perto de seus primos. Ele sussurrou algo muito baixo para ela entender, então se inclinou na cama do caminhão e beijou o topo da cabeça loira de Aaron. Virando-se, ele abraçou os Breck Crew, um por um, passando mais tempo com a mãe. E quando ele terminou Cody agraciou Rory com mais um olhar, então pulou em seu caminhão.

Quando Dade foi acomodado no lado do passageiro, Cody se afastou, deixando um vazio profundo e ecoante na boca do peito de Rory.

Cody estava deixando-a aqui para fazer algo precário - algo que poderia machucá-lo, ou pior.

E além disso, ele não confiava nela o suficiente para deixá-la entrar naquela parte da vida dele.

Ele parecia tão aberto na noite passada, tão feliz com o seu vínculo, mas quando se tratava da verdadeira coragem que mantinha duas pessoas juntas, ele não estava interessado em abandonar seus modos de solteiro. Era assim que ia ser? Ela só teria as partes dele que ele queria que ela visse? As belas peças - as memórias do verão, palavras fáceis e sorrisos. Não é isso que ela queria. Rory estava nisso, pronta para dar tudo de si mesma, mas o homem para o qual ela estava destinada não podia lhe dar o mesmo.

A agonia congelou seu sangue, tornando difícil mover os braços e as pernas ao engolir um soluço. Seu peito queimava como uma pequena chama onde seu toque e gentil afeição haviam selado sua ligação. Enquanto olhava para as faixas cor-

de-rosa e alaranjadas do céu noturno, uma lágrima escorregou pelo rosto e fez uma pequena *salpicadura* no corrimão da varanda.

Ela se ligou a um homem incapaz de deixá-la entrar.

# Capítulo Doze

— O que é isso? — Dade perguntou.

Cody tocou o pequeno clipe de papel entre os dedos e olhou para o irmão mais novo sentado do outro lado do helicóptero. — Meu menino deu para mim a primeira vez que eu o conheci. — Inclinando-se para trás, Cody enfiou a lembrança no fundo do bolso e puxou um colete à prova de balas sobre o torso. — Alguma coisa parece, — disse ele em voz baixa, o piloto iria perder.

Claro, o ponto de captação tinha sido o mesmo, o helicóptero estava esperando, e o piloto era o mesmo que o levou em todas as missões para as quais Krueger o recrutou, mas ainda assim - algo incomodava nas extremidades de seus instintos.

Dade sacudiu a cabeça e se enfiou no colete à prova de balas. — Apenas se concentre no que temos que fazer. Vamos

entrar e sair dali. Krueger nos deu todas as instruções, e parece uma morte fácil.

*Matar*. Essa palavra despertou seu urso, e ele fechou os olhos contra a vontade de deixe o animal ter seu corpo.

Quando o helicóptero começou a descer, Cody puxou o estojo da arma de baixo do assento para o chão à sua frente. Preparar e construir a arma de longo alcance era uma segunda natureza depois de seu tempo na guerra, e no momento em que ele parafusou o silenciador, sua mente estava a caminho de estar novamente certa. Não houve tempo para pensar sobre as razões pelas quais a missão foi sentida, especialmente quando ele não foi capaz de encontrar uma única razão para isso. Provavelmente era apenas Rory em sua cabeça. De manhã, ele teria que encará-la com sangue nas mãos. Claro, seus alvos eram sempre terroristas, mas por natureza, ele não era um assassino. Ele era um protetor. Ele teria que esconder esse lado de sua vida para sempre se quisesse manter ela e Aaron.

Mas Dade estava certo. Coloque a cabeça em linha reta, encontre o alvo, neutralize a ameaça, vá para casa e espere que sua alma sobrecarregada possa suportar a vida que ele tirou.

Rory o viu como mais do que apenas um cão de ataque com uma coleira curta.

O som das lâminas do helicóptero foi ensurdecedor quando atingiram o solo. A grama do prado acenou como um oceano contra a areia, e ele e Dade saíram e acenaram para o piloto. Ele era jovem, vinte e um anos, se tanto. Krueger deve realmente confiar nele se ele fosse o seu principal motorista em tudo isso. Seu crachá dizia *Allen*, mas a palavra estava perto o suficiente de Aaron para fazer Cody estremecer.

Dade correu na frente dele, baixo no chão, os olhos em uma unidade de GPS que os levaria às coordenadas exatas da cabine que o alvo aparentemente tinha escolhido se esconder. Seu irmão sempre foi menos emotivo com relação a essa parte de suas vidas - a parte oculta, sangrenta e arenosa que eles mantinham fora de todos os membros da Breck Crew.

Os bosques sempre verdes eram silenciosos e mergulhados na luz azul de uma meia lua. Não havia nuvens, nem canto de pássaro, nem batidas de coração de pequenas criaturas de medo quando ele e Dade passaram correndo. Tudo estava parado, exceto pelo leve *tapinha* nas lâminas do

helicóptero que desaparecia atrás deles. Dois quilômetros de caminhos sinuosos de cervos, pedras salientes, trepadeiras e leitos de riachos rasos e, finalmente, o cheiro de um homem flutuava para Cody na brisa.

O vento subiu de repente, roçando de um lado para outro a pele de Cody. *Volte*, parecia dizer. *Salve sua alma disso. Salve Rory e Aaron do que você está se tornando.*

Batendo no pescoço para se livrar dos arrepios de lá, ele se agachou ao lado de Dade, na beira de uma linha de árvores que rodeava uma cabana dilapidada.

Provavelmente apenas um quarto. O selante entre os troncos havia falhado em algum momento na história da casa, provavelmente permitindo que os elementos e os erros dentro dele. Metade do telhado desmoronou e a porta da frente estava apenas presa à dobradiça inferior, de modo que ficava inclinada sobre a armação.

Uma luz suave e cintilante cintilou de dentro, e uma sombra percorreu a única janela.

Com uma respiração constante, Cody caiu para a barriga e puxou os pés espetados do rifle sniper para sustentá-lo.

Segurando o ombro no lugar e apoiando o dedo no metal frio da arma acima do gatilho, ele fechou um olho e olhou através do telescópio.

A janela estava cheia de sujeira, mas ele conseguiu distinguir um homem lá dentro. Seria um tiro fácil daqui. Ele fez cem outros em alvos muito mais distantes, mas quando uma voz suave se dirigiu a ele, ele hesitou.

— O que você está esperando? — Dade perguntou em uma voz suave como uma gentil brisa.

— Ouço.

— Para quê. Vamos apenas fazer isso para que Krueger não nos esfregue. Cody lançou-lhe um olhar de advertência. — Dade, pare. Apenas ouça.

Seu irmão apertou a mandíbula, mas virou a orelha para a casa decadente. O alvo estava falando ao telefone com alguém, baixo o suficiente para que ouvidos humanos não conseguiriam distinguir suas palavras daquela distância, mas Cody não era humano.

— Maria, não venha aqui. Não há nada que você possa fazer, e eu preciso saber que você está segura. Não, eu juro que

vou. Eu não posso ter Krueger descobrindo sobre você. Chegamos até aqui nos mantendo em segredo. O homem parou em frente à janela. — Babe, todo mundo se foi, e eu não posso mais te oferecer proteção. — A voz do homem rachou. — Eu acho que ele vai mandar os Kellers. Boa, pare. Por favor, pare de chorar.

Os olhos de Dade se arregalaram e ele murmurou: *Que porra é essa?*

— Isso foi estúpido para dizer. Eu só estava tentando te dizer que eles vão fazer isso rápido. Sem dor. A voz do homem saiu um sussurro agonizante quando ele disse: — Maria. Se não posso voltar para você, quero que você siga em frente.

Depois disso, o homem que demorou para se despedir de uma mulher que obviamente amava, e Dade continuou a encarar Cody com aquela expressão horrorizada que provavelmente estava espelhada em seu próprio rosto naquele momento. Eles nunca mataram um alvo que eles sabiam que tinha uma garota esperando em casa. Ouvir aquela conversa tinha arrancado completamente o *alvo* do título deste homem.

Ele foi pessoa que estava com medo e tentando consolar uma mulher que obviamente se importava profundamente com ele.

E como diabos ele sabia que os Kellers estavam vindo? Ou sobre o Krueger?

O sentimento de errado em seu intestino se tornou séptico, e Cody disparou para cima para evitar ficar doente nas samambaias e deixar evidências de sua presença aqui. — Eu vou falar com ele.

— O que? — Dade sussurrou.

Cody removeu a munição e clicou na segurança da arma, depois puxou a arma dele. — Tenho certeza que não vai matar alguém que não me parece terrorista. Não quero matar cego, Dade.

— Merda, — seu irmão sibilou, seguindo atrás dele. O estalo de metal quando Dade armou sua própria arma era muito alto na noite parada.

O homem havia desaparecido da janela e, quando Cody fez uma contagem de três em seus dedos e chutou a porta, ficou claro por quê.

O alvo os ouviu chegando.

Olhos furiosos e ferozes brilhavam à luz da lanterna enquanto a prata de uma lâmina se projetava na direção da garganta de Cody. Ele se abaixou e o empurrou para trás até atingirem uma parede. A madeira gemeu sob o impacto, mas segurou. Cody deixou cair a arma e acertou o homem no rosto. Afastando-o, o homem jogou uma perna ao redor das costas de seus joelhos e pousou Cody em sua bunda uma fração de segundo antes que ele estivesse em cima dele.

Ele bloqueou outro golpe da faca. Onde diabos estava Dade? Um rápido olhar, e ele pôde ver Dade encostado na paredep observando a luta com um olhar de completa confusão.

Este alvo tinha treinamento de luta. Isso ficou claro pelos dois socos de esmagamento de queixo que ele pousou no rosto de Cody. O homem levantou-o e bateu-o contra a mesa de jantar com um estrondo. Cody bloqueou e bloqueou novamente, mas estava tentando não machucar o homem.

Cody tinha perguntas e pessoas mortas não conversavam.

Mas quando o homem afundou sua faca serrilhada profundamente no ombro de Cody, a raiva vermelha explodiu

através dele enquanto a dor queimava suas terminações nervosas. Com um rugido de fúria, ele agarrou o homem pelo paletó e o jogou contra a parede, quebrando completamente os troncos podres e trazendo parte do teto enfraquecido em cima do alvo.

Com um grunhido, ele deslizou a faca de seu ombro. O calor com cheiro de ferro gotejava em jorros ao ritmo de seu pulso acelerado. O ódio tomou conta dele quando ele girou o punho em sua mão e se abaixou para pegar a tira de jaqueta que ele podia ver nos escombros. O corpo do homem caiu sobre si mesmo e ele gemeu quando Cody o puxou dos destroços.

Ele cheirou então, no exato momento em que o homem arrastou olhar derrotado, olhos prateados para os dele. Pele.

Cody cambaleou para trás, soltando a roupa do homem. — O que você é?

O homem bufou. — O que eu sou? Eu sou sua marca, certo? Você é um Keller, o agente do governo enviado para extinguir os shifters dos quais eles perderam o controle. O homem cuspiu. — Traidor.

— Do que você está falando? — Dade perguntou quando ele se ajoelhou ao lado do homem. — Nós não somos executores.

Quando o homem sorriu, seus dentes estavam cobertos de vermelho. — Foda-se você.

— Você disse o nome de Krueger. Como você o conhece? — Cody perguntou, sua estômago afundando a cada segundo.

— Krueger era meu manipulador. Ele era o manipulador de toda a minha equipe. Cinco ursos e eu sou o único que sobrou. Aposto que você não pode adivinhar por que, — o shifter se desligou. Seu cabelo escuro estava desgrenhado e o sangue corria pelo lado do rosto.

— Eu não entendo, — Cody respondeu. — Por que Krueger mataria sua equipe técnica?

O homem balançou a cabeça lentamente com um sorriso vazio esticado em seu rosto. Sua respiração entrou em calças agora, e ele sacudiu quando ele respirou. — Você não pegue, você? Ele usa você para abaixar os ursos dos quais ele perdeu o controle. Aqueles de nós que resistem a fazer o seu lance, ele desativa. E para aqueles de nós que removem os rastreadores -

o homem esticou o pescoço e mostrou uma cicatriz vermelha furiosa onde Krueger colocou seus dispositivos de rastreamento - ele envia os Kellers.

— Não, — disse Cody, de pé e passando as mãos sobre o cabelo. — Nós estávamos alvejando terroristas.

— Krueger tem muitos termos para o nosso tipo. Terrorista é o seu favorito. — Qual é o seu nome, — perguntou Dade. — Que tripulação?

— Adam Mercer do falecido Bloodraid Crew. Eu sou tudo o que resta. — Você e Maria, — disse Dade.

— Não — suspirou Mercer, o ódio caindo de seu rosto. — Por favor, ela não faz parte disso. Ela é humana. Por favor, cara. A prata desapareceu de seus olhos e o cheiro de medo encheu a sala. — Não a machuque.

— Não vamos prejudicar a sua mulher, — disse Dade baixo. — Quero dizer, porra, nós nem sabíamos que estávamos machucando shifters. Krueger tem ameaçado nossa tripulação com essa merda também. É por isso que fazemos isso. Matar não é a nossa escolha. Ele arrastou um olhar torturado para Cody. — Nada é a nossa escolha.

*Não, não, não*. Eles estavam matando shifters? Sua própria espécie e para quê? Porque essas pessoas não fizeram o que Krueger queria? Porra! As pessoas que ele matou cuidaram das famílias uma vez. Eles tinham sido inocentes e não eram um risco para o público americano. Não como Krueger dissera.

Se Krueger tivesse feito isso com outras equipes, ele seria capaz de aniquilar toda a tripulação de Breck. Ele poderia ferir Rory e Aaron. Cody caiu de joelhos ao lado do homem e ergueu a faca. Os olhos de Mercer se arregalaram quando seu olhar seguiu o arco da lâmina. Ele gritou de dor quando afundou profundamente em seu braço.

Ofegando, Mercer olhou para o ferimento quando Cody arrancou o metal. — O que você está fazendo?

— Salvando você, — ele rosnou. — Sangre por alguns minutos enquanto corre pela floresta e cubra sua trilha. Nós vamos comprar seu tempo, mas você e Maria precisam desaparecer até que possamos descobrir como nos livrar de Krueger. Passa despercebido em algum lugar seguro onde ninguém possa te reconhecer. — Tudo bem, — ele engasgou, balançando a cabeça. — Eu vou.

Dade arrastou o olhar de Cody para Mercer. — Você precisa deixar sua carona aqui e largar o celular. Ligue para Maria de um telefone público para se encontrar. Vá agora. Você precisa de uma vantagem tão grande quanto conseguir.

Mercer arrancou a jaqueta e mancou na varanda da frente, pingando vermelho das pontas dos dedos. Ele se virou no quadro. — Obrigado, — disse ele em uma respiração. — Um pouco de conselho amigável desde que você poupou minha vida — se eu fosse você, verificaria sua casa completamente. Kruger coloca insetos. Nenhum vídeo, apenas áudio, mas é como ele diz quando está perdendo o controle de uma equipe. — Ele deu um último aceno de gratidão antes de girar e correr para a floresta.

Cody não podia ver nada além da traição da alma de Krueger. Ele os usara para matar sua própria espécie. Usou-os em uma guerra humana na qual eles não tinham participação. Ele ameaçara a família e a equipe de Cody, e se o que Mercer dissera fosse verdade, algum dia, quando eles não fossem mais úteis para Krueger, ele os mataria também.

Raiva fervente aqueceu seu sangue, queimando através dele até que seu urso estava logo abaixo de sua superfície.

— Foda-se, — sussurrou Dade. — O que nós vamos fazer?

Cody olhou do escombros manchado de sangue para seu irmão. — Vamos caçar.

— Para quê?

— Para Krueger.

# Capítulo Treze

Rory assustou-se acordada. Estava escuro no quarto de hóspedes, e ela abraçou Aaron mais perto dela. Calafrios agitaram sua pele de um pesadelo que ela não conseguia lembrar. O ar estava espesso com algo que arrepiou a nuca, e o cheiro de ferro se agarrava às partículas de ar como um nevoeiro.

— Cody? — ela sussurrou, sem saber por que o nome dele iria se registrar nos lábios dela.

— Eu estou aqui, — veio uma voz tão profunda e rosada que ela não reconheceu. O medo pulsou através de suas veias, forçando-a a agir ou ela gritaria. Ela sentou para cima. — Onde está voce?

Uma sombra se moveu sob a janela e ela engasgou. O luar azul iluminava uma figura agachada, olhos brilhando com um reflexo de animal que via de guaxinins e cachorros vadios nas estradas da noite.

— Cody, eu não posso ver muito bem. — Sua voz tremeu e ela odiou o quão assustada ela soou. — Podemos ligar a luz?

— Melhor nós não fazemos. Eu só queria ver você. Volte a dormir, Rory. Nós conversaremos pela manhã.

O inferno que eles fariam. Ela chutou para fora das cobertas e o seguiu para fora, a camiseta grande que ela tinha tirado da gaveta ondulando em torno de seus joelhos. A porta se fechou atrás dela, e quando ela se virou, a luz suave da cozinha mostrou uma figura aterrorizante. Cody estava no corpo de um homem, mas seu rosto se transformou em uma expressão que ela não reconheceu. Ele era selvagem e tremia com a raiva mal contida, ou agonia, ou ambos.

Sua camiseta preta estava rasgada no braço, e o vermelho seguiu uma veia abaulada até o bíceps e juntou-se na dobra do cotovelo antes que a corrente continuasse até as pontas dos dedos. O sangue jorrou em seu pescoço e seus olhos não eram os marrons e verdes lamacentos que indicavam que seu animal lutava pelo controle. Eles eram de ouro brilhante.

Seu pomo de Adão baixou quando ele engoliu. Endireitando a coluna, ele olhou para ela como se estivesse

desafiando-a a manter o olhar. Ela não podia. Nem mesmo por um segundo.

Ele arqueou sua atenção para o sofá onde Boone estava sentado com as mãos cruzadas sobre os joelhos. — Estou convocando uma reunião de tripulação. Sem telefones. Vou encontrá-lo na madrugada e quero todo mundo lá.

Cabelo despenteado do que parecia ser um sono inquieto, ou nenhum, Boone balançou a cabeça e vestiu a camisa que estava deitada no chão ao lado do sofá. Ele murmurou seu adeus a Rory, depois saiu pela porta da frente.

— O que aconteceu? — ela sussurrou.

Cody estalou a língua contra os dentes e se virou para o seu quarto, deixando-a seguir atrás dele.

— O que aconteceu é que encontrei uma casa segura para você em Montana. Eu tenho um meio-irmão chamado Bruiser lá, e sua equipe pode protegê-lo.

— Sua tripulação?

— Você vai ficar com o Ashe Crew até eu voltar para você. Você e Aaron estarão a salvo lá. Eles têm proteção contra um shifter chamado Damon Daye, e Bruiser vai mantê-lo seguro...

— Pare com isso! Eu não vou a lugar nenhum até que você me diga o que está acontecendo. Eu trouxe Aaron para você porque era mais seguro do que ficar sozinha no mundo, sem saber em quem confiar. E agora você está me enviando para um estranho...

— Não é um estranho. Ele é da família.

— Eu nem sabia que você tinha um meio-irmão, Cody! Eu fui deixado fora de tudo isso e por quê? Por que você está se escondendo de mim?

Cody sacudiu a cabeça e soltou um rosnado, depois entrou no banheiro e puxou a camisa sobre a cabeça. O homem nem sequer estremeceu com a fatia profunda em seu braço, que jorrou com seu movimento.

— Por quê? — Ela se inclinou na armação e esperou. — Por que, Cody? Eu não vou desistir de perguntar até que você me dê uma resposta do caralho. Não vou sair para uma casa segura se isso significar que estamos separados e você está em risco.

— Estamos todos em risco, Rory. Cada um dos meus tripulantes está em perigo, e eu não posso manter minha cabeça se você estiver aqui. Se Aaron estiver aqui.

— Do que estou fugindo? Você me deve muito, pelo menos. Me dê qualquer coisa, Cody. Me dê algo. Por favor.

Cody fechou os olhos contra o reflexo no espelho. Ele cortou-lhe um olhar angustiado e segurou-o. — Você é boa demais para isso. Boa demais para mim. Estou escuro por dentro e fiz coisas terríveis. Coisas que vão te afetar e Aaron.

— Conte-me. — Sua voz tremia como um galho em uma tempestade, mas foda-se tudo. Rangendo os dentes, ela tentou novamente, mais alto e mais forte. — Diga-me, Cody. Se você continuar me afastando, eu definitivamente não suportarei essa merda. Pelo menos se você compartilhar sua vida comigo, nós temos uma chance de estar bem. Eu não sou frágil e seus segredos não me quebram. Eu sei que você pensa que está me protegendo, vomitando muros. Eu não tenho as ferramentas para derrubá-las, mas você tem. Você está me machucando.

Cody engoliu em seco e se agachou, segurando a pia enquanto suas longas pernas se dobravam abaixo dele. Um som angustiado saiu de sua garganta. — Você vai me deixar.

— Cody, você é bom. Eu posso ver isso. Você é um bom homem que ama sua família e protege a sua. Derrame o que estiver machucando você e deixe-me compartilhar o fardo. Me deixar entrar.

— Eu matei eles, — ele disse tão suavemente, ela quase perdeu.

— O que? Matou quem?

— Meu próprio tipo. Uma dúzia de marcas. Eles não eram terroristas.

Rory balançou a cabeça devagar enquanto o pavor enchia seu estômago e deixava seus membros pesados demais para se mover. Lentamente, ela caiu de joelhos ao lado dele, a telha implacável contra suas canelas.

— O governo tem uma agência que lida com o meu tipo. Shifters O Intercâmbio Internacional de Assuntos Sobrenaturais tem um líder, um manipulador e ele aquele que sancionou minhas viagens na guerra.

— Eu não entendo. O governo fez você lutar?

Cody sentou-se com força, apoiando as costas na banheira e puxou o joelho contra o peito, como se fosse protegê-lo das dolorosas admissões que saíam de seus lábios. Ele enfiou a mão no bolso e tirou um pequeno saco de plástico do que pareciam peças eletrônicas que haviam sido esmagadas em pedaços. Encontrei-as no meu quarto e na sala de estar. Eles são insetos. Apenas som, mas fomos monitorados, e não tenho ideia de quando meu manipulador, Krueger, os colocou. Eu faço missões para ele. Black ops terrorista sniper merda que ele precisa de alguém com minhas habilidades para fazer. Meus irmãos foram recrutados também, mas a maior parte das marcas me é dada. Ele me disse que meus alvos eram terroristas, mas esta noite, Dade e eu conversamos com a marca. Ele era um shifter, Rory. Outro urso cuja tripulação inteira tinha sido eliminada, e eu quase puxei o gatilho para ele.

— Mas você não-

— Mas eu tenho! Uma dúzia de outras vezes eu matei shifters que não mereciam isso. Eles simplesmente não estavam

mais comprando as besteiras de Krueger, e ele me usou para acabar com eles. O sangue deles está nas minhas mãos.

— Cody, como você poderia saber? Como?

— Eu não deveria ter ido cego as missões como eu fiz. Eu confiei nele demais e fiquei desesperado para salvar meu próprio povo. Eu não fiz perguntas suficientes.

— O que ele segurou em você?

— Exposição. Registro público para shifters. E ultimamente ele vem ameaçando a segurança da minha família. E então quando você veio... Cody engoliu em seco e parecia doente, balançou a cabeça lentamente de um lado para o outro. — Krueger sabe sobre você e Aaron.

— O que? — ela sussurrou. Seu rosto formigou quando o sangue foi drenado.

— Ele sabe que Aaron é meu filho.

— Ele sabe que é um metamorfo de urso?

Cody assentiu, mas não encontrou seu olho. — Teria sido mais seguro para você e para ele se você nunca tivesse voltado.

— Como você pode dizer aquilo?

— Porque ele quer que ele seja marcado, Rory! Isso, — ele disse, esticando o pescoço para expor uma cicatriz curta e cirurgicamente reta que correu ao longo do músculo tenso, — é onde meu dispositivo de rastreamento foi colocado. Gage, Dade, Boone, Leah, Ma... até os filhotes os têm, Rory. Isso faz parte do controle. Esta é a nossa coleira. Quando eu tive uma reunião no outro dia, foi para obter minhas instruções para esta missão, e Krueger disse que queria que eu trouxesse Aaron para a sua marca.

— Ele chama de marcação?

— Sim. Isso é o que é, certo? Eu sou um animal que precisa ser controlado no público desavisado. — As palavras pareciam amargas e cheias de auto-aversão.

— Foda-se isso, Cody. Krueger é o animal. Nosso filho não está tendo algum rastreador colocado nele. Sobre o meu cadáver frio e apodrecido isso acontecerá.

— Sim, foi o que eu disse a ele também. Ele não está mexendo com isso, no entanto, e eu não deixaria para trás para pegar você e Aaron quando não estou olhando e forçar o rastreador a ele. — Cody pressionou as palmas das mãos contra

os olhos fechados e murmurou uma maldição. — Tudo ficou tão confuso e assim como você entrou na minha vida. Não deveria ser assim.

— Não, Cody. As coisas estavam realmente confusas antes de chegarmos. Você só tem mais para proteger agora, então parece maior. O que nós fazemos?

— *Nós* não fazemos nada. Você vai para Montana enquanto eu descubro uma maneira de neutralizar a ameaça.

— Eu não vou embora.

Cody virou o olhar para ela e nivelou-a com um olhar.

— Sim você irá.

— Desculpe, sexy. Sua merda alfa dominante não vai funcionar em mim. Eu não sou um urso, lembra? Você quer dominar as pessoas ao redor, vai empurrar seus poderes de super-urso sobre os outros shifters que sentem a necessidade de se curvar a você. Eu não estou deixando você. Aaron e eu estamos mais seguros aqui, com você e o resto do Breck Crew, como uma família.

O rosto de Cody ficou frouxo. Sua expressão chocada teria sido engraçada se não fosse pela situação muito hilariante em

que eles se encontravam. E se seus olhos não estivessem brilhando como os de um demônio.

Ela tinha visto uma tonelada de filmes de espionagem, e a realidade da situação deles era que um saco de insetos estilhaçados da vida real estava sentado na pia na frente dela e seu companheiro tinha sido um assassino trabalhando para um programa do governo que não o fez. Não dou a mínima para o seu bem-estar ou para o bem-estar dos metamorfos que não cumprem suas ordens. A realidade era que ela tinha pisado em primeiro lugar em um programa secreto do governo que estava se aproveitando de um grupo de seres sobrenaturais que estavam tentando desesperadamente se manter à margem da sociedade. Ela só podia imaginar o que os humanos fariam se descobrissem que shifters existiam. Ela imaginou uma centena de cenários horríveis nos anos em que ela havia criado Aaron sozinha.

Mas ela poderia tomar Aaron e fugir do homem com quem ela se sentia mais segura? Do pai de seu filho e aquele a quem ela deu seu coração? Ela poderia fugir do único tiro de Aaron na normalidade?

Ela estaria no vento novamente, desta vez com estranhos, e com o conhecimento de que as pessoas que ela mais temia já sabiam sobre Aaron e o que ele era. Eles seriam caçados, sempre olhando por cima dos ombros e sempre esperando por um telefonema no destino de Cody.

Não, ela acabou de correr. Feito escondido e temendo a vida em que ela foi empurrada. Ela pensou em Leah e Ma. Dos irmãos Keller que a aceitaram completamente como companheira de seu alfa. Como família. Ela não podia dar as costas para eles e correr, sabendo que não era mais seguro lá fora do que aqui com pessoas que se importavam com ela e com o bem-estar de Aaron.

Meio-irmão ou não, um estranho não teria o instinto de proteger Aaron. Não é como o Cody.

— Eu sei que você vai arrastar os fantasmas de seus alvos para o túmulo. É assim que você é, Cody - ela sussurrou. — Mas eu vou estar aqui, lutando ao seu lado para vingar as pessoas que foi enganado em ferir.

— Não está doendo, Rory. Matando. Eu os matei. Eu coloquei o telescópio na cabeça deles, puxei um gatilho e deixei

seus corpos para uma equipe de limpeza cuidar disto. Não importa que Krueger nos traiu. Tudo o que importa é que eles estão em uma cova rasa ou um laboratório em algum lugar, porque eu não era forte o suficiente para dizer a Krueger para se foder.

— E se você tivesse?

— Ele teria matado minha família. — Cody disse isso sem hesitação. — Mas o que faz de mim ou do meu povo algo mais importante do que o que Krueger ordenou um sucesso?

Lágrimas queimaram seus olhos quando ela testemunhou a dor que atravessou o rosto de Cody.

— Enquanto eu viver, vou ficar maculado. Meu urso foi danificado por anos de guerra e violência, e eu nunca serei um bom companheiro para você ou pai para Aaron. Como posso olhar meu menino nos olhos e tentar ensiná-lo a ser um bom homem quando sou um assassino?

— Pare com isso, — ela disse, tirando a umidade de seus olhos com as pontas dos dedos. — Pare de falar assim. Você não sabia. Você foi usado e ameaçado, e você não sabia. Tudo o que você pode fazer agora é vingá-los.

— E eu vou. — Ele colocou as mãos em volta do joelho e recostou-se. — O Breck Crew está prestes a entrar em guerra com um homem que nunca perdeu uma batalha contra nós. E quando penso em algo acontecendo com você ou com Aaron... - sua voz rachou no nome do filho. Ele balançou a cabeça e baixou o olhar. — Eu nunca quis nada disso.

Engolindo a mágoa ao ver o que Krueger havia roubado do homem que amava, Rory ficou de pé e ocupou-se com a água quente da torneira na pia, depois umedecendo um pano escuro que ela tirou do armário de roupas de cama. Sobre o colo, ela beijou a barba curta na bochecha e começou a lavar o sangue em seu braço. O corte parecia profundo, mas as camadas de músculo já estavam seladas, deixando uma cicatriz levemente elevada sob a pele que havia sido aberta. Aaron poderia se curar de um joelho raspado em questão de minutos, mas a habilidade que os shifters precisavam recuperar nunca deixava de impressioná-la.

O rosto de Cody nunca mudou. Ele nunca se afastou do toque dela. Ele apenas olhou para a parede ao lado dele e ficou perfeitamente imóvel. Suas narinas se alargaram. Ele inclinou

seu rosto, então ergueu seu olhar sobrenatural para o dela. — Você está com medo de mim agora. Eu posso sentir o cheiro.

— Você cheira medo, mas não é para você. Estou com medo do que vai acontecer agora. Estou com medo que você se machuque, que Aaron seja marcado e que eu não seja capaz de salvar nenhum de vocês.

— Não é sua responsabilidade nos salvar.

— Por que não? Você é meu companheiro. Eu te amo.

Cody segurou a mão dela, acalmando o movimento suave de lavar o braço dele.

— Diga isso de novo.

— Eu sempre amei você, e mesmo depois do que você me disse, eu ainda amo você. Você é o pai do meu filho, e como eu não poderia sentir uma profunda devoção por você? Mesmo quando eu não te conhecia, meu coração era seu. E agora que eu faço, minha alma é sua também.

— Você daria sua alma para um homem como eu?

— Sim, — ela disse com um suspiro. Descansando a testa dela contra a dele, ela murmurou: - Para um homem *bom* como você. Os alvos em que você foi forçado... Eu sei o que isso fará

com você. Eu posso ver, mas eu estarei aqui, carregando aquelas cicatrizes com você. Apenas não se cale mais. Eu não estou correndo, Cody. Eu faço parte dessa equipe também. Eu estarei lá quando a dor do que você fez te dobrar, e eu ficarei quieta atrás de você quando você se vingar de Krueger em nome de todas aquelas pessoas e famílias que ele machucou.

— Não é só o Krueger, no entanto. Ele será uma barata. Mate um, e haverá outro igual a ele para ocupar o lugar dele. Se eu fizer isso, vamos entrar em guerra com o IESA.

Rory estava com medo. Querido Senhor, aquelas palavras a aterrorizavam pior do que ela jamais fora antes. Mas se alguém era forte o suficiente para pôr fim à crueldade de Krueger, era seu companheiro. Cody era capaz e protetor com uma bússola moral, com um arco e uma flecha sempre direcionada em fazer o que estava certo.

Ela bufou um suspiro e se encostou no peito dele, cruzando os braços entre eles até que ele a rodeasse com seu forte abraço como um casulo. O que quer que estivesse vindo em sua direção, ela estava nisso agora, goste ou não.

Sob ela, os músculos de Cody se contorciam e tremiam. Sua ereção tinha ficado dura e longa, pressionando contra o material de suas calças cargos pretas até que ela pudesse ver o contorno perfeito.

— Eu preciso... — Sua respiração saiu em calças, e a sala começou a cheirar como pele de animal.

— Shh. Tudo bem, — ela sussurrou contra seu ouvido, lutando contra o medo de estar perto demais quando ele estava tão perto de uma mudança.

Ele não iria machucá-la. Ele não faria isso.

Lentamente, ela rolou os quadris contra o colo dele e chupou suavemente sua orelha. Um grunhido longo e baixo ressoou em seu peito. Arrastando beijos pelo pescoço, ela correu as unhas pelo peito dele enquanto a respiração dele acelerava. Suas mãos agarraram seus quadris e a arrastaram contra sua ereção quando um gemido baixo escapou de seus lábios, interrompendo o som retumbante em sua garganta.

Seu estômago mergulhou quando ele a puxou para cima e cobriu a boca com a sua. Se sua lesão doía, ele não demonstrou quando a levantou do chão e a apertou contra o

peito. Andando devagar, ele a empurrou para o quarto em direção à cama. Girando-a, ele deitou-se encostado na cabeceira da cama. Ele puxou seus joelhos no edredom macio em ambos os lados de sua cintura. Ela passou a língua pelos lábios dele e o provou.

— Foda, — ele murmurou quando ela se afastou, empurrando seus quadris contra ela como se ele não pudesse se ajudar.

Seu estômago se flexionou, montes de músculo se apertando com cada respiração que ele desenhou. Ele puxou a camisa sobre a cabeça e sua pele bateu contra a dela. Suas mãos estavam por toda parte, correndo pelas costas dela, ao redor da curva de sua bunda, descendo pela parte de trás de suas coxas até a dobra atrás de seus joelhos, onde ele a puxou para mais perto ainda. Ela apertou as mãos em seu abdômen que endureceu com cada impulso poderoso de seus quadris contra ela.

O material fino de sua calcinha estava encharcado agora. Ela dirigiu a mão dele contra a umidade lá.

Cody inclinou o rosto e beijou-a profundamente, sua mandíbula trabalhando com cada golpe de sua língua contra a dela. Seus quadris se moviam ritmicamente contra ela, a pressão aumentando de seu pênis de pedra que pressionava contra seu clitóris.

— Eu estou indo, — ela sussurrou, arqueando as costas quando um profundo orgasmo pulsante disparou através dela.

Os dentes de Cody roçaram seu pescoço quando um som rasgante encheu o ar. Ele jogou a calcinha para longe, e seu dedo afundou nela a tempo de sentir os tremores secundários enquanto ela esfregava contra seu toque. Antes de ser recuperada, ela puxou o botão da calça dele e abriu o zíper dele, depois passou o material cheio de sujeira de suas pernas. Ele estava ali, flexível sob o toque dela, cuecas pretas agarradas às coxas poderosas, flexão do estômago enquanto olhava para os seios com a expressão mais carente que já vira.

— Você quer provar? — ela perguntou, sua voz rouca.

Ele assentiu com a cabeça, pupilas dilatadas de modo que apenas um fino anel de ouro brilhava em seus olhos na luz fraca do banheiro.

— Eu primeiro. — Ela puxou o elástico de sua cueca e desembainhou a cabeça inchada de seu pênis. Então ela puxou o material por suas pernas e jogou-o em uma pilha no chão. Ela lambeu a gota de umidade cremosa que estava na ponta do seu eixo. Cody respirou fundo e encostou as omoplatas contra a cabeceira da cama. Enrolando os dedos no cabelo dela, ele a guiou de volta para ele e abriu as pernas, permitindo-lhe entrar no espaço entre elas. As costas arquearam, ela o pegou na boca e circulou a cabeça dele com a língua, depois soltou-o.

— Rory, — ele implorou em um sussurro tenso.

Com um sorriso de como ela se sentiu fortalecida ao ter um predador alfa dominante como Cody para implorar, ela agarrou a base do seu eixo e levou-o à boca novamente mais fundo. Ele estava tentando manter as mãos suaves no cabelo dela, ela podia dizer, mas ele estava perdendo o controle enquanto ela o arrastava para fora, acariciando-o lentamente.

— Bunda no ar para mim, amor, — disse ele, e ela obrigou, joelhos abertos na cama.

Ele estava gemendo agora, um pequeno e suave barulho toda vez que ela abaixava a boca sobre ele. Deus, ela amava

quando ele era assim. No limite de seu controle, tentando ser gentil, permitindo que ela liderasse.

Ele testemunhou horrores e foi forçado a fazer coisas inimagináveis, mas aqui, por um tempo, ela poderia fazê-lo esquecer. Ela poderia dar a seu coração um descanso de carregar os encargos de sua posição na tripulação.

Ele estava entrando na boca dela mais rápido agora, apertando os dedos em seus cabelos, um som suave e retumbante emanando de seu peito. — Pare, — ele exigiu em uma voz grave. — Eu quero terminar em você.

Com um sorriso, ela se afastou dele. Por cima do ombro, ela observou seu olhar de foco absoluto enquanto ela lhe oferecia seu corpo. Em suas mãos e joelhos, ela arquejou em antecipação enquanto ele acariciava seu longo e grosso pênis com a mão.

Graciosamente, ele esticou os joelhos atrás dela e puxou a mão entre as pernas dela, roçando-a da barriga trêmula para a costura úmida. Ele pressionou dois dedos dentro dela, e sua respiração ficou presa na sala silenciosa.

— Você está sempre tão molhada quando eu preciso que você esteja, — disse ele, e ela sorriu para o elogio.

Ele puxou a mão e empurrou a cabeça de seu pênis dentro dela. Ela arqueou as costas e revirou os olhos ao ver como ele se sentia bem por dentro. Apoiando-se em um braço, ela pressionou os dedos em ambos os lados de sua entrada e sentiu-o deslizar para dentro dela novamente. Ele foi mais fundo desta vez, e ela gemeu seu nome quando ela tocou seu clitóris.

Cody apoiou-se em um braço, seu bíceps se esticou ao lado dela quando ele chegou debaixo dela e amassou seu seio. Ele beijou seu ombro quando ele empurrou para dentro dela novamente, em seguida, puxou para fora. Ela recuou contra ele na próxima vez, tomando tudo dele, e seu controle vacilou. Seus golpes a encheram mais e mais rápido até que seu pênis escorregadio esfregou constantemente entre seus dedos. Ela foi embora agora, no espaço em algum lugar quando outro orgasmo caiu através dela. Cody bateu nela, um rosnado sacudindo seu peito enquanto seus quadris poderosos batiam em seu traseiro uma e outra vez. Ela abriu os joelhos mais para

sentir mais dele, e Cody congelou, em seguida, empurrou novamente com força. A umidade disparou nela e escorreu por suas coxas quando Cody inchou e soltou nela.

Ela afundou nos cotovelos quando o movimento dele diminuiu e ele pulsou junto com ela. Reverentemente, ele esfregou suas costas e arrastou beijos por sua espinha enquanto ele se movia dentro dela até que um formigamento suave a enchesse novamente.

O último orgasmo, ele tirou dela gentilmente. Seu nome era suave contra seus lábios quando ela gozou novamente.

— O que você está fazendo comigo? — ele sussurrou contra o pescoço dela.

Rory bufou uma risada suave quando ele saiu e puxou-a contra seu peito. Ela se sentia tão segura e aquecida em seus braços. — Sou eu dizendo que não tenho medo de você ou dessa vida. Eu não estou indo a lugar nenhum.

Sua ponta do dedo roçou sua pele enquanto ele a arrastava ao longo da curva de sua cintura até seu quadril, depois voltava para cima novamente. — Então esta é sua decisão. Você vai ficar comigo?

Ela suspirou e se aconchegou contra ele. — Sempre.

# Capítulo Quatorze

Cody acenou com a cabeça para Boone que estava atualmente verificando os suprimentos na parte de trás da ambulância que ficava ao lado do Motor 4. Uma grande parte desse trabalho era garantir que eles estivessem preparados para qualquer coisa, o que significava verificar se tudo estava funcionando e pronto no início de cada turno. Dade estava lavando o motor, vestindo um uniforme que combinava com o de Cody. Calça azul para combinar com a camisa azul do corpo de bombeiros e botas de sola grossa. Se Shayna ligasse do despacho com uma emergência, eles mudariam rapidamente como um chicote em seu equipamento de proteção.

Levando a mochila por cima do ombro, Cody abriu a pesada porta de metal que conduzia pelo corredor até os quartos. O dele era o terceiro à direita. Ele compartilhou com um recruta contratado da Fairplay, que esteve com o

departamento por apenas alguns meses. Cody abriu a porta do quarto e parou em seco.

Shayna sentou na cama, cotovelos travados e joelhos espalhados sugestivamente. Sua saia estava no meio da sua coxa e deu-lhe um pico na calcinha rosa brilhante que ela usava.

— O que você quer? — ele perguntou, não com disposição para jogos. Ele colocou sua mochila em uma cadeira ao lado da cama e lançou-lhe um olhar irritado.

— Você sabe o que eu quero.

— Como você chegou até aqui? — Porque, na verdade, se ela passasse por seus dois irmãos sem que eles percebessem, ele iria dar a eles o inferno sobre usar melhor seus malditos sentidos de shifter. E certamente eles teriam dado a ele um aviso se soubessem que ela estava aqui esperando por ele. Seus irmãos pareciam ser fãs durões de Rory desde que ela voltou em sua vida.

— Nós poderíamos ter sido ótimos, — ela murmurou, inclinando a cabeça. Sua escuridão os olhos estavam frios e sem vida enquanto ela olhava para ele. — Mas então você foi e

pegou sua putinha, não foi? Eu estava no caminho certo para uma promoção por causa do meu relacionamento com você, mas você tinha que ir e foder tudo, não é?

Promoção? Cody estreitou os olhos para a sedutora na cama. Não poderia ser. Não havia como Shayna ser IESA. Ela estava impaciente demais para colocar em anos como aquela perseguindo-o para um trabalho.

— Você está colocando tudo junto, garotão?

— Saia, — ele rosnou. — Agora.

— Agora espere um minuto. Eu vim aqui em uma missão. Menos violenta que as missões que você está fazendo. Eu não sou uma assassina. Mas meu trabalho é tão importante. Eu sou inteligência, e agora estou me tornando uma mensageira sexy. Estou aqui para dar as suas próximas instruções. Com dois dedos espalmados, ela empurrou uma pasta grossa da cor do bebê vomitando em direção a ele na cama.

Ele pegou e tirou uma pilha de papéis dele. A primeira página era uma foto de Rory e Aaron tocando em um parque que ele não reconheceu. O próximo deles foi entrar em um

prédio de apartamentos, e o seguinte mostrou-os sentados em um banco, como se estivessem esperando por um ônibus.

— Eles nunca foram realmente seguros, Cody, — Shayna ronronou. — Krueger quer que seu filho seja marcado. Ele é um Keller e sua linhagem é importante para esse programa. E sabemos que ele vai crescer uma bomba-relógio como o seu velho, então, para a segurança do público, ele precisa de um rastreador. Há instruções na próxima página sobre onde nos encontrar.

— E se eu recusar?

Shayna riu e afundou o queixo. — Oh, Cody. Você sabe que é substituível, certo? Sua família inteira é. Especialmente depois daquela missão fracassada. Krueger não está feliz porque você errou o alvo e depois o perdeu na floresta. — Shayna fez um som de clique simpático. — Você está patinando em gelo fino, Keller. Nosso programa está interessado apenas nos operadores que nos são úteis. — Shayna abriu mais os joelhos e sorriu maliciosamente. Puxando a calcinha para o lado, ela apertou um dedo vermelho-garra dentro de si mesma

com um som molhado e um gemido de som praticado. Nunca tirando os olhos dele, ela sussurrou: — Você quer ter uma foda?

Cody engoliu seu desgosto e se concentrou em uma costura na parede de concreto. Ele nunca esteve com ela, e vê-la assim depois de estar com Rory fez seu estômago revirar.

— Fica você mesmo. — Shayna fez beicinho nos lábios fortemente encovados. — Pena mesmo. Você poderia ter sido um bom leigo para um grande urso idiota. Tenha um bom descanso de sua vida, Keller. Oh, — ela disse, em pé para sair. — Se eu fosse você, faria tudo certo se quisesse viver a semana inteira. Se você não percebeu, Krueger não é um homem paciente. A risadinha baixa de Shayna ecoou pelo corredor quando ela saiu.

Cody caiu na cama. Tinha de haver cinquenta fotos de Rory e Aaron, e a que estava no fundo da pilha fora tirada quando o filho tinha cerca de um ano. Cody tocou o rosto sorridente do menino com a ponta do dedo e fechou os olhos.

Usando Aaron como isca era a última coisa no mundo que ele queria fazer, mas que escolha ele tinha? Krueger havia

injetado todos os Keller com rastreadores, e essa poderia ser sua única chance de atraí-lo para o campo aberto.

Seus instintos gritavam para deixar Rory e Aaron o mais longe possível, mas ele não podia. A fúria lenta e ardente queimou seu corpo enquanto ele pensava em Krueger forçando um rastreador em Aaron. Rory estava certo. Eles eram mais seguros com ele, onde seu urso fervendo queria matar tudo o que os ameaçava.

Ele leu as instruções para a reunião e agarrou o papel com força no punho cerrado.

Em dois dias, Krueger empurraria o urso de Cody longe demais. Ele tinha que saber que estava encurralando um predador empenhado em proteger seus filhotes, mas aparentemente o idiota achou que sua posição na IESA o colocava acima das consequências.

Em dois dias, Krueger tentaria ferir o menino.

Cody olhou para as fotos, e seu urso desfiado e enfurecido sob o pensamento à ideia de que Krueger havia seguido sua família antes mesmo de conhecê-los.

Mais dois dias, e Cody iria queimar Krueger e todo o seu maldito programa no chão.

****

Rory conhecia o plano, havia memorizado e revisto com o Breck Crew na reunião de ontem, mas ainda não se dava bem com ela que ela e Aaron seriam a isca para atrair um homem sem alma como Krueger. Também não ajudava que Cody estivesse em um turno de dois dias no posto de bombeiros agora. As coisas sempre pareciam mais claras quando ele estava por perto, instilando confiança nela de que ele nunca deixaria nada acontecer com Aaron.

De repente, ela teve a sensação de que ela era um mergulhador pisando águas infestadas de tubarões sem uma gaiola.

— Você está bem, querida? — Tia Leona perguntou. — Você parece tão distraída esta manhã.

Eles estavam vagando pela calçada em direção à rua principal para aproveitar o desfile do Quatro de Julho. Pelo menos ela veria Cody no carro dos bombeiros, e talvez depois se não recebessem nenhuma ligação. O motor deveria parar no

final da rota do desfile, e os Kellers estavam planejando permitir que as crianças visitassem o caminhão de bombeiros, distribuindo panfletos para os pais sobre fogo de artifício e segurança.

Cody ligou para ela toda vez que tinha uma folga no trabalho, mas falar ao telefone não era o mesmo que vê-lo. De estar cercado por seus braços fortes, enquanto ele assegurou-lhe que tudo ia ficar bem.

— Sim eu estou bem. — Para agora. Amanhã era um assunto completamente diferente. Amanhã ela seria uma minhoca no anzol. Ela apertou a mão de Aaron na dela e sorriu para ele.

— Mamãe, eles têm bandeiras! Posso pegar um?

— Claro. Aqui. — Ela enfiou a mão no bolso e tirou duas notas de dólar. — Certifique-se de dizer, por favor e obrigado.

— Eu vou. — Ele pulou em um círculo rápido e correu para o vendedor. Seu nível de excitação desde que ele aprendeu que eles iam a um desfile hoje estava pegando e era a única coisa que a tinha instalado entre momentos de puro pânico.

Aaron gostava de fazer as coisas por si mesmo. Ele sempre teve, mas hoje foi demais para ela se afastar e deixá-lo ter um pouco de rédea. Hoje, ela o seguiu mais perto do que a sombra dele.

— Há Nina e Doris. Yoo-hoo! Por aqui. — Leona empurrou os óculos mais para cima do nariz e acenou freneticamente para os outros dois terços das Blue-Haired Ladies que estavam atravessando a multidão na movimentada calçada.

Eles riram e se abraçaram e Doris deu beijos de batom vermelho em Aaron em suas bochechas quando ele lhes mostrou sua bandeira em miniatura.

— Temos que ir no nosso carro alegórico, — disse Doris através de um sorriso animado. — Este é o terceiro ano consecutivo em que fomos convidadas a participar do desfile. — Seus amplos seios estavam cheios de orgulho.

Rory recebeu um abraço de mutilação da tia Leona e prometeu sentar-se perto do meio-fio para que pudessem jogar doces extras em Aaron.

Já estava ficando lotado na Main Street, então ela colocou um pequeno remendo no meio-fio em frente ao museu e acomodou Aaron no colo. Depois de alguns minutos, um vendedor de algodão-doce passou, vendendo suas mercadorias açucaradas. Ela comprou para Aaron um buquê rosa do doce e alegremente aceitou deliciosos pedaços de sua pequena e boa companheira enquanto esperavam o desfile começar.

Seu telefone tocou no bolso de trás e ela atendeu.

— Ei, onde vocês estão sentados? — Cody perguntou na outra linha. Era difícil ouvi-lo através da comoção no fundo, mas apenas o som de sua voz resolvia algo nervoso dentro de seu peito.

— Estamos bem em frente ao museu, — ela gritou.

— Isso é Cody? — Aaron perguntou, lábios cor de açúcar rosa batendo.

— Seu filho quer dizer oi, — disse ela através de um sorriso.

— Coloque-o. — O sorriso na voz de Cody ameaçou derreter seu coração como a gota de um sorvete que alguém deixou cair no cimento ao lado deles.

Em uma tentativa de salvar o telefone de pequenos dedos pegajosos, ela o segurou contra o ouvido de Aaron e riu enquanto ele tagarelava sobre sua bandeira e algodão doce. E então ele regalou um conto intrigante sobre como um pássaro tinha feito cocô e a bolha havia pousado bem na frente dele na calçada aqui. Então ele descreveu uma bosta que ele fez no banheiro da tia Leona esta manhã, que parecia exatamente como um coração, e como isso o lembrou de Cody. Rory franziu os lábios para reprimir sua diversão naquele último momento porque Aaron estava muito sério sobre isso. E mesmo que Cody estivesse provavelmente muito ocupado, ele ouviu pacientemente as histórias fecais e respondeu a tudo o que Aaron disse.

Rory amava isso sobre ele. Não importa o que estava acontecendo, Cody sempre foi bom em colocar Aaron antes de qualquer que fosse o caos ao seu redor.

O carro de bombeiros disparou uma buzina pelo telefone e, um instante depois, ecoou pela rua principal.

— Oh! — Rory disse. — Diga adeus a Cody. O desfile está prestes a começar. — Tchau Cody! Estou guardando algodão doce para você!

Na verdade, havia apenas uma fina camada de papel do tratamento deixado ao redor do cone de papelão, mas Aaron parecia disposto a mantê-lo a salvo da multidão que se debatia.

— Vamos vê-lo em um minuto, — ela murmurou no telefone.

— OK. Eu te amo, Rory Dodson.

Seu carinho foi inesperado e seu estômago se encheu de palpitações felizes. — Eu também te amo, Cody Keller. — Ela desligou o telefone com um sorriso descontrolado esticando o rosto.

Demorou mais vinte minutos para o início do desfile alcançá-los. Havia um carro alegórico de elefante e carros antiquados com chifres idiotas. Os karts ziguezagueavam de um jeito ou de outro. O prefeito viajou em um conversível com Breckenridge com ondas de concurso e grandes sorrisos. A

banda do colégio local tocou e marchou pelas ruas cheias de confetes, e uma manada de Cavalos em miniatura eram conduzidos por proprietários que estavam vestidos de vermelho, branco e azul. Um deles parou bem na frente de Aaron e deixou-o acariciar uma pequena baía com um casaco felpudo e glitter rosa nas costas. As senhoras de cabelos azuis andavam de bóia na forma de uma caneca de café e acenavam do lado de dentro. Eles jogaram quantidades ridículas de doces em direção a Aaron e sopraram-lhe beijos, e as outras crianças se aglomeraram ao redor, gritando e juntando doces em seus bolsos.

Aaron não parou de sorrir desde que saíram de casa, e de repente, o coração de Rory parecia grande demais para sua cavidade torácica. Este lugar era exatamente onde eles deveriam estar. Eles passariam por essa loucura com Krueger. Ela sabia disso - sentiu em seu intestino.

Ela estava certa em não sair.

No momento em que o carro de bombeiros do Station 6 apareceu, os aplausos dos espectadores foram ensurdecedores e só aumentaram sua excitação ao ver Cody.

Boone dirigiu o carro, buzinando e piscando as luzes, enquanto Dade segurava o lado, acenando e sorrindo. Ele bateu na janela quando viu Rory e Aaron, e Boone parou. Cody desceu pelas costas e correu em sua direção, vestindo uma camiseta azul-marinho que se agarrava a seus ombros definidos. Os suspensórios seguravam calças pesadas, de aparência relaxada, com tiras de material refletivo. Sob seu capacete havia um sorriso de megawatt quando ele chegou a ela. A multidão murmurou ao redor dela quando ele se aproximou e a levantou.

O alívio cortou seus olhos. — Porra, mulher. Eu quase esqueci como você é linda.

Ela se inclinou e beijou-o quando os gritos irromperam ao redor deles.

O embaraço deixou suas bochechas em chamas quando ele a colocou de volta no chão.

Cody puxou Aaron até seu quadril. — Posso levá-lo no carro? Arie e Tate estão lá em cima com Gage.

— Eu posso, mamãe? — Aaron estava pulando animadamente nos braços de Cody, a bandeira e o cone de algodão doce batendo com o movimento.

Rory inclinou a cabeça para Cody. — Só se você jurar protegê-lo com sua vida, — disse ela, tentando um olhar severo e falhando.

— Eu vou. — Ele se virou, mas mudou de idéia e se virou de novo. Contra seu ouvido, ele disse: - Vai para você também, Rory. Eu vou te proteger com a minha vida. Ele deu um beijo suave em sua bochecha e, quando se afastou, teve a expressão mais estranha do rosto. Preocupe-se, onde seu sorriso tinha sido apenas momentos atrás.

— Eu sei que você vai, — ela murmurou, perplexa com a mudança de humor.

Ele correu de volta para o motor e içou Aaron até os braços de Gage. Arie e Tate estavam aplaudindo de cima e abraçaram Aaron assim que ele os alcançou. Rory riu quando o garoto olhou para ela no meio da multidão. Ele acenou quando ele gritou: — Oi, mamãe! Olhe para mim!

— Eu vejo você, baby!

Cody se acomodou ao lado de seu filho e mostrou-lhe como jogar doces na beira da rua. Ele piscou para ela quando o motor se afastou e suas bochechas coraram novamente.

Depois de mais alguns carros alegóricos, o desfile parecia estar quase pronto, então ela manobrou através das massas, seguindo o motor.

Alguém a esbarrou por trás e uma picada minúscula, como a de uma vespa, espetou a parte de trás de seu braço.

— Mãe santa, — ela murmurou, contorcendo o braço para tentar se certificar de que o bug foi embora. Uma pequena gota de sangue espalhou-se por sua pele quando ela roçou com o dedo. Que diabos? Ela olhou para trás, mas não viu rostos familiares na multidão, e ninguém parecia estar prestando atenção nela.

O cabelo arrepiou-se na parte de trás do pescoço dela enquanto ela se aproximava mais rapidamente através da multidão de espectadores. As pessoas estavam começando a se dispersar da beira da rua agora, e isso estava tornando mais difícil atravessar o labirinto de corpos na calçada. Ela estava perdendo de vista o motor à frente, enquanto seguia firme pela

rua. Uma onda de tontura tomou conta dela, e ela arrastou os pés mais rápido, batendo em uma mulher indo na direção oposta. Rory girou e ficou confusa. Virou-se, ela procurou pelos flutuadores acima das cabeças da multidão reunida, mas a cidade parecia se esticar e se contorcer na frente dela. — Farfignugen, — ela murmurou. — Farfig… nugen. Isso é uma palavra estranha se você diz devagar.

— Eu sinto Muito? — Um homem ao lado dela disse com uma peculiaridade confusa para suas magras sobrancelhas.

— Farfignugen não é uma palavra estranha? — Ela arrastou, balançando em seus pés e segurando o braço dele.

— Eu não acho que é uma palavra, — disse ele, em seguida, arrancou os dedos dele e se afastou.

Sua cabeça parecia estar pendurada no pescoço, como um planeta ao redor do sol, e ela tropeçou para o lado da passarela e segurou a parede de uma loja de camisetas. Ela ia ficar doente ou desmaiar, e agora, ela não conseguia decidir qual.

Seu estômago estava frio, como se ela tivesse engolido pedaços de gelo, e o suor salpicado na testa dela, enquanto ela achava cada vez mais difícil respirar.

— Whoa, lá, — disse um senhor mais velho com a mais sedutora sombra de cabelos prateados. Ele a apoiou na posição e perguntou: — Quanto você bebeu?

— Nada. — Uma dor de cabeça estava se formando atrás de seus olhos, e ela não conseguia mais enxergar direito. Olhar para a multidão fez com que ela se sentisse como se estivesse em uma montanha-russa, então, em vez disso, olhou para o chão e tentou se firmar.

— Bem, claramente, você jogou de volta um pouco demais. Deixe-me ajudá-la a sair ao lado para que você não seja atropelada.

— Tudo bem, — ela sussurrou enquanto sua língua começou a ficar muito inchada para falar. O homem gentil a acompanhou até um beco, e quando os joelhos dela começaram a falhar, ela olhou para cima para ver Shayna abrindo as portas de uma van.

— O que você está fazendo aqui? — Rory perguntou, trancando os joelhos e tentando escapar do aperto do homem.

Shayna imitou o que ela disse.

— Deus, você é tão chata. Isso é exatamente o que Cody pediu ontem. — Shayna sorriu uma expressão felina como ela arrastou Rory para a parte de trás da van. — Logo antes de ele me foder.

— O quê? — A garganta de Rory ficou seca e seus membros não estavam funcionando mais para lutar contra o que estava acontecendo. Cody não faria isso. Ele não faria isso!

A porta se fechou e a escuridão desceu sobre ela. Tudo estava entorpecido, mas seus lábios, e até aqueles estavam começando a formigar. Quando as bordas de sua visão se turvaram e se despedaçaram, o gentil homem tomou seu lugar atrás do volante e se contorceu em seu assento.

— Oi, Rory Dodson. É bom finalmente conhecê-la.

Rory se esforçou para empurrar o ar além de suas cordas vocais apertadas - lutou para manter as pálpebras pesadas abertas por mais um momento, porque ela tinha que saber. Quem, quem é você?

Seu sorriso era lento e vazio, não conseguindo alcançar seus gelados olhos azuis. — Eu sou John Krueger.

# Capítulo Quinze

O sono puxou Rory como a lama de um pântano, mas foi um ruído que a fez romper a superfície da escuridão. Rosnando e rugindo encheu o velho celeiro que turva diante dela quando ela tentou se concentrar. Aquele não era o barulho que arrepiava seus braços, no entanto. Foi todo o tiroteio.

Um copo de água ao lado dela explodiu, e pequenos pedaços de vidro cortaram a pele de seu braço. Ela não sentiu isso. Em confusão, ela olhou para os golpes vermelhos. Alguns tiros apimentados terminaram com uma saraivada antes que o tiroteio cessasse. Ela deveria estar apavorada, mas tudo parecia surreal, e seu corpo estava praticamente flutuando. Ela deve estar sonhando.

Mas quando ela limpou a garganta ressecada e apertou os olhos para se concentrar em seu entorno, um homem vestido com um uniforme preto de aparência militar, completo com capacete e colete à prova de balas, correu na frente das portas

do celeiro e entrou na floresta. Homens estavam gritando. Alguns gritavam de dor. Ela piscou rapidamente, tentando limpar a lama de sua mente.

Ela vive disse Krueger suavemente ao lado dela. — Eu talvez exagerei na dose, mas com certeza você pode entender. Estou acostumada a lidar com monstros.

Quando os cortes em seu braço começaram a queimar, Rory olhou ao redor, aterrorizada. Contra uma parede de baias de cavalos, uma longa mesa tinha sido montada com fileiras de instrumentos horripilantes. Krueger encostou-se a outra mesa, esta velha e de madeira, ao contrário da de plástico de aparência estéril que continha os dispositivos de tortura. Seus braços estavam cruzados sobre o peito, seus olhos azuis de cristal sobre ela como se estivesse estudando um inseto ou roedor. Ele usava um colete grosso de Teflon sobre uma camisa abotoada.

— Eles não são monstros, — disse ela, sua voz quase um silvo. — Você que é.

— Eu conheço muitas pessoas americanas boas e trabalhadoras que discordariam de você.

— Você não dá crédito suficiente ao público americano. — Sua garganta parecia ter engolido cascalho, e ela tossiu para soltar suas cordas vocais.

Ela não estava nem amarrada na cadeira de balanço em que estava sentada, mas não importava.

Ela não podia mover seus braços ou pernas para escapar se tentasse. Ela se sentia sem ossos.

— Você está bem prestes a fazer parte da história, — disse Krueger, empurrando a mesa e expondo um conjunto de minúsculos controles remotos pretos.

Uma contagem rápida disse a ela que havia oito deles. Cada um tinha um número gravado nele e um botão vermelho no centro.

Krueger seguiu seu olhar. — Você provavelmente está se perguntando o que são e por que você está aqui. Com razão. Isso deve ser um desvio do que você achou que encontraria quando trouxe seu filho para a Breck Crew. Cada operativo é atribuído um número. Ele levantou o controle remoto no final. — Sua companheira é operativa 647.

— Não toque nisso, — ela implorou enquanto ele passava o polegar sobre o botão vermelho. Ela não sabia o que fazia, mas sabia que não devia confiar em um homem como Krueger com um botão do juízo final. Ele parecia o tipo que se deleita muito com o poder.

— Você gostaria de um segredo?

Não. — Sim.

Esses pequenos dispositivos são o que vai me ajudar - nos ajudar - a fazer história. Este é o controle, Sra. Dodson. Isso é o que eu tenho que mantêm shifters gerenciáveis, especialmente aqueles com o tipo de armas e treinamento de luta que os Kellers têm. — Ele virou a cabeça para as portas do celeiro e gritou: — Traga-as!

Uma horda de homens entrou como formigas que saíam de um monte, mas Rory estava tendo problemas para tirar os olhos do controle remoto na mão de Krueger. Quando ele finalmente o colocou no chão com um sorriso conhecedor, ele disse: - Foco, Srta. Dodson. Eu não quero que você perca o show. Ele deslizou seu olhar morto para os homens do outro

lado da sala. — Cody. Estou tão feliz que você possa se juntar a nós.

Com um suspiro, a atenção de Rory foi para o buraco que estava se formando nas fileiras. No centro, Cody, Boone e Dade foram empurrados de joelhos. Boone e Dade olharam para Krueger com ódio, mas os olhos de Cody estavam nela. O jeans se agarrava à sua cintura nua, que estava ofegante a cada respiração, e um corte em seu flanco corria carmesim sobre as cristas de músculos que flexionavam com exalação. AS manchas de sujeira cobriam ele e seus irmãos da cabeça aos pés, mas Cody parecia ter sofrido a pior surra dos três. Seu rosto já estava inchado no lado direito, e um corte em sua linha do cabelo fez seus olhos verde-dourados parecerem ainda mais brilhantes cercados por todo aquele vermelho.

— Você está bem? — Sua voz saiu rouca como se ele não tivesse usado em muito tempo.

Ela assentiu, o que foi uma melhoria, porque significava que ela estava se sentindo de volta. Suas mãos começaram a formigar, como se estivessem acordando depois de dormir mal. E quando ela olhou para baixo, seu dedo se contraiu no braço

da frágil cadeira de balanço. Ela só precisava comprá-los mais tempo.

— Eu não entendo porque você está fazendo isso, — ela disse. — O que eles já fizeram com você?

— Ah, você quer dizer além de levar a coisa mais importante da minha vida para longe de mim? Minha mãe morreu quando uma daquelas *coisas* tentou transformá-la. Agora, eu não sou um homem estúpido, e eu vejo o valor em suas habilidades para programas como este, mas com certeza você pode ver porque minha história com essas criaturas me deixa um pouco... com o dedo feliz. Hoje é diferente, no entanto. Hoje, estamos colhendo espécimes vivos, e é por isso que você ainda está respirando, Srta. Dodson. Parabéns pelo papel que você desempenhou. A ciência estará para sempre em dívida com você.

— Foda-se a ciência, — ela rosnou.

Krueger franziu a testa como se estivesse realmente surpreso. Foi tudo um ato, no entanto. Um homem tão vazio quanto ele não poderia ser sincero se sua vida dependesse disso. — Você sabe o quão rápido eles se curam? Suas

habilidades regenerativas são surpreendentes. Foi o que os tornou opções mais viáveis para as missões que precisávamos, onde as taxas de sobrevivência eram quase nulas. Cody já te contou tudo o que ele teve que fazer na guerra? Se ele não tiver, você perdeu. Ele tem bastante a história colorida em combate.

— O que você quer, Krueger? — Cody disse suavemente, puxando os olhos para o manipulador de cabelos prateados.

Dade inclinou a cabeça e sorriu. — Você é uma droga na hora da história, e nós temos merda para fazer.

Raiva afundou nas rugas profundas no rosto de Krueger. — Oh, você agora? Você está com pressa de ser fatiada e estudada? Longe de mim para mantê-lo esperando. Eu só preciso de dois, no entanto.

— Então deixe-a ir, — implorou Cody. — Ela não fez nada de errado.

— Porra, Keller, — Krueger gritou explosivamente. — Você estava fazendo isso bem! Quão fodidamente previsível você implora por sua vida antes da sua própria. Veja, é por isso que seu tipo foi condenado desde o primeiro salto na evolução que criou você. É por isso que você está destinado a falhar como

espécie. Seus instintos de sobrevivência começam a circular pelo ralo assim que você encontra um parceiro. É patético mesmo. Krueger olhou para os controles pretos atrás dele e suspirou como se estabilizasse sua explosão. Ele puxou três controles remotos pretos e cantou — Eeny meeny miney mo, — para as risadas cruéis dos homens com armas treinadas em Cody e seus irmãos.

— Não! — ela disse, cerrando os punhos e curvando os dedos dos pés. — Cody, os rastreadores!

A percepção se chocou com as feições endurecidas do seu companheiro no segundo em que as palavras saíram de seus lábios. Em um movimento suave, ele deslizou um canivete de sua calça jeans e agarrou o pescoço de Boone antes de cortar habilmente. Suas mãos se moveram tão rápido que ele ficou embaçado. Boone cerrou os dentes e fechou os olhos quando Cody enfiou o dedo no pescoço e o enganchou em torno de algo sangrento e não maior que um comprimido para dor, e tudo no espaço de um segundo. Ele se virou para Dade quando os homens acima deles avançaram e os cobriram completamente de sua vista.

Rory usou cada grama de sua força para empurrar para cima e cair contra Krueger, que se atrapalhou com os controles quando ela bateu em seu lado. Um caiu no chão com ela, mas não foi um 647.

Desesperada, ela puxou a calça do terno de Krueger e afundou seus dentes seu berro até que ela pensou que eles cairiam de sua boca. O sangue corria contra sua língua, a engasgando, mas ela não se importava. Ela não tinha a força ou a sensação de se levantar de novo, ainda não, e isso era o melhor que ela podia fazer contra o homem que estava tentando roubar tudo dela.

Krueger gritou de dor e chutou seu ombro com força. Estrelas explodiram em sua visão periférica. — Muito tarde! — Ele gritou para ela quando ele apertou o botão em um dos controles remotos.

— Cody! — ela gritou.

Gritos duplos de agonia encheram o celeiro, mas ela não conseguia ver nada - não poderia dizer se foram os meninos que se machucaram. O caos diminuía e fluía quando os homens foram derrubados ao lado por alguma força invisível.

— Não mate os outros dois. Eu preciso deles vivos! Krueger ordenou. Boone e Cody estavam de pé, lutando, jogando os punhos enquanto a lâmina brilhava.

A mão de Cody, mutilando. Ele cortou para cima, cortando o pescoço de um homem. Girando, ele deu uma cotovelada em outro no nariz antes de puxá-lo por cima do ombro e batê-lo contra outro.

— Boone, mude! — Cody berrou e a resposta de seu irmão foi instantânea.

Dois ursos pardos explodiram deles, enviando ondas de poder e fúria crua em sua pele. Onde estava Dade?

Ela procurou no chão, e o mais novo Keller estava deitado em uma pilha amassada entre os ursos. Estavam protegendo-o, mas não ajudaria na medida em que seu pescoço estivesse sangrando. Ele segurou firme, mas a dor enrugou seu rosto, e ele estava ofegante.

— É o ácido, — Krueger murmurou com um sorriso frio. — Eu nunca tive a oportunidade de ver de perto. Normalmente, eu desativo meus animais de estimação de mais longe. Cada cápsula pode monitorar seus sinais vitais, quando

estão loucos ou felizes. Eles monitoram suas endorfinas enquanto fazem sexo. Cody teve bastante o show quando ele transa com você, a Sra. Dodson. Eu posso rastrear onde eles estão dentro de alguns metros, e a melhor parte de tudo é o interruptor de matar. Detonar a cápsula e o ácido explode para fora, corroendo a artéria no pescoço. É atado com remédio que dilui o sangue e interrompe a coagulação. Ele vai sangrar antes que a ajuda possa chegar.

Um soluço arrancou da garganta de Rory quando ela se arrastou em direção a ele. Ela tinha que ajudar Dade. Teve que parar o vermelho que estava saindo de sua garganta enquanto seus irmãos lutavam para protegê-lo.

— As tripulações são tão patéticas, — disse Krueger, seguindo atrás dela. Todos vocês têm esse desejo de garantir que os outros morem, não importa o custo para você. — O estalo de metal no metal enquanto ele armava uma arma a congelou no chão coberto de cascalho. Seus olhos se estreitaram com determinação enquanto seu dedo descansava no gatilho. — Eu gostaria que um de vocês me surpreendesse e tentasse salvar sua própria porra de vida.

Metal brilhante navegou pelo ar e a faca de Cody afundou no espaço entre o colete protetor de Krueger e sua garganta.

— Rory, mexa-se, — Dade disse, agachando-se agora e segurando seu pescoço. Vermelho correu entre seus dedos, fazendo gotículas de lama no chão sob seus pés.

Sua garganta entupiu de terror quando se arrastou em direção a Dade. — Não toque isso, — ele murmurou quando ela chegou a ele. — Isso vai te queimar. — Puxando sua camisa, ela lançou um olhar sinistro para Krueger, que estava puxando a faca que Dade tinha jogado lentamente por cima de sua clavícula. Cody e Boone andavam em círculos ao redor dela e Dade, uma barreira protetora entre eles e os mercenários com fuzis de assalto treinados. Ela tirou a blusa e enfiou no pescoço de Dade para tentar estancar o fluxo de sangue.

Um som mecânico reverberou das vigas acima deles, e Rory olhou para cima a tempo de ver uma rede de cordas grossas caindo na direção deles. Ela gritou e cobriu o corpo de Dade com os seus próprios, enquanto os acordes pesados a atingiam nas costas. Os imensos ursos acima dela cortavam suas garras e rangiam seus longos caninos, mas não adiantava.

As bordas tinham sido esmagadas com pedregulhos, e os homens sobre eles usavam as pontas de suas armas para forçar Cody e Boone de volta ao centro da rede.

O medo atingiu Rory quando ela foi atingida pela perna de trás de Boone. Ela não conseguia respirar, não conseguia pensar. Tudo o que ela sabia era que Dade estava sangrando contra seu antebraço e sua respiração estava começando a ficar rasa. Algo estava errado com a pata de Cody. Foi mutilado e pendurado estranhamente em seu braço. A pele parecia quimicamente queimada, como a lesão no pescoço de Dade.

Era isso. Este era o lugar onde eles iam morrer.

— Cody, — ela chorou, lágrimas quentes derramando seu rosto quando Krueger levantou a arma em direção a ela. Era isso. Este foi o seu adeus. — Eu te amo.

Seu companheiro se virou para ela, os olhos vidrados de raiva. Arqueando o pescoço contra a rede pesada, ele gritou um rugido desafiador.

Ela pressionou o pescoço de Dade com a mão. O urso que ela amava cambaleou na frente dela, o corpo coberto de pele bloqueando o tiro de Krueger. Quando a arma se inclinou uma

segunda vez, agarrou-se à poderosa perna de Cody, soluçando ao ver o quanto era injusto.

Ela só tinha conseguido ele de volta. Ela havia se apaixonado pela primeira vez, apenas para ter o que eles compartilhavam ridicularizados e rasgados. Aaron cresceria sozinho. *Aaron* Quem protegeria seu bebê agora? Rory fechou os olhos e inalou o cheiro do pêlo de Cody, preparando-se para a explosão inevitável que rasgaria o homem que amava.

Um rugido longo e estridente sacudiu a poeira das vigas, tão alto que Rory estremeceu quando seus tímpanos ameaçaram explodir. O som era pré-histórico e eletrificou os finos cabelos de seu corpo.

— Que porra é essa? — Krueger gritou. Uma batida de silêncio se seguiu antes que ele gritasse: — Cuide disso!

Cody olhou para Boone enquanto os homens armados saíam do celeiro. O terror a apanhava como chuva de fogo sobre eles no segundo em que saíam. Alguns retardatários correram de volta para a segurança do celeiro, horror escrito em seus rostos e no branco de seus olhos. Fumaça preta grossa

subia atrás deles, engrossando no ar até que era difícil respirar sem engasgar com a fumaça.

Um homem alto de ombros largos atravessou a fumaça. Seu cabelo estava escuro, e seus olhos intensos agitaram ouro na luz suave do celeiro. Manchas de cinzas riscavam seu rosto. Ele carregou um machado e balançou-o para cima em um arco gracioso quando um dos homens de Krueger correu para ele. Uma pimenta de fogo disparou a sua esquerda, mas o homem se abaixou como se esperasse a ameaça. O clique da câmara vazia do atacante deu ao resgatador tempo suficiente para pular no homem e empurrá-lo na frente dele, protegendo-o de outra saraivada de tiros.

Dade agarrou a parte superior de seu braço e sorriu para o homem que lutou com graça mortal.

Ele era tão alto quanto um pau-brasil e tão forte quanto cada um, derrubando os poucos lutadores que restavam. Um tiro disparou da arma de Krueger, mas o homem se desviou facilmente do caminho e levantou o machado a tempo de a bala irromper. Arqueou um olhar de ódio puro, ele virou o machado na mão e atirou-o. De ponta a ponta, girou até afundar no colete

de Krueger. Ele explodiu para trás, a arma voando de sua mão e aterrissou com força contra a mesa com os controles remotos.

O portador da morte de cabelos escuros estava sobre ele antes que Krueger segurasse os pequenos interruptores de matar. Ele puxou Krueger para cima e puxou o colete de seu torso, em seguida, o arrastou chutando e lutando em direção à porta.

O homem bateu Krueger no chão, que rolou de um lado para o outro, ofegando como se o vento tivesse sido arrancado para fora dele.

O homem puxou o machado do colete e cortou a rede até que houvesse um buraco grande o suficiente para que os ursos passassem. Cody afundou de volta em sua pele humana novamente, seguido por Boone. Quando eles estavam livres da rede, Cody a puxou protetoramente contra as costas dele com a mão boa dele.

— Quem é você? — Krueger ofegou.

— Meus amigos me chamam de Bruiser, — disse o estranho sombrio. — Você pode me chamar de Horace Keller.

— É bom ver você de novo, irmão, — Dade raspou de seu lugar encostado no ombro de Boone.

— Meio irmão, — Bruiser disse com um olhar duro. Virando-se, ele acenou uma pequena saudação para Rory e voltou sua atenção para Krueger. — Seus homens estão todos mortos - prova que a boa merda acontece com pessoas boas, e coisas ruins acontecem a pessoas ruins. Você está livre para ir.

Krueger ficou de pé, inseguro. — O que você quer dizer?

— Quero dizer, — Bruiser disse, girando a alça de seu machado ritmicamente, — eu não vou impedi-lo de sair.

— O que há lá fora? — Krueger perguntou com uma voz desconfiada e trêmula. — O problema com as agências secretas é que você acha que sempre tem a mão superior. Os impostos e um fluxo constante de informações fazem você se sentir seguro. Ficar escondido do público faz você se sentir à frente do jogo. Problema com seu pequeno programa é que você mexeu em merda que é melhor estar enterrada, e então você trouxe uma faca para uma briga de armas.

— O que isso significa? — Krueger perguntou, estreitando sua espinha.

Bruiser agarrou a frente de sua camisa e empurrou-o para fora da porta aberta. — Isso significa que você tem rastreadores e chantagem. Nós temos dragões.

Dentes enormes apertaram ao redor de Krueger enquanto um vento soprando enchia o celeiro. Rory reprimiu um grito e se agachou para manter o equilíbrio enquanto a lendária criatura voava tão baixo que o prédio tremeu. O dragão arqueou as costas e apontou para o céu. Escamas de prata se desvaneceram em um azul efervescente e depois voltaram à prata em um padrão deslumbrante. Garras gigantes empurraram o chão, explodindo crateras na terra onde ele se tocava. O grito de Krueger desapareceu a nada quando a criatura desapareceu da porta. Rory correu para fora com os outros enquanto o dragão pegava correntes de ar com poderosos impulsos de suas asas. Sua cauda estava cravada e fluiu em movimentos de serpente quando o dragão se ergueu em direção ao sol.

Ao redor deles, os homens de Krueger estavam em pilhas. Seu lugar de descanso final era uma clareira que estava

carbonizada e latente. Fumaça subia do chão, mas não havia chamas. Sentindo-se doente, Rory tossiu e cobriu a boca.

— Como diabos você convenceu Damon Daye a se juntar à nossa causa? — Cody murmurou, uma carranca profunda no céu acima.

Bruiser enfiou as mãos nos quadris e cortou um olhar severo para seu meio-irmão. — Ele tem interesse na família Keller agora.

— Significado?

Com um suspiro explosivo, os olhos de Bruiser se apertaram enquanto ele observava o dragão desaparecer nas nuvens. — Significa que prometi casar com a filha dele.

# Capítulo Dezesseis

Rory se acomodou no balanço da varanda que Cody havia erguido apenas para ela. Ela gostava de ler quando o tempo estava bom ou quando era hora de os meninos de sua vida cederem ao chamado do animal.

Depois de tirar o grosso cobertor da parte de trás, ela esticou o material macio sobre o colo e enrolou as pernas para baixo dela. Com rosas e laranjas desbotando para o cinza, o pôr-do-sol aqui era o mais bonito que já vira com rosas e laranjas desbotando para o cinza. Ela encontrou muito no Colorado.

Claro, o rescaldo de seu sequestro foi difícil. Ela ficou em choque por alguns dias, mas uma lenta sensação de alívio a cobriu com o passar do tempo e nenhuma outra agência governamental veio buscá-los. Cody disse que era apenas uma questão de tempo. Ele e Boone tinham tirado vídeos e fotos do que havia sido feito, dos interruptores de morte e provas

incriminatórias que encontraram em uma van de vigilância que pertencia a Krueger. Eles documentaram as horríveis queimaduras no pescoço de Dade, das quais ele mal sobreviveu. Graças à cápsula estar meio fora de sua garganta e na mão de Cody quando Krueger tinha detonado, os irmãos compartilharam esse fardo e usariam as cicatrizes daquele terrível dia pelo resto de suas vidas.

Ela perguntou a Cody se sua mão queimada o incomodava, mas ele apenas disse: — Significa que meu irmão está vivo. Eu também mutilaria a outra mão, se me desse o mesmo resultado.

É assim que Cody era, no entanto. É o que fez dele um bom irmão e um bom companheiro. Essas decisões difíceis foram o que fez dele um grande alfa para o Breck Crew.

Ele tinha pesadelos agora. Ele não falava muito sobre eles, mas acordava com um sobressalto, suando, peito arfando. Ele sempre a abraçava e apertava o nariz dele contra a pele dela em noites como aquela, como se ele a estivesse usando para ancorá-lo no presente. Ela não podia ter certeza, mas

provavelmente os fantasmas dos shifters que ele tinha sido forçado a matar estavam assombrando ele.

Shayna estava no vento e esperançosamente permaneceria assim agora que seu time não era nada além de cinzas. Rory se perguntara em voz alta uma vez sobre o que acontecera com os corpos da IESA, mas Cody assegurou que Damon Daye cuidava deles. Apenas o pensamento do homem e todo o poder que ele aproveitou despejou medo nela e fez seu coração bater. Sua forma de shifter era linda, mas era igualmente mortal. Isso a fez infinitamente feliz por terem estado sob sua proteção e não no lado perdedor de sua ira.

Um par de dias após a batalha, Bruiser voltou para Montana para sua amada Ashe Crew. Ele parecia desconfortável aqui e em desacordo com os homens de Keller. Ele estava praticamente zumbindo de alívio quando o levou ao aeroporto. O Breck Crew estaria sempre em dívida com ele, mas o elogio parecia deixar o homem inquieto.

Ele disse a ela: — Pare de me agradecer. Isso é apenas o que a família faz. Eles estão lá um para o outro. E quando eles precisavam dele, e isso importava, ele tinha sido.

Bons homens apimentavam a linhagem de Keller, e ela estava orgulhosa de que Aaron teria modelos tão fortes para observar enquanto crescia.

— Mamãe? — Aaron perguntou, hesitando na porta.

— O que é isso, querido? — Ela estendeu os braços para que ele viesse abraçá-la no balanço da varanda.

— Cody e eu temos algo que queremos dar a você.

Seu cabelo loiro estava desgrenhado, e sua camisa não estava em lugar nenhum. Jeans se agarrava a seus quadris estreitos em uma roupa que ela reconheceu como suas roupas em movimento. Cody usava a mesma coisa quando ele saiu para a floresta, e ela sorriu com o quanto Aaron o imitava.

— Um presente?

Aaron assentiu solenemente enquanto Cody seguia atrás dele, a camisa faltando assim como o filho dele.

— Suba no colo da sua mãe, garoto. Quero fazer uma pergunta importante para vocês dois.

Rory abraçou Aaron com força e sorriu sem pensar em Cody.

— Vamos lá. — Cody ajoelhou-se em um joelho, as tábuas rangeram sob seu peso.

Uma inalação aguda de ar tomou a garganta de Rory quando ela se sentou, agarrando Aaron. Imediatamente, os olhos dela ficaram embaçados quando Cody abriu uma caixa de prata que ele tirou do bolso. No interior, uma simples faixa de ouro forrada com minúsculos diamantes cintilantes brilhava na iluminação da luz da varanda.

— Oh, Cody, — ela respirou.

— Eu sei que não conversamos muito sobre mim, transformando você, e para ser honesto, eu não me importo se você é shifter ou humano. Mas eu quero meu sobrenome em você e em Aaron. Eu quero que você seja minha em mais maneiras do que apenas sermos unidos e acasalados. Eu quero tudo de você, Rory Dodson. E eu não tenho o direito de pedir mais porque você já me deu algo de valor inestimável. — Sua voz engasgou e ele sorriu para Aaron e esfregou a cabeça. — Você me deu o nosso filho, e então você foi mais longe e me amou apesar de toda a sujeira que teria mandado uma mulher mais fraca fazer as malas. — Cody se inclinou para frente e

engoliu em seco. — Aaron, eu não quero mais você me chamando de Cody. Eu sou seu pai e ficaria orgulhoso se você me chamasse assim daqui em diante. OK?

Aaron sorriu para Rory, depois acenou para Cody.

— E Rory, — Cody murmurou, sua voz baixa. — Eu vejo que você segura o nosso filho quando ele está dormindo, e eu vejo seus olhos amolecerem quando você está ao meu redor, e eu acho que não posso amá-la mais do que neste momento agora. Mas então você faz outra coisa que me surpreende, e eu tenho esse mesmo sentimento sem fôlego uma e outra vez. Eu me apaixono por você todos os dias. Eu já sou o homem mais sortudo do mundo que você me escolheu como seu companheiro, mas eu ficaria honrado se você fosse minha esposa também. Rory, você vai se casar comigo?

Ela já estava fungando como uma chorona quando assentiu e estendeu a mão para ele colocar o anel. Ela riu grosseiramente quando Cody os pegou ambos fora do balanço em um abraço de urso que a fez se sentir segura, quente e amada, de uma só vez.

Como poderia ser o homem que ela conheceu em um bar todos aqueles anos atrás que acabou por ser o único homem no mundo forte o suficiente para segurar seu coração? Ele era corajoso, protetor e leal e podia carregar o peso do mundo em seus ombros e fazê-lo parecer uma carga leve. Ele empoderou-a, encorajou-a, amou-a com abandono ou contenção. Ele a ensinou que não havia problema em se apoiar em outra pessoa. E vê-lo como pai para Aaron a fez se apaixonar ainda mais profundamente por ele.

O destino tinha uma maneira engraçada de resolver as coisas. Eles tinham lutado separados e depois lutaram para ficarem juntos, mas valeu a pena por este momento, bem aqui.

Um rosnado suave sacudiu o peito de Aaron enquanto ela pressionava beijos por todo o rosto.

Com uma risada ofegante, ela beijou os lábios de Cody.

— Yupiiii, — Aaron reclamou.

Rindo, Cody baixou Aaron para o chão, depois levantou o queixo do menino. Aaron olhou para ele com aqueles olhos de ouro lamacento, um traço de Keller que ele herdou de Cody

junto com sua marca de nascença. — Você está pronto para deixar seu urso sair?

Aaron gritou e enfiou o punho minúsculo no ar, depois desceu a escada da varanda em direção ao pátio, o peito estufado. — Tchau, mamãe! — ele chamou, acenando de uma mancha de grama selvagem balançando. — Papai e eu temos que ir carregar coisas agora. Oh! ele disse, voltando alguns passos. — Você pode, por favor, me fazer nuggets de frango quando eu voltar? E fatias de maçã? E leite?

— Sim, claro, já que você perguntou tão educadamente, — disse ela, encostando a bochecha no ombro de Cody enquanto ele ria da ordem de comida do filho.

Cody deslizou o braço ao redor de sua cintura e puxou-a para perto de seu lado enquanto observavam Aaron chutar para fora de seu jeans e se transformar no pequeno filhote de urso que Rory sempre protegeu. Suas Mudanças não eram mais dolorosas - não como costumavam ser quando ele lutou contra o animal dentro dele.

Ela não tinha mais medo dele porque Cody dera ao filho um presente maior do que qualquer um que ela pudesse

imaginar. Ele ensinou Aaron a manter sua mente quando ele mudou. Não havia mais gaiolas ou temendo a fera. Aaron estava animado e feliz em mudar. Qualquer um podia ver que ele florescera aqui nas montanhas do Colorado sob a instrução cuidadosa de Cody e adoração abundante.

Rory respirou fundo quando seu coração se encheu de felicidade. — Você vai voltar para mim em breve? — Ela sempre perguntava isso antes de ele levar o filho para mudar na floresta.

Cody sorriu para o pequeno filhote que estava pulando pela grama, perseguindo um vaga-lume.

Toda vez que sua resposta era a mesma.

— Sempre.




SÉRIE FIRE BEARS